MYER PEARLMAN

MATEUS

O EVANGELHO DO GRANDE REI



MYER PEARLMAN

MATEUS

O EVANGELHO DO GRANDE REI



MYER PEARLMAN

MATEUS

O EVANGELHO DO GRANDE REI

CPAD

MYER PEARLMAN

MATEUS

O EVANGELHO DO GRANDE REI

Tradução: Gordon Chown

2ª edição

CPAD

Rio de Janeiro
2020

Todos os Direitos Reservados. Copyright © 1995 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Título: Mateus, O Evangelho do Grande Rei

Autor: Myer Pearlman

Capa: Fábio Longo

Tradução: Gordon Chown

Conversão para ebook: Cumbuca Studio

CDD: 220 - Bíblia

e-ISBN: 978-65-86146-05-9

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: https://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro - RJ

CEP: 21.852-002

2ª Edição/2020

Índice

-

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Índice

1. O Nascimento de Jesus

2. A Tentação de Jesus

3. As Marcas de Um Verdadeiro Discípulo

4. Os que Professam e os que Possuem

5. O Senhor para o Corpo

6. A Cura do Criado do Centurião

7. A Cura de Dois Cegos e Um Mudo

8. Abandonando Tudo por Cristo

9. A Cura da Mão Ressequida

10. A Responsabilidade do Ouvinte

11. Um Tesouro e Um Teste

12. O Rei Mau e o Profeta Destemido

13. A transfiguração de Jesus

14. Uma Lição de Perdão

15. O Jovem Rico

16. O Serviço e Suas Recompensas

17. A Entrada Triunfal de Jesus

18. O Caráter Julgado pelos Atos

19. A Tragédia de Desprezar a Graça

20. Jesus Denuncia a Hipocrisia

21. A Estultice de Não Estar Pronto

22. A Oportunidade, a Fidelidade e a Recompensa

23. A Última Ceia

24. A Crucificação de Jesus

25. Cristo Triunfa Sobre a Morte

Landmarks

Capa

Folha de Rosto

Página de Créditos

Sumário

Início

O Nascimento de Jesus

Texto: Mateus 2.1-23

Introdução

Embora endereçado a todas as nações, o Evangelho de Mateus tem como objetivo apresentar as reivindicações de Cristo ao povo judeu. O autor comprova que Jesus de Nazaré é o Messias e o Rei prometido no Antigo Testamento, e que o Cristianismo é o fiel cumprimento da Antiga Aliança.

A matéria de Mateus centraliza-se no tema “O Rei e seu Reino”. Depois de descrever a descendência terrestre do Rei (1.1-17) e sua origem divina (1.18-25), o escritor conta-nos como o mais ilustre representante da casa de Davi é recebido pelas várias classes sociais. Este é o assunto básico de nosso texto.

I - O Rei Anunciado de Modo Sobrenatural (Mt 2.2)

“Vimos a sua estrela no oriente”. O nascimento do Menino Jesus foi anunciado aos gentios mediante o aparecimento de uma estrela singular.

1. Um sinal sobrenatural. Nas Escrituras, a estrela é o símbolo do Grande Rei (Nm 24.17), e foi exatamente assim que os magos a interpretaram. "Onde está aquele que é nascido Rei dos judeus? porque vimos a sua estrela no oriente". Infelizmente, a estrela mencionada em Números 24.17 seria aplicada pelos judeus a um falso messias em 135 d.C. Nessa ocasião, deram-lhe o nome de Bar-Khoba que quer dizer "filho da estrela".

Números 24.17 fala de "uma estrela de Jacó". A palavra "estrela" sugere a origem celeste de Cristo, e "de Jacó", a terrestre. Como conciliar tais declarações? Jesus, pelo nascimento virginal, era ao mesmo tempo Filho de Deus e Filho do homem. Concebido pelo Espírito Santo, era "Estrela"; nascido de Maria, era "da casa de Jacó".

2. Um sinal perturbador. "E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e toda Jerusalém com ele". Herodes era um rei cruel e opressor. Meio judeu e meio edomita, fora colocado no trono pelos romanos. Suas muitas suspeitas faziam-no ver complôs por toda parte. Além disso, havia na Judéia constantes perturbações por causa de falsos messias. Tendo, pois, ouvido falar do menino que nascera rei dos judeus, muito mais temeu pelo trono. Por isso, buscou destruir aquEle a quem considerava um rival político.

O povo de Jerusalém também estava perturbado. De há muito achava-se que uma grande mudança estava prestes a acontecer em Israel e no mundo. E, agora, o anúncio do nascimento de um príncipe hebreu causa comoção, pois, segundo as Escrituras, o Messias haveria de julgar e libertar o povo de Israel.

II - O Rei Diligentemente Procurado (Mt 2.3-8)

Os magos mencionados por Mateus eram:

1. Gentios. O evangelista registrou este incidente para deixar claro que o Salvador veio procurar gentios e não somente judeus. Queria também que ficasse bem patente aos seus compatriotas que a adoração do Menino Jesus pelos magos prenunciava a aceitação universal de Cristo. Quanto à perseguição movida pelo rei contra o infante, prenunciava a rejeição posterior de Cristo pelo povo de Israel. Confira Mateus 8.5; 10-12; Atos 13.46,47.

2. Magos. Eram membros da classe sacerdotal da Babilônia e da Pérsia, especialistas no estudo das estrelas e interpretação de sonhos. Talvez houvessem se inteirado da iminência do nascimento de Cristo através dos judeus que viviam naquela terra. Ou, quem sabe, tenham ouvido seus ancestrais relatarem o que acontecera séculos antes a Balaão que, nas províncias de Moabe, previra o aparecimento da estrela de Jacó. Levemos em conta também que, Daniel, tornado chefe dos sábios da Caldéia, predissera a vinda do Messias e a instalação do seu reinado.

3. Pesquisadores. Buscavam a Deus com toda a sinceridade, esforçando-se por achar as suas verdades nas estrelas. Recompensados foram seus esforços à vista da estrela que os levou à Verdade do Altíssimo encarnada. A estrela conduzia-os à Judéia, e, por um tempo, perderam-na de vista. Naturalmente foram à capital religiosa de Israel procurar mais informações. Já inteirado dos fatos, Herodes convocou uma reunião com líderes religiosos, que lhe informaram: segundo as profecias, o Cristo nasceria em Belém. Com hipocrisia sem igual, Herodes pede aos magos lhe tragam notícias a fim de que também possa ele adorar o Menino.

III - O Rei Descoberto com Alegria (Mt 2.9-11)

“E tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela que tinham visto no

oriente, ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino". Sua alegria dá-nos a entender que a estrela nem sempre era visível. Ela ia à frente não para mostrar o caminho de Belém - provavelmente deles conhecido - mas para dirigi-los ao lugar onde estava o Menino. "E vendo eles a estrela, alegraram-se com muito grande alegria". Sentiam júbilo por causa da certeza de haverem achado o Rei. Não pode existir verdadeira alegria sem que se saiba onde se encontra o Salvador.

Ao entrarem na casa, os magos fizeram três coisas:

1. Viram. Para eles, a aceitação de Jesus era um ato de fé, porque aquele recém-nascido tão especial era, na aparência, um nenê comum. Nada havia nele que sugerisse reivindicações reais. Os magos, porém, estavam andando pela fé e não pela vista. A estrela a pairar sobre o lar humilde de José era a confirmação divina de que o nenê era de fato o Rei tão aguardado. Isto bastava àqueles estudiosos.

2. Adoraram. Herodes planejava matar o Menino Jesus; e os doutores e escribas não estavam preocupados em dar-lhe as boas-vindas. No entanto, aqueles gentios viajaram milhares de quilômetros para adorá-lo. Por que Deus não mandou uma estrela a Herodes e aos líderes religiosos de Israel? Vemos na Bíblia uma conexão entre as revelações divinas e o preparo especial que se requer daqueles que as recebem. O Senhor sempre se revela àqueles que amam a sua vinda.

Notemos, nos versículos 11, 13 e 20: o Menino é mencionado antes de Maria. Temos aqui um nenê que é mais importante que a mãe. Notemos também que os magos não adoraram a Maria, somente ao Menino. Não há justificativa bíblica à veneração que certos segmentos do Cristianismo prestam a Maria.

3. Ofertaram-lhe dádivas. A apresentação das dádivas externava o que os magos haviam de fato entregue ao recém-nascido. Se verdadeiramente não representar de fato o que a oferece, a dádiva nada é. Na antiguidade, tiranos e libertinos edificavam e enriqueciam igrejas na esperança de merecerem os favores divinos. No entanto, tais oferendas nada significam pois, não representam de fato os ofertantes. As ofertas dos magos, porém, eram em tudo mais que representativas. Ao Menino Jesus, ofereceram três tipos de presente: ouro, incenso e mirra. O número de dádivas, provavelmente, tenha dado lugar à tradição de que os magos eram três. A este respeito, porém, os evangelhos se calam.

Um sentido espiritual é tirado dos presentes: o ouro significa que Cristo reinará como rei; o incenso, que Ele ministra como sacerdote; a mirra (uma substância amarga), que Ele morreu como homem.

IV - O Rei Divinamente Protegido (Mt 2.12-20)

Sugere-se não terem os magos confiado em Herodes; e, que, em resposta à oração deles (o texto grego dá a entender que consultaram a Deus) foram advertidos a que não voltassem a procurar o monarca e tomassem outro caminho. Advertência semelhante veio a José, que fugiu para o Egito, onde permaneceria com a família “até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta: Do Egito chamei a meu Filho” (Os 11.1). Assim também o Messias, o unigênito de Deus, foi chamado do Egito a fim de preparar-se para o seu ministério terreno.

A matança dos inocentes, executada por Herodes, harmoniza com o que sabemos de seu caráter. Sua existência sempre esteve ligada a assassinatos e traições. A esposa que amava, os dois filhos e diversos parentes foram vítimas de seus terrores supersticiosos. Isto é apenas parte de sua sangrenta biografia.

O que se pode dizer das crianças assassinadas em Belém? McLaren escreve: “Nas suas vidas tão breves, ganharam fama imortal. Morreram em prol do Cristo que nunca conheceram. Esses cordeiros eram mortos em prol do Cordeiro que vivia enquanto eles morriam, a fim de que, pela sua morte, vivessem para sempre”.

Vejamos que profecia foi realmente cumprida (vv. 17,18). Podemos lê-la completa em Jeremias 31.15-26. Esses dois versículos são um exemplo de referência histórica com sentido profético. Sua citação em Mateus é um exemplo de como o Espírito Santo usa as Escrituras, revelando o seu sentido mais profundo e abrangente. Raquel, de quem descendiam Benjamin e Efraim, é representada na profecia como chorando de tristeza pelo cativeiro e morte daquelas tribos. No entanto, ela é consolada com o pensamento de que voltariam do cativeiro. Sua tristeza será seguida por alegria e libertação. De modo semelhante, o sofrimento vinculado à infância de Cristo era o prelúdio ao seu aparecimento como libertador. A crueldade de Herodes não pôde impedir o plano divino para o Messias e seu povo.

Mais tarde, um anjo apareceu a José num sonho e disse: “Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel; porque já estão mortos os que procuravam a morte do menino”. Herodes, o Grande, teve fim horrível: foi comido por vermes. De nada lhe valeu opor-se à causa de Cristo. Compare a sua experiência à de seu neto, Herodes Agripa (At 12.1-3; 20-24).

Novamente advertido em sonho, José evita a Judéia, onde reinava Arquelau, o cruel filho de Herodes, e retira-se para as regiões da Galiléia. No vilarejo obscuro de Nazaré, Jesus cresceu, cumprindo assim a profecia de que o Messias não seria de início reconhecido, mas cresceria no anonimato (Is 53.2; Mt 2.23).

V - Ensinamentos Práticos

1. A verdadeira sabedoria leva a Deus. “Pesquisa” é uma palavra que a muitos impressiona nestes dias de acentuada especialização. O texto em estudo sugere às pessoas prosseguirem nas suas pesquisas.

Herodes é exemplo daqueles que estudam as Escrituras com espírito de oposição e intuito único de buscar oportunidade para causar prejuízo ao próximo. A pesquisa bíblica conduzida nesse espírito jamais levará à verdade. Isto faz-nos lembrar da fábula do gato modernista, que, tendo rasgado um passarinho em muitos pedaços, ponderou ao gato mais conservador: “Bem lhe dissera eu nada haver nas canções deste pássaro”. Alguns críticos tratam a Bíblia da mesma forma.

Os escribas representam aqueles que estudam as Escrituras de modo puramente intelectual, sem o desejo de praticar as suas verdades. Esta armadilha espreita o estudioso do Livro Santo. Um grande teólogo, depois de dedicar um período de tempo à oração e meditação, testificou nunca haver antes percebido a diferença entre o aprender a fim de ensinar, e o aprender a fim de viver.

Os magos exemplificam os pesquisadores que têm por objetivo conhecer a Deus e cumprir a sua vontade. Os tais reconhecem a sabedoria humana como dom de Deus e que a sua função mais alta é reconduzir a humanidade ao Criador.

2. A vinda do Senhor é o terror dos culpados. Herodes e Jerusalém perturbaram-se com a notícia do nascimento do Rei, porém os magos “alegraram-se com muito grande alegria”. A má consciência é cheia de medo e esquiva-se da notícia de que o Rei dos reis está prestes a chegar. Sua vinda deveria ser ocasião de júbilo; o pecado do homem, no entanto, transforma o dia do Senhor em dia de escuridão. E, nessa escuridão, sai o homem correndo a procurar esconderijo (Ap 6.15-17; Gn 3.10).

Cristo pode ser fonte de alegria ou de tristeza. Depende da atitude do indivíduo. O olho doente odeia a luz, embora esta seja a sua vida. O mesmo se dirá da alma enferma. O pecado faz com que os homens evitem, e até odeiem, a luz da alma. Amamos a sua vinda, ou este pensamento nos põe temerosos?

3. Onde Jesus está, existe alegria. Os magos "alegraram-se com muito grande alegria". Veio Jesus ao mundo para que a vida valesse a pena. Tal é a vontade de Deus. Deseja Ele transbordemos de alegria. Cristãos medrosos devem lembrar-se que Deus não nos liberta do medo dando-nos espírito de temor, nem da escravidão para que vivamos algemados. Fomos constituídos para viver livre e confiadamente nos desígnios do Eterno.

Através da astúcia de Satanás, o pecado arruinou o Éden. Mas a vontade de Deus sempre foi (e continua sendo) que seus filhos sejam em tudo felizes. O pecado transformou o Éden num deserto, roubando ao homem a paz e a alegria com que lhe premiara o Criador.

4. A adoração inclui dedicação. Os magos "prostrando-se o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas". A verdadeira adoração inclui a entrega de nós mesmos ao Senhor Jesus. Ele jamais admitiu expressões formais de admiração. Protestava: "Por que me chamais 'Senhor, Senhor', e não obedeceis os meus mandamentos?" A homenagem de nada valia, não havendo a disposição de tomar a cruz e segui-lo.

Muitos hoje - modernistas, céticos e outros - erguem o chapéu respeitosamente ao falarem de Cristo, e o fazem de forma eloqüente. No entanto, o que Cristo requer de nós não são expressões de admiração, mas joelhos curvados e adoração verdadeira.

5. Deus procura verdadeiros adoradores. Herodes declarou-se desejoso de

adorar a Cristo; seu verdadeiro intento, porém, era destruí-lo. Não é necessário ser tão maligno quanto Herodes para fazer-se culpado deste pecado. Alguém pode proclamar-se adorador de Cristo e ser, ao mesmo tempo, empecilho à sua obra, por sectarismo, falsa doutrina, mau testemunho etc. A história da Igreja apresenta muitos exemplos de homens que perseguiam os filhos de Deus enquanto alegavam ser seus verdadeiros adoradores. Herodes manifestava-se desejoso por adorar o Menino, mas o anjo revela seu verdadeiro intento: "Herodes há de procurar o menino para o matar". Deus não pode ser enganado. Ele sabe se o estamos realmente adorando ou querendo destruir-lhe a obra.

6. Cristo acima de tudo. Atingido o alvo, os magos adoraram a Cristo; não a estrela, que era apenas um meio e não um fim em si mesma. É perigoso colocarmos acima do Salvador os meios que nos levaram a Ele. Nos seus livros e tratados, os devotos das seitas falsas exaltam seus falsos profetas e menosprezam o Senhor Jesus: esta sua principal característica. Tivessem os magos feito imagem da estrela para adorá-la, jamais teriam entrado em contato com o Salvador da humanidade e, em sua idolatria, haveriam de perecer.

E adoraram somente ao Menino; da parte deles, contrariando a tradição romanista, nenhum culto recebeu Maria. A lição sugere a primazia de Cristo sobre todas as coisas.

7. A insensatez de lutar contra Deus. Na tentativa de cancelar o cumprimento de uma profecia, Herodes achou-se culpado por estar lutando contra Deus. Pura insensatez! O recado a José foi claro: "Já estão mortos os que procuravam a morte do menino".

No decurso dos tempos, muitos perseguidores têm atentado contra a vida da Igreja; descrentes têm investido contra o Cristianismo. Mas repete-se o maravilhoso testemunho: "Já estão mortos os que procuravam a morte do menino". Dir-se-á o mesmo de todos os que se levantarem contra Deus e seu

Ungido.

No decorrer dos tempos, os bons sempre esperam e recebem coisas boas. Todavia os maus, alcançam-nos as desgraças. Impérios e indivíduos morrem; Deus vive para sempre. É impossível ao temporal vencer o eterno.

8. Deus guia os piedosos. Os magos, após seguirem a estrela, foram guiados até Belém, onde receberam a luz das Escrituras. Obedecida a orientação, apareceu-lhes mais uma vez a estrela. Obedecendo nós à luz que já possuímos, Deus nos dará o Sol da Justiça. Ele guia "os mansos retamente, e aos mansos ensinará o seu caminho" (Sl 25.9). "Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele tudo fará".

A orientação divina exige atividades, como a fuga de José para o Egito. Às vezes requer paciência: o tempo que lá permaneceu à espera de novas ordens. Devemos evitar aquele tipo de cegueira que confunde os faróis verdes com os vermelhos.

9. Quando Deus ri. "Então Herodes vendo que tinha sido iludido [zombado] pelos magos, irritou-se muito". Não percebeu que era Deus quem ria dele, e que estava sendo alvo do que é registrado no Salmo 2.4: "Aquele que habita nos céus se rirá; o Senhor zombará deles" (Atos 4.23-27 refere-se ao mesmo salmo). Se tivesse dito: "Talvez Deus esteja tratando comigo. Humilhar-me-ei diante dEle ao invés de lutar contra Ele", sua história poderia ter sido diferente. Ao invés disso, deixa-se tomar pela fúria, e ordena sejam trucidados os inocentes.

Talvez nossos planos tenham sido frustrados por alguém e, agora, sentimo-nos zombados pelas pessoas ou circunstâncias. Se assim for, perguntemos a nós mesmos se Deus está a nos ensinar com isso alguma coisa nova. Se estivermos atentos, ouviremos o Senhor Deus dizendo: "Eu é que fiz esta obra" (1 Rs

12.24).

10. Um governo sem compaixão. Herodes é o clássico exemplo de rei cruel, egoísta e incompassivo. Foi exatamente em seu governo que "em Ramá se ouviu uma voz, lamentação, choro e grande pranto: Raquel chorando os seus filhos". Os conquistadores e senhores da guerra de igual proceder são tão responsáveis pelos assassinatos que mandaram praticar como se eles mesmos os tivessem executado. No Dia do Juízo, o Senhor há de se lembrar de todos esses crimes. Esse falso rei chamado Herodes sempre será contrastado com Jesus, o verdadeiro rei de Israel. Sim, porque o Senhor Jesus não veio destruir vidas humanas, mas salvá-las.

A Tentação de Jesus

Texto: Mateus 4.1-11

Introdução

“Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo”. Nessa narrativa, dois agentes invisíveis preparam-se para um grande confronto. Enquanto o Espírito Santo transporta Jesus ao lugar da tentação, encontra-se já o adversário preparado para o tentar. A tentação estava nos propósitos de Deus. O Senhor muitas vezes permite sejamos tentados para que o seu nome seja enaltecido, e Satanás, derrotado. Para o nosso próprio bem somos submetidos à tentação, embora pareça-nos contraditório. Não foi, por acaso, o que aconteceu a Jó?

Poderia a segunda pessoa da Trindade ser tentada? Como Filho do homem, Jesus possuía alma passível de tentação e corpo sujeito a fome e canseira. Afinal, assumira ele a forma humana; revestira-se de carne para enfrentar batalhas, não para viver de forma contemplativa. Nessa condição, o Senhor Jesus “como nós, em tudo foi tentado” (Hb 4.15).

Por que foi tentado? Em primeiro lugar, para iniciar seu ministério com um forte

golpe contra Satanás, cujas obras viera destruir (1 Jo 3.8). Sua missão era finalmente expulsar o adversário da terra, assim como Deus o expulsara do Céu. Aqui, o Espírito mostra-se sábio estrategista. Uma vitória retumbante sobre o chefe das hostes inimigas, logo de início, desmoralizaria todas as forças do mal. Tal vitória seria mais que decisiva para o conflito que iria se desenrolar e cujo final já podemos pressentir. Cada demônio que, naquela época, vivesse a atormentar a humanidade, ficaria sabendo que o império do mal estava prestes a desmoronar-se.

Afugentado o maioral dos demônios, pôs-se Jesus imediatamente a expulsar as castas inferiores das trevas.

O Senhor Jesus foi ungido pelo Espírito Santo para exercer um ministério espiritual que acabaria por quebrar o poder que tem Satanás sobre os homens. Sua obra era “amarrar o homem valente” e “saquear-lhe a casa” (Mt 12.29). Satanás assustou-se ao ver o seu reino ameaçado. Se pudesse, persuadiria Cristo a transferir seu ministério do plano espiritual para o natural. Era seu intento induzir o Senhor a substituir o programa espiritual por uma plataforma política.

Estudemos, agora, as tentações de Cristo como sendo três ataques distintos à sua espiritualidade. Na primeira, foi tentado a não ser espiritual; na segunda, a ser totalmente espiritual; e na terceira, a ser semi-espiritual.

I - Jesus É Tentado a Não Ser Espiritual (Mt 4.2-4)

1. A esfera da tentação: apetites do corpo. Jesus, enlevado em oração e meditação, passa quarenta dias sem comer. Voltando a si, por assim dizer, sente o aguilhão da fome. O tentador aproveita-se do momento e apela forte diante da necessidade física. Seu propósito era persuadir Jesus a satisfazer seu apetite de maneira indigna dEle. O primeiro Adão sucumbira ao desejo carnal; não

sucumbiria também o segundo?

2. A natureza da tentação. Satanás planeja anular o ministério de Jesus. Para consegui-lo, insinua-lhe uma aplicação errônea de seu poder. Com efeito, Satanás argumenta: "Quão estulto é, a passar fome, quando, como Filho de Deus, tem poderes para ajudar a si mesmo. Precisa poupar-se de todo sofrimento e inconveniência que puder. Além disso, pense nas pessoas que veio ajudar; lembre-se da tremenda pobreza delas. Não há melhor maneira de lhes ganhar a confiança que alimentá-las de modo milagroso" (Jo 6.14,15).

Cristo jamais operou sequer um milagre para si mesmo; sua virtude fluía sempre na direção dos outros. Imagine alguém que tenha milhões de dólares no banco e nunca empregue um único centavo desse dinheiro em seu benefício, e terá uma idéia da generosidade do Mestre. Os líderes do povo judeu zombavam: "Salvou a outros e a si mesmo não pode salvar". Tinham razão. Cristo veio para salvar a outros, não a si mesmo.

3. A tentação vencida. "Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus". Sem consultar seus sentimentos ou procurar discutir com Satanás, Jesus cita a Palavra de Deus. A verdade contida no versículo citado é que Ele, como Filho de Deus, precisa manter a confiança nos planos do Pai, acreditando que sua vida será preservada, havendo comida à vista ou não. Como Filho do homem, deve participar do fardo de seus irmãos. Não pode providenciar para si mesmo uma via de escape à tentação e ao sofrimento que seja inacessível a eles, pois isto seria inverter o propósito de sua vinda ao mundo. Ele veio carregar os fardos dos homens; não pode iniciar seu ministério repudiando tais fardos. Satanás diz: "Se tu és o Filho de Deus"; Jesus responde: "Nem só de pão viverá o homem". Estava assumindo sua posição de homem a favor dos homens.

II - Jesus É Tentado em Suas Necessidades (Mt 4.5-7).

1. A esfera da tentação. Reconhecendo não poder tropeçar quem domina tão completamente seus apetites físicos, o diabo procura outro tipo de ataque. Leva-o até pináculo do templo, e sugere-lhe: "Se você é o Filho de Deus, tem o direito de testar o poder dEle. Atire-se daqui abaixo. Deus está obrigado a protegê-lo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a seu respeito. Como o povo ficará maravilhado! Os líderes se prostrarão aos seus pés, porque estão procurando um sinal dos céus. Além disso ficará de bem com os sacerdotes, ao acrescentar prestígio ao templo e ao seu ministério". Ver Mateus 16.1.

A tentação, agora, abrange a esfera da vida religiosa. Seu propósito é levar Jesus a interpretar equivocadamente as promessas de Deus, e fazê-lo sucumbir pelo fanatismo.

2. A natureza da tentação. Jesus é tentado a pedir a Deus um milagre para salvá-lo de um perigo que pode ser evitado por meios naturais. Não há necessidade de pular do pináculo, quando as escadas podem levá-lo até embaixo. Ele está sendo tentado a tomar riscos ilícitos, sob a alegação de viver à altura de sua fé. A nota abaixo, extraída de um jornal, é um triste exemplo de transformação "religiosa".

Para comprovar a sua fé de que um milagre a salvaria, Elizabeth Miller, 45 anos, embebeu suas roupas em gasolina e pôs fogo em si mesma. Contou isto enquanto era tratada num hospital para queimaduras graves, que acabaram lhe sendo fatais.

3. A tentação vencida. "Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus". Satanás havia citado as Escrituras maldosamente, sem mencionar a condição vinculada ao cumprimento da promessa. Deixou, também, de citar o versículo seguinte. Ver Salmos 97.13. Jesus corrige a citação, acrescentando outra. Um versículo tomado isoladamente pode comprovar qualquer idéia, mas um trecho

das Escrituras precisa ser comparado a outros. A promessa mencionada por Satanás destina-se aos que trilham o caminho do dever. Tivesse Deus ordenado a Jesus pulasse do pináculo, isto seria um ato de fé; fazê-lo por decisão própria era um ato de presunção.

III - Jesus É Tentado a Ser Semi-espiritual (Mt 4.8-11)

1. A esfera da tentação. O tentador, agora, apela à ambição; procura, pela via do orgulho, induzir Jesus a estabelecer um meio-termo com o mundo. Mas Cristo permanece firme na confiança e submissão ao Pai. Satanás tenta perverter-lhe o desejo pelo domínio do mundo a Ele prometido. Não pôde tocá-lo como Filho, então procura estragá-lo como Rei.

2. A natureza da tentação. Satanás discursa: "Veja esses reinos poderosos com sua glória e riqueza; podem pertencer-lhe sem dificuldade ou sofrimento. Para que sermos inimigos? Trabalhemos juntos. Naturalmente, será necessário um meio-termo comigo e o emprego de alguns dos meus métodos. Não podemos ofender as pessoas, impondo-lhes condições por demais difíceis para entrarem no Reino (Jo 6.60,66). Compadeça-se da natureza humana e procure adaptar-se às suas fraquezas. Seja espiritual, é claro, mas não espiritual demais. Dê a eles o tipo de rei que desejam, e o mundo será seu. Os meios não são importantes, afinal, o fim os justifica. Hesita em reconhecer-me soberano? Isto não deve perturbá-lo. É mera formalidade! Não alterará a sua posição como dominador do mundo. Trabalharemos juntos, é só."

3. A tentação vencida. "Vai-te, Satanás". Cristo veio destruir o reino do diabo. Não pode haver meio-termo, nem trégua. É preciso destruir cada forma de adoração a Satanás, por mais sofisticada ou sutil que se apresente, a fim de que o Deus verdadeiro seja adorado. "Vai-te". Esta é a palavra do Rei. O tentador obedece, porque conhece o Mestre. Acovardado, esgueira-se para longe. Jesus é vencedor!

“Então o diabo o deixou; e, eis que chegaram os anjos, e o serviram” (Lc 22.43; 1 Rs 19.5,6).

IV - Ensinamentos Práticos

1. Satanás tenta os piedosos. Algumas pessoas ficam atônitas por enfrentarem tentações depois de convertidas. Mas nada existe de espantoso nisto. Satanás há de tentar os bons; os demais já são sua propriedade. Existem mais demônios à espreita nas paredes da igreja ou da escola bíblica que nos antros de iniqüidade, porque estes últimos não lhes oferecem resistência. Satanás aproxima-se apenas dos piedosos e fortes - os demais se rendem à distância.

2. Satanás é um inimigo conquistado. Certo escritor afirmou: “A maneira mais fácil de vencer a tentação é submeter-se a ela”. Parece o caminho mais fácil, porém seu fim é escravidão e morte. A maneira mais fácil de vencer a tentação é resistir a ela. “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4.7). Não há razão para alimentar um medo mórbido por Satanás. Ele é um inimigo conquistado, e temos vitória sobre ele enquanto permanecermos junto ao Conquistador.

3. Discernindo os planos de Satanás. Disse um antigo estudioso: “Nada existe de mais fraco que o diabo desnudado”. Noutras palavras, a vitória sobre a tentação já é quase certa quando percebemos a sua verdadeira natureza. Se pudéssemos ver Satanás como realmente é, a malignidade da sua natureza materializada, a ele não seria possível tentar-nos, pois fugiríamos com medo e nojo. Por isso disfarça-se em “anjo de luz”. Se os homens pudessem perceber a verdadeira natureza do pecado e o fim que o encerra, fugiriam, razão pela qual costuma ele apresentar-se revestido com atrações e brilho. O pecado, descobrem tarde demais, pode ser doce no início, mas acaba em amargura.

Jesus repetidas vezes arrancou a máscara das tentações de Satanás. O Espírito do Senhor o enchera de conhecimentos e de temor do Senhor (Is 11.2,3). Ele foi rápido em sentir o cheiro de enxofre nas vestes de luz do tentador.

Também nós, com a sensibilidade adquirida pela oração e leitura da Palavra, seremos capazes de identificar Satanás rapidamente, sob qualquer disfarce, e perceber os seus truques.

4. Satanás perverte as coisas boas. Satanás empreendeu grandes esforços para levar Jesus à corrupção. Procurou perverter-lhe o poder em propósitos egoístas, sua confiança em fanatismo, seu propósito em meio-termo.

Todo cristão consciente de possuir poder espiritual deve esperar idênticas investidas. Primeiro, Satanás procurará detê-lo, sugerindo-lhe que obtenha lucro com o poder espiritual; não obtendo sucesso, tentará forçá-lo a extremos, para o destruir pelo fanatismo; falhando este segundo ataque, sugerirá um meio-termo como via expressa para o sucesso. Egoísmo, fanatismo e meio-termo: estes os três inimigos do poder espiritual.

5. Bons resultados não seguem métodos indignos. Os alvos colocados por Satanás diante de Jesus eram bons: satisfazer a fome, confiar no Pai e desejar o domínio do mundo. No entanto, a malignidade repousava nos métodos sugeridos: a busca de vantagem pessoal, a presunção e o meio-termo. Tivesse Jesus concordado com meios indignos, e estes o teriam levado a um triste fim. O Mestre recusou-se a praticar o mal a fim de que viesse o bem, porque sabia que maus procedimentos jamais levam a bons resultados.

Um candidato deseja eleger-se para um cargo público. Tem boas intenções, mas, para garantir sua posição, fica obrigado a pessoas que se utilizam de meios duvidosos. Qual o resultado? Mais cedo ou mais tarde, esse candidato ver-se-á

preso àqueles métodos. Escolheu um bom alvo, mas usou os meios errados para atingi-lo.

Teriam os presidiários feito da cadeia o seu alvo? Não. Mas seguiram práticas que os levaram para lá. Procurar atingir bons objetivos pelos meios errados é como querer chegar à Bahia partindo, de São Paulo, num trem cujo destino é o Rio Grande do Sul.

Muitas pessoas têm boas intenções, mas o destino de cada uma delas é determinado pelo seu modo de viver. Algumas gostariam de chegar ao céu, mas a maneira como vivem lhes reserva um futuro bem diferente. O fim justifica os meios? Não. Os meios determinam o fim. Portanto, “pondera a vereda de teus pés, e todos os teus caminhos sejam bem ordenados!” (Pv 4.26).

6. Nem só de pão. “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus”. Ver Deuteronômio 8.3. “Precisamos sobreviver”, é a justificativa comum para as práticas injustas. Mas, tem o homem de viver? Não necessariamente. Ele precisa praticar o bem. A grande finalidade desta vida não é a felicidade, mas o dever. A vida não é uma festa, é responsabilidade. À busca, em primeiro lugar, pelo Reino de Deus e a sua justiça, segue-se a felicidade. Faz-se necessário, às vezes, confiar em Deus, quando a fome nos aflige. Entretanto, pode haver momentos, em meio a fome, nos quais a melhor atitude é recusar o pão, se aceitá-lo significa sacrificar um princípio ou expor a alma ao perigo.

A afirmação de Jesus não exclui o lado prático. Não estava Ele vedando ao homem o viver do pão - em mais de uma ocasião providenciaria alimento ao povo. Deixou claro, porém, que sacrificar o princípio em prol do conforto é como salvar o corpo às expensas da alma (Mt 16.26).

7. Meio-termo com o diabo é adoração ao diabo. Pessoas há, em países pagãos, que abertamente adoram ao diabo, oferecendo-lhe sacrifícios e curvando-se diante de sua imagem. No entanto, multidões de pessoas que desprezam tais práticas, praticam o mesmo culto sob aparência mais refinada, porque entrar em conluio com princípios satânicos é adorar e reconhecer o diabo. A desonestidade nos negócios, os caminhos tortuosos na política, a lisonja a pessoas influentes - motivada pela esperança de vantagens - e todo tipo de manipulação injusta, todas estas são formas refinadas de curvar o joelho diante do maligno.

Contudo, quem oferece a alma em sacrifício, tendo por objetivo ganhar o mundo, acaba recebendo bem pouco dele. Tempo haverá quando o Anticristo receberá das mãos do Dragão os reinos deste mundo, mas o fim deles será no lago de fogo.

8. Silencie Satanás com as Escrituras! Isaías declara que Jesus "com o sopro dos seus lábios matará o ímpio" (Is 11.4). Esta profecia foi parcialmente cumprida ao derrotar Ele o maligno com um bombardeio de referências bíblicas. "Está escrito!"

Esta é a maneira de nós, seguidores de Cristo, afugentarmos o enganador. É perigoso considerar argumentos, por mais plausíveis e sutis que sejam, contra um claro dever. "Está escrito" é a nossa segurança. "Com o sopro dos seus lábios", o cristão afugentará o inimigo, se o que disser for Palavra de Deus. "E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e a palavra do seu testemunho" (Ap 12.11).

As Marcas de Um Verdadeiro Discípulo

Texto: Mateus 5.1-16

Introdução

Depois de ter o Senhor Jesus pregado a aproximação do Reino de Deus, perguntas devem ter surgido nas mentes laboriosas dos israelitas: “Quais são as leis desse reino? Qual a sua relação com as leis de Moisés? O novo ensinador veio acabar com a antiga lei? Que fazer para entrar nesse reino?” Com o propósito de responder àquelas indagações e estabelecer o padrão de conduta dos cidadãos do Reino, o Senhor proferiu um discurso-chave, popularmente chamado “O Sermão na Montanha”. Outro objetivo era deixar claro que o reino pregado por Ele não consistia em deleites grosseiros e conquistas vulgares, como era desejo da mente popular, mas na espiritualidade condicionada à maneira correta de viver. Em poucas palavras, peneirava e testava a multidão (Jo 6.60,66).

O texto para estudo é tirado da primeira parte do discurso, conhecida como as “Bem-aventuranças”, porque cada versículo começa com a expressão “bem-aventurados”. Elas respondem à pergunta: Que tipo de pessoa pertence ao Reino do Céu?

Além disso, revelam o segredo de uma vida feliz. Olhando o mar de rostos à sua frente, lia o Mestre na expressão de cada um deles a infelicidade; e seu coração encheu-se de compaixão por saber o que procuravam. Ao empregar a expressão “bem-aventurados”, era como se dissesse: “Vou contar-lhes o segredo da felicidade”.

A expressão “bem-aventurado” oferece a chave para a verdadeira felicidade oferecida pelo Mestre. A palavra, no original grego, significa a bênção divina em contraste com a felicidade humana. Esta bem-aventurança descreve o estado de vidas em retidão: aqueles humildes, mansos, misericordiosos, puros de coração e pacíficos. Jesus ensina não depender a felicidade por Ele oferecida do que temos ou fazemos, mas do que somos; e não pode ser importada, mas precisa nascer na alma.

O mundo tem seu próprio conceito de bem-aventurança, onde feliz é o homem forte, rico, popular e satisfeito consigo mesmo.

Quando Jesus anunciou seu segredo, aquelas palavras soaram de forma estranha a muitas pessoas, pois descreviam um modo de viver que lhes parecia impraticável. Por que a desconfiança? Conta-se o caso de uma criança (e outros casos semelhantes têm havido) capturada por lobos e que viveu entre eles dos dois aos 11 anos de idade. A criança andava de quatro; as juntas dos joelhos eram grandes e duras por andar assim. Só queria comer carne crua e, quando voltou à dieta normal, ficou doente e morreu. Vivera tanto tempo no habitat dos lobos, que aquela lhe parecia a maneira natural de viver.

O mundo conviveu tanto tempo com princípios egoístas, que os ensinos de Jesus só poderiam parecer-lhe estranhos, e anormal o seu modo de vida. Mas, na realidade, excêntricos (literalmente, “fora do centro”) são os que adotam princípios mundanos em suas vidas.

I - Os Pobres de Espírito

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”. O humilde de espírito não é aquele que se autodeprecia, porque aprendemos de Cristo o valor da personalidade: “Amados, agora somos filhos de Deus” (1 Jo 3.2). Tampouco serve de exemplo aquela pobreza de coragem demonstrada pelos dez espias (Nm 13.26-33); ou a do homem que escondeu os talentos (Mt 25.24-30).

O que significa, então? Pela freqüência com que as riquezas levam as pessoas a tornarem-se auto-suficientes, a palavra “rico” é usada figurativamente na Bíblia para indicar o orgulhoso, e “pobre” ou “humilde” para exemplificar o tipo de pessoa que depende dos outros. Ser pobre ou humilde de espírito é ter modesta estimativa de si mesmo - seu caráter e realizações - com base no reconhecimento dos próprios pecados, necessidades e fraquezas. Pessoas humildes são pessoas felizes. Mas tristes são os orgulhosos de espírito. Um homem orgulhoso, em sua auto-estima, é como um porco-espinho enrolado na direção errada, a torturar-se com os próprios espinhos.

II - Os que Choram

“Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados”. O chorar por si mesmo não traz bênção, porque muitos há que choram sem consolação. Não há bênção reservada aos que lastimam perdas egoístas ou ambições frustradas, nem ao pessimista deliberado. E o chorar pelos entes queridos pode trazer, ao invés de bênção, amargura e desânimo. O choro nascido do remorso também não pode canalizar benefícios: o inferno encher-se-á dele.

Nem toda tristeza é consolada. Ela pode ser permanente, ou por vezes esquecida na busca desenfreada de prazeres. Porém existe aqueles que têm por certa a

consolação e a bênção: os que choram a ausência da comunhão com Cristo (Jo 20.11-16); os que choram seu pecado, não meramente por causa da punição devida (Is 6.5,6; Rm 7.24,25) - contrastar Saul e Davi, Judas e Pedro; e os que choram pelos pecados dos outros (Rm 9.1-3). Para tais pessoas, virá o tempo em que Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima (Ap 21.4).

"Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados". Um jovem belga, mais tarde chamado Pai Damien, dedicou sua vida ao serviço de uma colônia de leprosos nas ilhas do Havaí. Certa manhã, na capela, declarou, com simplicidade: "Nós, os leprosos". Assim, soube a congregação que o pastor contraíra lepra. O missionário descobriu que estava contaminado quando, certo dia, acidentalmente, deixou cair água fervendo sobre o pé e não sentiu dor alguma. Ao invés alegrar-se pela ausência de dor, ficou horrorizado, sabendo que seu pé já se paralisara.

Pessoas há que pecam sem acusarem dor na consciência. A lepra do pecado torna insensíveis as suas almas. Se reconhecessem que tal insensibilidade é sinal de paralisia espiritual!

Bem-aventurados, no entanto, os que choram por causa dos seus pecados: eles serão consolados. Chorar os pecados não é sintoma de alma doente, é sinal de saúde espiritual. O pecador consciente e convicto há de ter disposição em buscar o Salvador. Os arrependidos desfrutam de uma consolação que os auto-suficientes desconhecem.

III - Os Mansos

"Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra". A mansidão é a virtude que oferece paciente gentileza em retribuição ao ódio, ofensa ou hostilidade. É o oposto de orgulho, ira, auto-afirmação e vingança. O coração

verdadeiramente manso não reage à provocação; paga o mal com o bem; e, dos outros, nada exige e pouco espera. Em relação a Deus, a mansidão é a concordância com todos os seus tratos, sem murmuração, rebeldia ou resistência.

O mundo considera o manso covarde e vacilante; alma tímida, moralmente débil ante as batalhas da vida. Mansidão, porém, não é fraqueza; é força tornada gentil. Moisés era manso (Nm 12.3), mas havia aço na sua estrutura moral, e raios e trovões no seu zelo (Êx 32.19). O Senhor Jesus era manso (Mt 11.29), mas basta-nos ver como expulsou os cambistas do templo e denunciou a hipocrisia dos fariseus (Mt 23)!

Pode parecer ridícula, ao homem mundano, a declaração de serem os mansos os herdeiros da terra. Certamente retrucarão, ironicamente: “Vão herdar sete palmos de terra, na sepultura, porque neste mundo somente os aptos sobrevivem; os fracos, perecem”. Imagine fosse esta bem-aventurança o lema do comércio! Mas o mundo reage assim porque está no caminho errado. No entanto, a promessa cumprir-se-á literalmente quando as coisas forem consertadas (1 Co 6.2; Ap 2.26,27; 3-21; 5.10). Os mansos, por terem aprendido a reger as próprias vidas, estão em condições de governarem os outros; tendo entregue todas as coisas, são dignos de as possuírem.

A mansidão é a força. Alguém pode argumentar: “São os fortes que tomam posse da terra, enquanto os mansos são pisoteados”. Jesus não prometeu aos mansos que “conquistariam” a terra. Disse que a herdariam. Há uma diferença. Os fortes possuem a terra porque a tomam pela força; os mansos herdam-na porque a recebem de Deus. Haverá o dia em que militares e gananciosos exploradores deixarão de mandar na terra. O comando passará àqueles que dedicam suas vidas a Deus e ao serviço do próximo. O presente é dominado por ferozes guerreiros, mas o futuro pertence aos mansos.

Mesmo na vida presente, há sentido em dizer que os mansos herdam a terra. Um rico estava mostrando a um parente pobre a linda e extensa propriedade que

comprara. Querendo impressionar, disse: “Este é o meu terreno”. “Sim”, veio a resposta, “e é todo o meu panorama”.

Algumas pessoas possuem as coisas mas não têm prazer nelas. Os mansos, entretanto, livres de ganancioso desejo, podem realmente obter prazer nas coisas desta vida. Grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento.

IV - Pessoas que Desejam a Retidão

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos”. Ensina-nos esta bem-aventurança: “Felizes os homens e mulheres que desejam, acima de qualquer coisa, o serem bons; que desejam mais ser piedosos do que ricos ou populares; e almejam tanto ser livres da injustiça quanto um faminto deseja comida”. Nela está definido o supremo alvo da vida do cristão: um caráter conforme a vontade de Deus (Mt 6.33; Fp 3.8,9).

“Serão fartos”. Um bom apetite demonstra vida saudável e normal; é o caminho para o crecimento (1 Pe 2.2). Perdê-lo é um sinal de alerta da natureza. Também é o bom apetite uma fonte de prazer.

Por que uma bem-aventurança para os que têm bom apetite espiritual? Deus valoriza as nobres aspirações: nos desejos mais íntimos revela-se o caráter do ser humano. O fato de uma pessoa desejar ardentemente a retidão ou justiça é evidência de já possuir certa medida do que procura. O desejo é uma profecia da satisfação. Muitos desejos jamais serão satisfeitos, mas quando alguém aspira santidade e bondade, Cristo promete satisfazê-lo (Pv 2.3; Is 55.1).

V - Os Misericordiosos

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia”. O que é misericórdia? É uma disposição da alma, de ser semelhante a Cristo ao encarar amigos, inimigos, repudiados e pecadores. É uma manifestação da conduta. O misericordioso usa de bondade ao julgar os outros; procura o melhor, não o pior; é lento para condenar, rápido para recomendar. Como o bom samaritano, é prestativo (Lc 10.30-37). Repudia o ódio e os ressentimentos, e perdoa aos que o ofendem. Como tornar-nos misericordiosos? Lembrando nossas próprias falhas e de como dependemos da misericórdia de Deus, a ninguém trataremos duramente (Mt 7.1-5; Gl 6.1-3).

Por que os misericordiosos obterão misericórdia? Ensina-nos a experiência que a atitude dos outros para conosco é reflexo do tratamento que a eles dispensamos. Se ninguém nos trata com amizade, é certo que tem sido este o nosso comportamento com relação aos outros; se as pessoas não nos sorriem, indica-nos isto estarmos também negando-lhes o sorriso. Veja Lucas 6.38 e note os versículos anteriores. O crente que guarda profundo ressentimento e se recusa a perdoar o próximo, demonstra não estar em comunhão com Deus. Não reúne, por conseqüência, condições para receber perdão. Está longe da graça de Cristo (Mt 18.21-35; 2 Pe 1.5).

VI - Os Limpos de Coração

“Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus”. Como é possível ver a Deus? Podemos vê-lo a partir do momento em que Ele se torna uma experiência real em nossa vida. No porvir, os fiéis terão uma gloriosa e transcendente revelação de Deus, inacessível à vida presente: a visão beatífica (Jó 19.26; Sl 17.15).

Não se entenda por condição para ver a Deus a perfeição sem pecado. Neste caso, só Cristo seria digno. Mas pureza de coração aqui significa simplicidade,

cristalina sinceridade diante de Deus e firme resolução em cumprir a sua vontade (Jo 7.17).

VII - Os Pacificadores

“Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus”. Os que possuem as qualificações mencionadas nas primeiras seis bem-aventuranças hão de exercer influência de paz entre os homens e promover a reconciliação destes com o seu Deus (2 Co 5.20). Sua vida e trabalho será semente de paz. Serão o oposto dos “criadores de problemas”.

“Serão chamados filhos de Deus” (Ef 5.1). Os que vivem conforme descrito nestas palavras receberão a aprovação divina, e sentirão, pelo testemunho do Espírito, que são filhos de Deus e agradam o Pai (Mt 3.17; Rm 8.16). Quem são os filhos de Deus? (Rm 8.14; Gl 5.22,23).

VIII - Os Perseguidos por Causa de Cristo

“Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa”. Até este ponto, o Senhor descrevera os membros do seu Reino e o caráter deles. Agora, avisa aos discípulos como serão tratados pelo mundo.

1. A verdadeira bondade atrai oposição (2 Tm 3.12). Os cristãos são diferentes do mundo. E são-lhe suspeitos aqueles que seguem caminhos a ele estranhos. Espúrio é o cristianismo que não torna as pessoas diferentes do que eram. Para fracassarmos como crentes, não carecemos ser piores que os mundanos; basta sermos iguais a eles. Além disso, o cristão consistente é, por si só, viva

repreensão ao pecado reinante (1 Jo 3.12). Finalmente, o verdadeiro cristão interfere no mundo ao desmascarar seus pecados e baixeza (Jo 7.7).

2. A verdadeira bondade traz galardão. O Senhor congratula os que são perseguidos por amor ao Evangelho. Por quê? A disposição de alguém por sofrer pela justa causa de Cristo, mostra que essa pessoa é membro do seu Reino. Note-se, porém, que as bem-aventuranças nos versos 11 e 12 não se prometem aos que são perseguidos por suas próprias maldades ou estultícias (1 Pe 2.19-21; 4.15,16). Quando vem a perseguição sobre o crente fiel, isto significa que o poder do diabo está sendo sacudido: ele não ataca o cristão inativo. A perseguição favorece o crescimento espiritual. Os cristãos tornam-se fortes e arraigados na fé ao enfrentarem os ventos das dificuldades. A perseguição é geralmente transformada por Deus em meio de divulgação do seu Reino (At 3.1; Fp 1.12).

Consideremos a alegria do caminho difícil. Era de se imaginar que aqueles descritos nas bem-aventuranças fossem deixados em paz pelo mundo. No entanto, Jesus avisou-lhes que podiam esperar perseguições. Por quê? Uma vida de piedade positiva é uma influência perturbadora no mundo em que vivemos. O homem que vive pela doutrina cristã faz nascer, nos corações dos que não vivem corretamente, um conflito interior que transborda em maledicência e, às vezes, violência.

Porém Jesus assegura-nos que essa perseguição deve ser motivo para regozijo. Por quê?

• Porque há uma alegria inerente no sofrer por amor ao bem. Somente o homem que luta conhece as alegrias da vitória. O caminho difícil, quando certo, é sempre o caminho feliz.

• Porque há o consolo de se estar em boa companhia. Os antigos profetas andavam por caminhos de mal-entendidos e repreensões, e veja como são honrados hoje. O homem que sofre pela prática do bem é cercado por uma nuvem de testemunhas (Hb 12.1).

• Porque o caminho difícil leva ao Céu: “Deles é o reino dos céus”. “Eles” possuem o Reino porque sofrem e resistem; sofrem e resistem porque possuem o Reino. O homem que ama a Deus e sempre faz o que é certo, não importando o quanto lhe custe, merece ser parabenizado. Tem verdadeira religião.

Em conclusão, leia o incidente registrado em João 6.15-21. Enquanto Jesus orava na montanha, os discípulos lutavam contra o mar bravio, tentando chegar à praia. Ao verem Jesus aproximar-se, foram tomados de medo porque não o reconheceram. Ouvindo, porém, a sua voz, que lhes trouxe a certeza da sua presença, receberam-no a bordo e logo chegaram ao seu destino.

Muitas pessoas remam nas águas perturbadas deste mundo, procurando chegar à felicidade. Quando a figura de Cristo se aproxima, gritam com medo, temendo que lhes seja furtado o gozo da vida. Quando, porém, o reconhecem e recebem, seus temores desaparecem, e atingem o alvo da verdadeira bem-aventurança.

Por si só, o Sermão da Montanha é demais para nossa fraca natureza.

Os que Professam e os que Possuem

Texto: Mateus 7.13-29

Introdução

Nosso texto é tirado da porção final do Sermão da Montanha e pode ser chamado “apelo final”. Feita a exposição do viver no Reino, Jesus conclama seus ouvintes à decisão: podem optar pelo caminho largo ou o estreito - se querem produzir maus ou bons frutos, edificar na areia ou na rocha.

Hoje em dia, considera-se tais divisões por demais estreitas, sob o argumento de que a realidade dos fatos contrapõe-se aos ensinamentos do Sermão da Montanha. Diz-se que a situação é “nem oito nem oitenta”, e que as coisas caminham num meio-termo. Popularmente se explica: “Há maldade nos melhores, e bondade nos piores”. Aparentemente, há sentido nessa moderna concepção, mas um exame mais profundo do caráter humano mostrará que a classificação de Cristo é a verdadeira.

I - Dois Caminhos (Mt 7.13,14).

O mundo não aprecia distinções nítidas. Poucas pessoas gostam de referir-se a categorias, como: salvo ou perdido, filho de Deus ou filho do diabo. Preferem um caminho mediano, no qual ninguém é exatamente salvo ou perdido; um caminho que não exige claras decisões. Cristo, no entanto, ensinou haver dois caminhos, que levam a direções opostas, e por um dos quais devemos optar. Ensinou também que a vida espiritual e moral é uma contínua viagem, ou pelo caminho da vida ou pelo caminho da destruição.

A religião de Jesus Cristo é a única na qual não se pode nascer fisicamente. O homem que nasce em família hindu, é hindu, não importando ser ele bom ou ruim. Alguém nascido numa comunidade budista, cria-se e permanece budista. O judeu pode não compartilhar a crença dos pais e raramente pôr o pé numa sinagoga, mas é considerado judeu por nascer de família judia. Para alguns, hoje, ser cristão significa nascer em comunidade ou país cristão. Se alguém lhes pergunta: “Você é cristão?” respondem: “O que você pensa que sou: um pagão?”

Jesus, no entanto, ensinou que a religião vital é resultado de uma escolha pessoal e consiste no relacionamento entre o homem e Deus. É preciso entrar pela porta estreita e andar pelo caminho estreito. Ninguém nasce fisicamente na religião cristã - para entrar nela, faz-se necessário nascer do espírito.

1. O caminho da morte. “Larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela”. A porta é larga. Na Bíblia, porta simboliza começo. O mal tem um começo fácil e definido na vida. A porta é aberta, de modo tentador; ninguém precisa amassar parte da sua roupa, deixar alguma coisa de lado ou ficar separado de alguém que o acompanha. Não há condições difíceis para a entrada.

O caminho é espaçoso. Não há necessidade de grande esforço para andar nesse caminho. Basta abandonar-se à turba e ser levado por ela. O homem, como criatura caída, tende para o mal. E, satisfeito consigo mesmo, consentindo nos costumes egoístas da sociedade e no hábito do mal refinado, deixando-os correr

livremente, será levado por maligna correnteza à morte eterna. O caminho é largo, porque ali se acham aqueles entregues aos prazeres, sensuais, céticos, ateus e criminosos. A destruição é o seu fim, este determinado pela natureza do caminho. O resultado lógico e inevitável será a destruição da fé, do amor, da esperança e do caráter. O fim do caminho é a dor da condenação final da parte de Deus e o eterno banimento da sua presença.

Quando se entra pela porta estreita pode-se abrir mão do privilégio de andar com a maioria. Uma proposta aprovada pela maioria não é necessariamente a melhor. A experiência comprova que muitas vezes a maioria está errada. Foram dois entre dez espias que trouxeram o relatório verdadeiro acerca da terra de Canaã; os profetas e seus seguidores no Antigo Testamento eram minoria: a maioria da nação judaica havia rejeitado o seu Deus. De fato, considerando que as pessoas seguem umas às outras, como ovelhas, e que, para se pouparem do trabalho de pensar e de fazer decisões, andam em rotinas, faríamos bem em evitar atribuir infalibilidade à maioria. Não tenhamos medo de ficar na minoria.

2. O caminho da vida. "Estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem". A porta é estreita. A entrada, para o cristão, constitui-se ato definido e decisivo, que pessoa alguma encontra ao acaso. A porta é por demais estreita para permitir à pessoa entrar com seus pecados. Eles têm de ser deixados para trás mediante o arrependimento. O caminho é apertado. A vida cristã é negar-se a si mesmo, é o caminho da cruz, da disciplina, da santidade e, às vezes, do sofrimento (At 14.22). Ninguém entra por descuido na vida cristã vitoriosa; são os ativos que tomam o Reino por assalto (Mt 11.12). "O que faz com que o caminho seja estreito?" perguntou Agostinho. Ele mesmo responde: "O caminho não é estreito por si mesmo, mas nós o fazemos assim, mediante o insuflar do nosso orgulho - e depois ficamos zangados por não conseguirmos entrar, impacientes com os obstáculos que surgem. Revoltamo-nos ao ponto de fazer ainda mais difícil nossa passagem. Qual é o remédio? Aceitar e beber a desagradável, porém saudável taça da humildade". A companhia é seleta. "São poucos os que acertam com ela". Se fosse possível levar junto os pecados, multidões estariam palmilhando o caminho da vida. Quando perguntaram a Cristo se somente poucos iriam ser salvos, Ele não respondeu, a não ser para exortar que se esforçassem por entrar

pela porta estreita (Lc 13.23,24). Seu fim é a vida. Todas as lutas e provações do caminho desaparecerão quando chegarmos ao fim da estrada. Vale a pena andar neste caminho estreito.

Pode parecer-nos ideal ser o caminho para o pecado e a morte estreito, e o caminho para o céu e a vida, largo. Um pouco de reflexão, no entanto, e nos convenceremos de que qualquer coisa para valer a pena deve necessariamente passar pelo caminho estreito. O atleta bem sucedido segue o estreito caminho da disciplina física e abnegação. O trem deve manter-se nos trilhos estreitos e atentar para os sinais, a fim de evitar terríveis acidentes. Grandes músicos precisam sacrificar muito tempo e concentrar-se em sua tarefa quase vinte horas por dia.

O caminho cristão é estreito porque, dirigido a um só propósito, precisa menosprezar grandes áreas de terreno a cada lado. E que importa a estreiteza e a dureza do caminho, se leva ao alvo supremo do desejo humano? Na costa da Normândia há uma fortaleza sobre uma rocha isolada no meio de uma grande baía. Um caminho muito estreito leva a ela, e ninguém se queixa da estreiteza do caminho, porque sair dele significaria ser tragado pelas areias movediças que o cercam. Muitas vezes estreiteza significa segurança, quando a chamada “mente estreita” leva a poder e bênçãos, e a “largueza” é estultice.

II - Duas Árvores (Mt 7.15-23)

Fazemos o bem ao sermos bons. “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores”. Falsos profetas são descritos como lobos porque o efeito das suas atividades e ministério é como o dos lobos entre as ovelhas (Mt 10.16; At 20.29). Chegam à congregação com aspecto manso de ovelhas, porque ninguém lhes prestaria atenção se demonstrassem seu verdadeiro caráter (2 Co 11.14,15).

1. Falsos profetas. Falsos profetas "podem enganar algumas pessoas o tempo todo, e todas as pessoas por algum tempo; mas não todas as pessoas o tempo todo". Nosso Senhor ensina-nos como reconhecê-los: "Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar frutos bons". O fruto corresponde à árvore. A verdadeira obra é produto do ser. De modo que, mais cedo ou mais tarde, a natureza do falso profeta há de se revelar. Pode parecer verdadeiro, no começo, mas os efeitos (frutos) do seu ministério - a vida ou a doutrina manchada - o trairão (At 8.13,18,23).

Uma cédula falsificada pode trabalhar muito enquanto passa de mão em mão, comprando coisas boas. Mas toda a sua utilidade não a salvará da destruição quando o caixa do banco declarar: "É falsa!"

É possível ao homem de falso coração fazer certas coisas boas. Pode-se até receber edificação pela sua mensagem, porque Deus honra a sua Palavra. Mas a pregação não o salvará da sentença do Juiz: "Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade!"

Mais cedo ou mais tarde, o verdadeiro caráter de cada um será revelado. A árvore boa produz bons frutos; a árvore má, frutos maus. O que se pode fazer por alguém que reconhece ser árvore má e deseja ser mudado? Cristo enxertado na vida altera o caráter do homem, e esta alteração produzirá nova conduta. Cristo não somente salva, mas salva totalmente, transformando pensamentos e intuitos do coração.

2. Profissão e possessão. O verso 19 descreve o colapso do falso ensinador. Os demais versículos especificam a base da condenação: alegavam ser discípulos, mas não preenchiam as condições (v. 21). Alguém disse: "Chamar a Jesus

Senhor é ortodoxia; chamá-lo Senhor, Senhor, é piedade; mas nem uma nem outra evocação pode satisfazer a Ele, a não ser que haja verdadeira devoção à sua causa. Chamar Cristo de Senhor sem deixá-lo ser Senhor na vida é mera lisonja. O primeiro ministro, ao elevar Iennyson ao nível de poeta oficial da Inglaterra, confessou jamais ter lido uma só linha das suas poesias. Era uma ação oficial e formal, nada tendo a ver com apreciação de méritos. Assim, há os que professam servir a Cristo sem manterem relacionamento algum com Ele (v. 22).

Parece que os falsos profetas não somente enganavam os outros, como também a si mesmos. Era a falsidade do falador fluente, emocionado com as próprias palavras: “Porventura não profetizamos nós em teu nome?” Tenho para mim que operavam milagres, mostrando algum sucesso externo como evidência de serem discípulos de Jesus, mas empregavam o nome de Cristo sem seu espírito e amor. Por isso, terão de ouvir as palavras: “Nunca vos conheci; apartai-vos de mim” (v. 23). Balaão era profeta do Senhor. Movido pela cobiça, no entanto, estava pronto a amaldiçoar o povo de Deus (Nm 22). Judas Iscariotes, juntamente com os demais apóstolos, recebeu o poder de operar milagres (Mt 10.4,8), porém, mais tarde, traiu o Mestre. Nos dias de Paulo havia ensinadores judeus que fingiam trabalhar para Jesus, mas o apóstolo denunciou-os como “maus obreiros” (Fp 3.2; Ap 2.20; Dt 13.1-5).

III - Os Dois Alicerces (Mt 7.21-27)

Nesta parábola, Jesus declara que seus ensinos são o alicerce para uma vida virtuosa e um glorioso destino - o segredo de um caráter forte. Homens carnais consideram os ensinos de Jesus belos em ideais, porém pobres em substância. “Idealistas demais para este mundo prático” - é o seu veredito. Jesus, porém, declarou que os seus ensinos tinham base de rocha. E desafia: “Submeta ao teste cada proceder e descobrirá que nada surge como rocha sólida a não ser este caminho meu. O restante é areia”.

Cada pessoa está a imprimir na alma o caráter que vai passar à eternidade. Esta casa para a alma é composta dos nossos atos, palavras, pensamentos, esperanças e ambições. Como o bicho da seda, tecemos nosso caráter, até atingirmos o próximo estágio de vida.

As coisas que dizemos, pensamos ou fazemos permanecem conosco, embora pareçam transitórias. Elas permanecem em nossa memória e hábitos, de centenas de maneiras, a influenciar-nos o caráter. Portanto, a grande pergunta é: O que você está edificando? Falando figurativamente, algumas pessoas estão edificando lojas e imergindo nos negócios; outras, constroem casas de prazer, onde dissipam suas vidas em frivolidade; outras ainda, fazem prisões, onde jazem atados pelas cordas do pecado. Mas, graças a Deus, há muitas pessoas edificando templos para adorar e servir a Deus.

Outra pergunta importante: Que materiais você está colocando na sua construção? Cada ato de pecado, covardia, egoísmo ou ambigüidade representa material inferior. Bondade, paciência, generosidade e consagração representam material sólido.

Certo escritor declarou que a casa do caráter cristão é testada por três lados: inundações por baixo, ventos a soprar nos flancos e chuva por cima. Um lado não foi mencionado - o de dentro. E isto sugere que nenhuma força externa pode destruir a vida em Cristo; o fracasso só pode vir de dentro. De vez em quando ouvimos falar da queda de algum obreiro cristão. Na maioria dos casos, o colapso não se deve à força da tentação, mas à fraqueza do caráter não edificado com os materiais certos. A estrutura, quando enfraquecida por algum pecado, não resiste à tempestade. Aqueles que se conservam em contato com Cristo e edificam as suas vidas de acordo com seus planos, terão a experiência de enfrentar tempestades nesta vida e o teste perscrutador do juízo vindouro.

O Senhor para o Corpo

Texto: Mateus 8.1-18

Introdução

Nota-se que Mateus segue um planejamento por tópicos no seu Evangelho. Incidentes e ensinamentos estão agrupados com o objetivo de apresentar os vários aspectos da personalidade e ministério de Cristo. Nos capítulos 8 e 9 são descritos milagres, apresentando Cristo como vencedor do pecado, da doença, dos demônios, da morte e da natureza.

Por que Jesus operava milagres? Em primeiro lugar, eram as suas credenciais, que comprovavam ser Ele embaixador do céu. Em segundo lugar, eram sinais da sua obra salvadora. Quando ressuscitava pessoas, comprovava ser Ele mesmo a ressurreição e a vida. Em terceiro lugar, os milagres eram o transbordar natural da sua personalidade, a sua compaixão para com os sofredores. Levando-se em conta quem era Jesus, maior milagre teria sido Ele refrear-se no operar milagres!

Jesus em nada se assemelhava aos negociantes de milagres que operavam naquele tempo, os quais alegavam poder curar pessoas e expulsar demônios - mediante pagamento - por meio de frases mágicas e sem levar em conta a

condição moral da pessoa. Jesus, porém, requeria fé, quando possível, da parte de quem era curado, como vínculo entre o sofredor e Ele mesmo. Afinal das contas, seu propósito supremo em curar o corpo dos homens era, e continua sendo, atingir-lhes a alma.

Estudaremos três tipos de doenças curadas por Jesus:

I - A Lepra (Mt 8.1-4)

1. O pedido. "E eis que veio um leproso e o adorou, dizendo: Senhor, se quiseres, tornar-me limpo". Sofria de doença horrível e incurável, qual morte em vida. O leproso vestia-se como quem estivesse de luto e permanecia excluído do arraial como se já tivesse morrido (Lv 13.46; Nm 5.2-4; 2 Rs 7.3). Pelas suas características repugnantes, pelo fato de não ser curável pelos homens e pelo efeito de excluir o doente do convívio de pessoas saudáveis, a lepra tipifica muito bem o pecado.

Uma desses desafortunados aproximou-se de Jesus e pediu: "Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo". Não há dúvida quanto ao poder de Jesus, e o leproso submeteu-se humildemente à sua vontade. Por que falou "purificar" ao invés de "curar"? Talvez pensasse o leproso nas conseqüências práticas da cura: a restauração da cidadania e o retorno à vida religiosa. Israel era uma nação santa, e cada israelita era considerado um sacerdote, vivendo em contato real com Deus, que se revelava no templo. A lepra, por seu caráter repugnante, tornara-o indigno dessa vida consagrada, excluindo-o dos privilégios religiosos.

2. A resposta. "E Jesus, estendendo a mão, tocou-o, dizendo: Quero; sê limpo". Assim Jesus atendeu à petição conforme formulada: "E logo ficou purificado da lepra".

Segundo a lei de Moisés, qualquer pessoa ficaria impura se tocasse um leproso (Lv 13.44-46). Mas aqui estava a Santidade encarnada, cujo toque lançava para longe toda a impureza. Os fariseus conservavam-se longe dos pecadores, temendo o contágio; mas o Santo andava entre estes, confiante no seu poder de perdoar e vencer o pecado.

Considere a lei da utilidade: “E Jesus, estendendo a mão, tocou-o”. Assim, por momentos, Jesus colocou-se no mesmo nível do leproso; fosse a lei aplicada, e Ele teria sido considerado “impuro” pelo contato.

Que grande expressão da compaixão divina! O Senhor “tocou” na humanidade ao assumir a natureza humana. Tornou-se Filho do homem a fim de que os homens se transformassem em filhos de Deus.

Se quisermos, também, ajudar pecadores e doentes, precisamos estar dispostos a fazer contato de forma simpática com eles. Há anos, um criminoso insensível aguardava a execução. Pastores de várias igrejas visitaram-no e oraram com ele. Mas a maneira como agiam parecia deixá-lo ainda mais endurecido. Porque o Temiam, e ele sentia a distância que os separava. Certo dia, porém, um piedoso ganhador de almas veio visitar o prisioneiro. Sentou-se ao seu lado e contou-lhe a comovente história da cruz. Ao terminar, colocou a mão sobre o ombro do criminoso e disse, emocionado: “Não foi, pois, um grande sacrifício para o Filho de Deus entregar a sua vida por pecadores culpados como eu e você?” O homem sentiu-se tocado, e começou a chorar. A partir de então era um homem diferente. E, de vez em quando, exclamava: “Imagine um homem tão bom e santo, como sei que ele é, colocando-se no mesmo nível comigo, dizendo: Pecadores como eu e você!”

Se quisermos ajudar às pessoas, precisamos abaixar-nos para erguê-las. A ponta da alavanca deve estar abaixo delas. Dinheiro e esforços devem ser

acompanhados por calorosa simpatia. Precisamos ser movidos pelo espírito de Jesus que, sendo rico, fez-se pobre por nós.

3. As instruções. "Disse-lhe então Jesus: Olha, não o digas a ninguém". Certamente o Mestre desejava que o povo testificasse (Mc 5.19), mas, neste caso, havia motivos para adiar o testemunho: as emoções que se seguiriam aos relatórios sensacionais das suas curas despertariam no romanos suspeitas de que Ele estaria levantando o povo contra o governo. Assim Mateus dá a entender em 12.15-21. Além disso, queria evitar as multidões de curiosos que, às vezes, eram um embaraço (Mc 1.45). Pode ser que o homem tivesse de guardar seu testemunho até receber o reconhecimento sacerdotal da cura, assim como fora o sacerdote quem diagnosticara a doença. Podemos comparar este caso ao de uma pessoa que recebe uma cura milagrosa e obtém do médico uma certidão declarando a natureza da doença e atestando a cura completa.

"Mas vai, mostra-te ao sacerdote e apresenta a oferta que Moisés determinou". Assim, Jesus endossava o valor higiênico da lei de Moisés com respeito à saúde. "Para lhes [ao povo] servir de testemunho", ou seja, para relatar que o Senhor o curara, e que o curado desejava a reintegração à comunidade de Israel.

II - A Febre (Mt 8.14-17).

Ao entrar na casa de Pedro, Jesus viu a sogra do apóstolo ardendo em febre. "E tocou-lhe na mão, e a febre a deixou", não em estado de convalescença, mas curada tão completamente que "levantou-se, e serviu-os". À cura rápida seguiu-se instantâneo serviço. Sua fama espalhou-se tão rapidamente que, até à tarde, grande número de doentes e endemoninhados havia chegado para pedir a cura. E ele curou a todos "para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças" (Is 53.4; Mt 8.17).

Ao curar, Jesus realmente sentia o fardo dos doentes. Assim, preencheu a lei da verdadeira ajuda: o colocar-se sob o fardo de quem se quer ajudar (Gl 6.2). Saiu dEle poder quando uma mulher tocou nas suas vestes, procurando cura (Mc 5.30); suspirou quando orou por um surdo e mudo (Mc 7.34); emocionou-se junto ao túmulo de Lázaro (Jo 11.35,38).

Cristo veio destruir as obras do diabo, fossem elas na forma de doenças espirituais ou físicas; e, no Calvário, cumpriram-se as palavras: “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades”, bem como: “Ele foi ferido pelas nossas transgressões”. E, mesmo antes do Calvário, Ele simpaticamente identificava-se com os doentes da alma e do corpo.

O poder para a cura física reside na expiação, no sentido em que flui da vida divina daquEle que morreu e ressuscitou. Devemos, no entanto, conservar em mente a relação entre cura divina e leis da saúde. O Senhor nunca mudou. Continua respondendo às orações para cura dos enfermos. A cura do corpo é vontade de Deus para o seu povo, e deve ser pregada, praticada e desfrutada. Mesmo assim, as leis da saúde também são mandamentos divinos. Desafiar tais leis não é fé, e, sim, presunção.

Quanto à santidade (que inclui a saúde da alma), Paulo disse: “Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?” Quanto à saúde, podemos acrescentar: Continuaremos a violar as leis do corpo, a fim de obtermos mais virtude ao toque curador? Em ambos os casos a resposta é: “De modo nenhum!” O argumento de Paulo impõe a quem recebeu o perdão a procura pela santidade. E quem passa por uma experiência de cura divina deve obedecer às leis da saúde, considerando-se que seu corpo é templo do Espírito Santo.

A mente tranqüila ajuda-nos a conservar a saúde; porém emoções, como preocupação, medo e ira, a prejudicam. Conflitos íntimos drenam as nossas forças. A sincera entrega de nós mesmos à vontade de Deus e a simples

confiança nEle, dia após dia, irão produzir no coração aquele ritmo que contribui para a saúde da mente e do corpo.

A Cura do Criado do Centurião

Texto: Mateus 8.5-13

Introdução

Ao estudar os milagres em Mateus, encontramos um exemplo inspirador de fé, admirado por Jesus e merecedor de sua honra. É a fé do centurião.

I - A Ocasião da Fé

O centurião (responsável por cem soldados) era oficial romano e pertencia, provavelmente, à guarnição de Cafarnaum. Nasceu pagão, mas, como outros de seu tempo (At 10.1; 8.27; 16.14), sentira o vazio e a falsidade das religiões pagãs, e achara satisfação na religião dos judeus. Talvez fosse membro da sinagoga. Nas grandes cidades, as sinagogas acolhiam um número considerável de convertidos gentios, chamados “prosélitos” no Novo Testamento (At 13.43,50; 16.14; 17.4; 18.7). Desses prosélitos, alguns converteram-se ao Cristianismo. Entende-se que era o centurião aderente da sinagoga, porque os anciãos judeus intercederam por ele: “Ama a nossa nação, e ele mesmo nos edificou a sinagoga” (Lc 7.5).

Era homem bondoso, e sua bondade revelava-se de duas maneiras. Primeiro, em sua atitude para com os judeus. Fizera lugar em seu coração para um povo desprezado e conquistado. Segundo, sua atitude em relação ao criado. Nem a brutalidade da vida militar e a despreocupação generalizada com os escravos azedara nele o leite da bondade humana. Estimava seu criado (Lc 7.2) e veio suplicar por ele: “Senhor, o meu criado jaz em casa paralítico, e violentamente atormentado”. Ouvira falar das maravilhosas curas operadas por Jesus, e a fé nasceu em seu coração: “A fé vem pelo ouvir”.

II - A Humildade da Fé

“E Jesus lhe disse: Eu irei e lhe darei saúde. E o centurião, respondendo, disse: Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu telhado”. O centurião era representante de um grande império; era um oficial possuidor de riqueza e prestígio social. No entanto, sua posição e autoridade não o encheram de orgulho. Mantinha-se cheio de respeito e reverência. Chegou a enviar outros a interceder por ele, considerando-se indigno de falar diretamente ao Mestre. Um escritor da Igreja antiga comenta: “Considerando-se indigno de receber Cristo na sua casa, foi, no entanto, digno de recebê-lo no seu coração - uma bênção muito maior. Cristo assentou-se em muitas casas, cujo donos tinham os corações vazios da sua presença, como o fariseu orgulhoso e cheio de justiça própria (Lc 7.36). O centurião, porém, acolheu no seu coração àquEle que não recebera em casa”.

III - O Bom Senso da Fé

“Mas dize somente uma palavra, e o meu criado sarará. Pois também eu sou homem sob autoridade, e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem; e ao meu criado: Faze isto, e ele o faz”. Noutras palavras: “Sou um oficial militar. Tudo o que preciso fazer é ficar

parado e ordenar aos meus soldados, e eles agem segundo minhas ordens. Posso mandar meus servos para cá e para lá, enquanto permaneço sentado. Posso mandar fazer aquilo que desejo. Agora sei que tu és um príncipe, a comandar os poderes do mundo invisível. Qual é a necessidade de entrares na minha casa? Basta mandares ao anjo da cura fazer ali este ato de misericórdia".

Quão simples, porém quão poderoso este raciocínio! O oficial considerava Jesus um tipo de César a reger um império espiritual invisível, cujos servos lhe obedeciam, da mesma forma que os romanos ao seu imperador. Sabia ser a palavra de Cristo, sem sua presença física, suficiente, porque a sua própria experiência o comprovava. A arte diabólica da guerra pelo menos tem a virtude de ensinar conceitos de autoridade e absoluta obediência.

IV - A Recompensa da Fé

1. A recomendação. "E maravilhou-se Jesus ouvindo isto, e disse aos que o seguiam: Em verdade vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tanta fé". Duas vezes lemos que Jesus maravilhou-se: uma vez por causa da fé desse gentio com poucos privilégios espirituais, e outra pela descrença dos judeus, indesculpável depois de séculos de treinamento na Palavra do Senhor (Mc 6.6). "Não achei fé". Jesus procurava fé nesse povo privilegiado. O único fruto que desejava era a confiança nEle (Lc 18.8).

A fé que o centurião depositou em Cristo trouxe à alma profética deste a visão de multidões de gentios, os quais, a exemplo do oficial romano, creriam e seriam salvos: "Mas eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no reino dos céus". Os gentios, até então fora da aliança (Ef 2.11-13), estavam prestes a participar das bênçãos de salvação que viriam através do Messias (At 13.46-48; 14.27; 15.14). Ao mesmo tempo, estava prevista a rejeição de Israel, por sua descrença: "E os filhos do reino [os que falsamente alegavam pertencer ao povo escolhido] serão lançados

nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes". A nação que aguardava, ansiava e orava pelo Reino de Deus, acabou por perdê-lo (Mt 21.43; Rm 11.11-32). Falavam piedosamente acerca do Reino, mas, ao abrir Jesus as portas aos arrependidos, recusaram-se a entrar. Esta é a lição da parábola em Lucas 14.15-24. Por que os judeus não conseguiram atingir o Reino? Ver Romanos 9.30-33 e o capítulo 10.

2. A realização. "Então disse Jesus ao centurião: Vai, e como creste te seja feito. E naquela mesma hora o seu criado sarou". O homem acreditava que Jesus podia curar à distância, e conforme creu, assim foi feito. O que recebemos da parte de Cristo depende da maneira como aceitamos o que Ele dá. Enquanto o centurião voltava para casa, como andava? Ver 2 Coríntios 5.7.

V - Ensinamentos Práticos

1. Chegando Jesus à cidade. "E entrando Jesus em Cafarnaum, chegou junto dele um centurião, rogando-lhe". Fosse um famoso atleta grego chegando na cidade, e os que gostavam de esportes iriam vê-lo; ou um conhecido cantor egípcio, e os que apreciavam a música ter-lhe-iam dado as boas-vindas. Quando, porém, Jesus chegava numa cidade, todos os de coração quebrantado, fracos e esgotados sentiam ressurgir a esperança. Ele era qual imã amoroso, atraindo àqueles cujas almas necessitavam de médico.

Assim acontece hoje. Chegam os grandes músicos, e o mundo da música fica comovido; aparece um famoso preletor, e agitam-se os intelectuais da cidade. Quando, porém, o Senhor Jesus Cristo, através do ministério dos seus obreiros consagrados, visita uma cidade, são atraídos a Ele todos os sobrecarregados da labuta diária. Podemos ter a certeza de que, sendo Ele pregado com sinceridade e poder, muitos virão implorando, como o centurião. Porque estamos num mundo cansado e carente.

2. A Fé agrada ao Senhor. “Em verdade vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tanta fé”. Percebemos Jesus procurando fé entre o povo que Deus guiara e sustentara por tantos séculos. E procura a mesma coisa em todos nós - aquela confiança, como a de um infante, que se lança totalmente à sua Palavra, na certeza de receber resposta. A fé aparece em primeiro lugar, porque é a raiz das virtudes cristãs: “Sem fé é impossível agradar-lhe [a Deus]” (Hb 11.6).

Grande emoção tomou conta do Senhor ao perceber a fé do centurião. Como ficou contente! Assim, sabemos o que alegra o coração do Mestre. Não nos pede Ele o intelecto, pompa ou poder, pois, que significam estas coisas para aquEle que criou o mundo? Quando, porém, olhamos para Ele, dizendo: “Creio, Senhor”, isto o enche de alegria. Dos que têm fé, Ele nada retém, mas afirma: “Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te daqui, e planta-te no mar, e ela vos obedeceria” (Lc 17.6). “Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?” (Lc 18.8). Achará Ele fé em nós?

3. Almas nobres não estragadas pela autoridade. Nas obras de Shakespeare, achamos a seguinte idéia: “Oh! É excelente ter as forças de um gigante; é portanto, tirania empregá-las como um gigante. Mas o homem, tão orgulhoso, revestido por algum tempo com um pouco de autoridade, faz truques tão fantásticos diante dos altos céus que até os anjos choram”. Pessoas que se deleitam em exercer a sua autoridade são-nos familiares. No exército, são justamente os oficiais de mais baixa patente que se esforçam por fazer sentir a sua autoridade. Sem dúvida, há encarregados que dão mais ordens que o presidente da companhia.

As pessoas que realmente possuem autoridade não se preocupam em demonstrá-la; sabem que a melhor maneira de empregar autoridade é não empregá-la. Têm tanta tranqüilidade em sua posição, que não precisam chamar a atenção para ela.

O centurião é um exemplo de homem não estragado por sua posição e

autoridade. Humildade, modéstia e bondade marcavam-lhe o caráter. Falamos em crianças mimadas, mas não é possível, também, haver adultos mimados?

4. A fé, não as formas, liga-nos a Deus. "E os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores". Os judeus haviam caído numa situação possível a um grupo religioso - estavam satisfeitos com seus privilégios externos como povo de Deus; pensavam que o serem descendentes de Abraão bastava-lhes para a salvação. Quando João Batista e Jesus pregaram o arrependimento como requisito para entrar no Reino, aqueles justos aos seus próprios olhos não se viam sujeitos à mesma exigência; imaginavam-se já dentro do Reino. Nicodemos, quando veio a Jesus, não tinha dúvidas de que pertencer ao povo de Israel era qualificação suficiente para torná-lo membro do Reino do Messias. Jesus, porém, explicou-lhe que ninguém poderia entrar no Reino sem passar por uma mudança espiritual.

Há perigo em considerar certas coisas como garantidas. Pessoas há nas igrejas semelhantes aos judeus, a confiarem demasiadamente na conexão externa entre a religião e as instituições religiosas. Aquilo que tira a ponta afiada das exortações nas mensagens, não deixando que atinjam os corações e as consciências, constitui-se no mesmo erro judaico de pensar que meios externos permitem a filiação ao Reino, e que, portanto, ensinos dirigidos aos pecadores podem ser dispensados. Não é o ser membro de uma igreja que nos vincula ao Senhor Jesus Cristo, mas a fé. Somente a confiança nEle abre as portas do Reino.

5. Fé: a medida da bênção. "Como creste te seja feito". Quando vamos ao poço, o que determina a quantidade de água a ser retirada? O tamanho do balde! E o que determina a quantidade de bênção que recebemos do Senhor? A qualidade e quantidade de nossa fé! Temos Cristo em nós de acordo com a medida de nossa fé. Se fosse feita esta proclamação: "Deus dará ouro a quem pedir e trouxer uma bolsa" - que tipo de bolsa você levaria? Uma grande sacola, sem dúvida! Quando, porém, Deus nos oferece riquezas da vida espiritual e abundância de poder, quão pequenos são os vasos que levamos! Deus é rico, mas temos trazido a Ele vasos de capacidade muito pequena. "Nada tendes, porque não pedis".

6. O bom senso da fé. O raciocínio do centurião era muito simples: A alguém que possui autoridade, basta anunciar seu desejo, e ele será cumprido. Sendo assim, a palavra de Jesus era suficiente para curar à distância o criado do centurião. Havia bom senso no pensamento do oficial romano. Afinal, é a fé o bom senso elevado ao mais alto grau. Notemos quantas vezes Jesus colocou a fé na base do bom senso. Se Deus cuida de pássaros e flores, não cuidará dos seus próprios filhos, feitos à sua própria imagem? (Mt 6.25-30). Se um pai humano, com todas as suas imperfeições, dá tudo quanto é necessário à vida de filhos, quanto mais Deus o Santo suprirá aquilo que é necessário à vida espiritual! (Lc 11.13). E se um juiz injusto e corrupto cede às importunas petições de uma viúva, quanto mais o justo Juiz vingará e ajudará o seu povo! (Lc 18.1-7).

Existem, de fato, assuntos que não podem ser entendidos sem especial revelação de Deus. Porém, muitos problemas podem ser resolvidos pelo bom senso.

A Cura de Dois Cegos e Um Mudo

Texto: Mateus 9.27-35

Introdução

Isaías, o profeta, referindo-se à época do Messias, escreveu: “Então os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos surdos se abrirão” (Is 35.5). A profecia cumpriu-se muitas vezes durante o ministério de Cristo (Mt 11.5; 12.22; 20.30-34; 21.14; Jo 9). As oportunidades eram muitas, por ser a cegueira comum no Oriente, devido às precárias condições de higiene.

João denomina “sinais” os milagres do Senhor, porque apontavam, por assim dizer, a natureza divina. Abrindo os olhos aos cegos, Jesus dá a entender que Ele é a “luz do mundo”, e ensina esta lição: aquEle que pode abrir os olhos físicos, para deixar entrar a luz, pode também abrir os olhos da alma, para que entre a verdade (Jo 9.1-7). É interessante notar quão freqüentemente as Escrituras aludem ao pecado em termos de cegueira espiritual (Dt 28.29; Is 59.10; Mt 15.14; Jo 12.25; Ef 1.18).

I - Jesus e os Cegos (Mt 9.27-31)

1. Sua petição. “Seguiram-no dois cegos, clamando e dizendo: Tem compaixão de nós, filho de Davi”. Embora não pudessem vê-lo, tinham ouvido falar das palavras e obras de Jesus, e a fé já se desenvolvera em seus corações. Embora fisicamente cegos, os olhos das suas mentes estavam abertos o suficiente para perceber que Ele era o Profeta enviado da parte de Deus, e que da parte dEle haveria operações de cura. “Filho de Davi” era um nome comumente aplicado ao Messias vindouro, que haveria de surgir da família daquele rei para trazer a Israel “as firmes beneficências de Davi” (Is 55.3).

2. Sua perseverança. Jesus não deu sinal de ter ouvido os cegos e, somente após entrar numa casa, falou a eles. Isto não representava indiferença. O Mestre testava-lhes a fé. Qual perito cirurgião, Jesus sabia com precisão as necessidades de cada alma e como tratar a cada uma. Alguns eram curados imediatamente, a pedido; outros, tinham de esperar. Embora cegos e desprezados pela sociedade, os dois homens não estavam dispostos a aceitar uma recusa.

3. Sua fé. Pretendendo levar os cegos a expressarem a sua fé, Jesus perguntou-lhes: “Credes vós que eu possa fazer isto? Disseram-lhe eles: Sim, Senhor. Tocou então os olhos deles, dizendo: Seja-vos feito segundo a vossa fé”. Quando possível, Jesus exigia fé daqueles que procuravam a cura. Todavia, não se tratava de exigência arbitrária, por ser a fé o meio pelo qual podemos receber algo da parte de Deus.

4. Seu dever. “E os olhos se lhes abriram. E Jesus ameaçou-os, dizendo: Olhai que ninguém o saiba”. Parece-nos estranha tal proibição, face o dever reconhecido de testificar da bondade do Senhor (Mc 5.19). Tinha o Mestre, no entanto, boa razão para fazê-la. Sua popularidade estava no auge, e multidões reuniam-se onde quer que Ele fosse. Tinha havido inquietude política no país durante muitos anos, e os romanos esperavam um levante popular. Por isso, cada figura pública era vigiada de perto, para se captar possíveis sinais de sedição. Além disso, os fariseus já haviam planejado matá-lo; aguardavam

apenas oportunidade para acusá-lo, diante de Pilatos, de ser um revolucionário (Mt 12.14 e Lc 23.1,2). E por sabê-lo, Jesus, freqüentemente proibia às pessoas curadas fazerem publicidade da bênção, para mostrar às autoridades que não pretendia a revolução (Mt 12.14-21). Mateus cita uma profecia do Antigo Testamento dizendo que o Messias seria um ensinador e curador de corações quebrantados, e não um instigador de multidões.

5. Sua desobediência. "Mas tendo eles saído, divulgaram a sua fama por toda aquela terra". Não podemos culpar esses homens por honrarem o seu benfeitor. Mesmo assim, estavam desobedecendo. A melhor prova de gratidão é a perfeita obediência: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra". Ao publicarem o milagre, mostram-nos aqueles homens a mancha na perfeição da sua fé. Apesar de seus corações gratos, cometeram uma falta.

II - Jesus e o Endemoninhado (Mt 9.32,33)

"E havendo-se eles retirado, truxeram-lhe um homem mudo e endemoninhado". Estava tão subjugado pelo poder do demônio, que teve de ser trazido a Jesus. Um quadro desolador, próprio daqueles espiritualmente cativos pelo diabo. Ele era mudo; não tinha voz para oração, louvor ou testemunho. "E, expulso o demônio, falou o mudo". Os demônios podem possuir uma pessoa, mas não resistem ao poder de fé que a conduz ao Senhor.

Podemos aplicar este incidente à vida espiritual: se o medo, o orgulho ou o egoísmo nos deixar mudos, Jesus pode nos libertar.

"E as multidões se admiravam, dizendo: Jamais se viu tal cousa em Israel!" Cristo realmente era único; tudo quanto fazia e dizia era "diferente". O povo nunca ouvira pregação como a dEle, nem testemunhara tais obras de poder.

III - Jesus e os Críticos (Mt 9.34)

“Mas os fariseus diziam: Ele expulsa os demônios pelo príncipe dos demônios”. Esta acusação blasfema partia de homens moralmente conceituados, religiosos e respeitáveis, pertencentes à mais severa seita dos judeus, cuja principal preocupação era a santidade. Além disso, eram líderes que conheciam bem as Escrituras. Como explicar, então, sua blasfêmia? Para responder a esta pergunta, faz-se necessário seguir a história da oposição a Jesus por parte dos judeus.

A forma utilizada por Jesus, de proclamar o Reino de Deus através de um grupo organizado de discípulos, provocou reação hostil da parte dos líderes religiosos. Tivesse o Senhor limitado-se a ensinar os princípios do Sermão da Montanha, não teriam as autoridades interferido, por mais surpreendentes que fossem esses preceitos. Quando, porém, começou a praticá-los e a exigir que os discípulos fizessem o mesmo, concluíram que Ele estava estabelecendo uma nova congregação, sem base eclesiástica ou escriturística. A Lei e o Templo eram as instituições mais importantes do judaísmo, mas Ele exaltou-se sobre ambos (Mt 5.27,38,21; 12.6), exigiu lealdade pessoal a si mesmo (Mt 10.37), e reivindicou o controle sobre seus seguidores como somente Deus poderia fazê-lo. Protestavam por muitas coisas: Jesus quebrava o sábado por motivos religiosos e responsabilizava a Deus pelos seus pontos de vista radicais (Jo 5.16-18); convivia com pecadores que não queriam ir à igreja, e ainda alegava estar seguindo o método divino (Lc 15.2). As lavagens e jejuns eram consideradas pontos essenciais da verdadeira piedade, mas Ele os deixava em segundo plano, em nome da religião (Mt 9.14-17, 15.1-8).

Esses líderes não entendiam que Jesus tinha vindo encerrar a Antiga Aliança e levar os homens à liberdade da Nova Aliança, conforme a profecia de Jeremias 31.31. Assim, não conseguiram entendê-lo. Examinando as suas atitudes para com a Lei e as instituições divinas, chegaram à conclusão de que o espírito de Jesus era mau, e que seus milagres, portanto, eram operados pelo autor de todo o

mal. Não podiam negar que tivesse poder, mas, sendo Ele - assim o consideravam - um pecador (Jo 9.16), o que possuía não poderia vir da parte de Deus; provinha, certamente, do maligno.

A resposta de Jesus acha-se em Mateus 12.24-27. A acusação era estulta, porque se Satanás estivesse expulsando demônios, acabaria por destruir seu próprio reino. Além disso, julga-se a árvore pelos seus frutos. Uma árvore boa não produz fruto ruim, e vice-versa. As ações de Jesus eram boas; traziam cura e libertação a muitos, e não havia lógica em supor procedência satânica a obras tão claramente divinas. Por isso, acrescentou Jesus à sua resposta advertência contra o pecado que não tem perdão, a saber, o atribuir obras de Deus a Satanás.

IV - Jesus e o Seu Ministério (Mt 9.35)

A melhor resposta de Jesus à sugestão blasfema dos fariseus foi continuar andando por toda parte "fazendo o bem, e curando a todos os oprimidos do diabo". Ele percorria as cidades e povoados, "pregando o evangelho do reino".

1. A explicação da mensagem. "E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas". O ensinar referia-se especialmente à exposição da Palavra de Deus e definição do Reino, mediante preceitos e parábolas. O principal propósito do mestre era tornar clara a verdade.

2. A aplicação da mensagem. "Pregando o evangelho do reino". O objetivo maior do pregador é apelar à vontade dos ouvintes e comovê-los a agir de acordo com as verdades que aprendem.

3. A ilustração da mensagem "E curando todas as enfermidades e moléstias

entre o povo". Jesus era poderoso em palavra e atos (Lc 24.19). É-nos contado "todas as coisas que Jesus fez e ensinou"; não consiste o Evangelho somente em palavras, mas em poder (1 Ts 1.5). Palavras não bastam; é preciso haver resultados.

V - Ensinamentos Práticos

1. Oração é pedir, não exigir. Os homens poderiam ter gritado: "Senhor, exigimos justiça; curaste a outros e, se não curares a nós, serás culpado de parcialidade. Trata-nos com justiça, Filho de Davi!" Mas, ao invés, clamavam: "Tem compaixão de nós!". Os pecadores arrependidos sempre se apresentavam a Jesus com uma petição por misericórdia, e não exigindo justiça. O fariseu orava: "Deus, orgulhe-se de mim, um santo!" Mas o publicano, carregado com o senso de culpa, suspirava: "Deus, tem compaixão de mim, pecador!". E foi este último o que voltou para casa justificado.

Se tivéssemos de escolher, o que pediríamos a Deus: justiça ou misericórdia? Qualquer pessoa, a lembrar seu passado, preferiria a misericórdia, sem dúvida. Reconhecendo o quanto precisamos dela, por causa de nossas faltas, aprenderemos a demonstrar misericórdia aos outros: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia".

Mais preciosa é a fé do que a vista. A fé percebe as coisas invisíveis: "Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas" (2 Co 4.18). Como vemos coisas que são invisíveis? Aceitando a declaração da Palavra de Deus de que existem! Quando realmente cremos que de Deus vamos receber alguma coisa, já a temos por recebida. Abraão, embora velho, via-se como pai do filho da promessa (Rm 4.19,20).

Algumas pessoas, oprimidas por dúvidas e tentando em vão atravessar céus que lhes parecem de bronze, dizem, desanimadas: “Se pudesse ver alguma coisa, então creria”. Mas o Senhor responde: “Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?” (Jo 11.40); e: “Bem-aventurados os que não viram e creram” (Jo 20.29).

A simples confiança na Palavra de Deus é a única maneira de se obter a certeza da realidade das coisas invisíveis (Hb 11.1; 1 Pe 1.8), porque a fé é o olho da alma.

2. A fé obtém coisas de Deus. “Seja-vos feito segundo a vossa fé”. É a fé importante por ser o poder que recebe. Nada é em si mesma, todavia constitui-se no meio pelo qual recebemos coisas da parte de Deus. Nenhum crédito deve-se ao mendigo por estender a mão, mas esta é a maneira como recebe esmolas. De modo semelhante, a fé é a mão da alma, estendida para receber bênção e socorro espirituais. Uma bolsa não fará ninguém rico, mas é capaz de guardar dinheiro. Assim, também, a fé pode ser a bolsa que contém a graça de Deus. Um balde, com a corda, não satisfaz a sede de ninguém, mas pode tirar água do poço da salvação.

É simples a fé, tão simples que, muitas vezes, tropeçamos por causa dela. Verdadeiramente, não é raro precisarmos de uma obra gratuita para ver a sua simplicidade e entender o seu significado.

A fé mede o nosso progresso nas coisas divinas. Recebemos poder de Deus à medida que cremos nas suas promessas. Uma pessoa pode ser culta, inteligente, ativa, esforçada, mas, se não tiver fé, não crescerá na graça. “Senhor, aumenta-nos a fé”.

3. Tratando com o preconceito. O povo glorificou a Deus ao ver a libertação do

mudo, mas os fariseu replicaram: "Expulsa os demônios pelo príncipe dos demônios". O que explica esta blasfêmia? A cegueira espiritual causada pelo preconceito! Pessoas podem fechar os olhos da mente, à semelhança de seus olhos físicos. Sem dúvida, os fariseus o acusaram na ignorância, não convictos da divindade de Cristo. Eram responsáveis, no entanto, por não investigarem sinceramente as reivindicações de Jesus.

Jesus advertiu aos seus discípulos: "Se chamaram Belzebu ao pai de família, quanto mais aos seus domésticos?" (Mt 10.25). Se pessoas religiosas consideraram a obra do Senhor como sendo "do diabo", não devemos surpreender-nos se pessoas zelosas, porém mal-informadas, aparecerem com a declaração: "O movimento das línguas estranhas é do diabo". Como tratar com tais pessoas?

• Com caridade cristã. Pode ser que tenham sido mal informadas ou se escandalizado pela conduta de alguns irresponsáveis. Como o Salvador na cruz, precisamos orar: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". Paulo, o apóstolo, confessou ter sido um blasfemador, porém acrescentou: "Mas alcancei misericórdia, pois o fiz na ignorantemente, na incredulidade" (1 Tm 1.13). O "pecado que não tem perdão" não pode ser cometido na ignorância; a pessoa que o pratica há de estar consciente.

• Com raciocínio claro (Mt 12.25). A todos que consideram o movimento pentecostal como sendo "do diabo", respondemos: Se isto é verdade, então o diabo está convertido e desfazendo o mal que antes fazia! Porque Satanás, conforme sabemos, não inspira pessoas a pregar o arrependimento, nem as persuade a abandonar o pecado, nem dá a seus seguidores visão missionária para contribuir com milhões à obra de libertar as vítimas do paganismo. Não é ele quem inspira jovens a abandonar o conforto para penetrar nas florestas africanas com a mensagem do Evangelho. Estas atividades são fruto do Espírito de Deus. A Árvore corrompida não dá bons frutos.

• Com uma advertência solene. Jesus não disse que os fariseus tinham cometido o pecado que não tem perdão, mas advertiu-os sobre o perigo que corriam, o de cair nele. Semelhantemente, pessoas podem, na sua ignorância, atribuir a obra de Deus ao espírito do diabo; elas precisam ser advertidas do perigo que correm por insultar o Espírito Santo.

• Com vidas santificadas. A melhor resposta de Jesus à falsa acusação dos fariseus foi uma vida consagrada e um ministério sacrificial (Mt 9.35). Não vale a pena pensar muito acerca das críticas. Se verdadeiras, ajudam-nos a corrigir os defeitos; em sendo falsas, devem ser refutadas, pela vida que vivemos e o serviço que prestamos.

Abandonando Tudo por Cristo

Texto: Mateus 10

Introdução

Neste capítulo, os doze discípulos são chamados a pregar, advertidos das perseguições, incentivados a serem destemidos, exortados à fidelidade e conclamados a carregarem cada um a sua cruz.

I - Chamados a Pregar (Mt 10.1-15)

De acordo com as profecias, o primeiro trabalho do Messias era ser profeta para o seu próprio povo, em cumprimento à promessa divina de que seria o Salvador enviado ao mundo através de Israel. Após o seu ministério em Israel, estender-se-ia a salvação até os confins da terra (Rm 15.8,9). Nos Evangelhos, vemo-lo cumprir este ministério, pela proclamação das Boas Novas em toda a Terra Santa.

Durante os dias da sua carne, porém, Jesus era sujeito às limitações terrenas;

podia estar num só lugar de cada vez. A necessidade era grande, e o tempo, curto. Por isso, nomeou doze apóstolos para ajudá-lo na evangelização do povo de Deus. Deu-lhes treinamento especial, não somente para aquela missão imediata, mas como preparação à liderança da igreja futura. Seu ministério limitava-se às “ovelhas perdidas da casa de Israel”, porque era plano de Deus fosse o Evangelho pregado primeiramente aos judeus, a fim de que a Palestina se tornasse centro missionário para todas as nações. Sua pregação era muito simples: O Reino de Deus estava próximo!

Para acrescentar força à mensagem, deu-lhes o Senhor poder para curar os enfermos. A chamada era urgente e poucas as suas necessidades. Portanto, não havia razão para complexos preparativos de viagem. Ao entrarem numa povoação ou cidade, tinham de procurar as pessoas simpáticas à mensagem, em cujas casas deveriam se hospedar. Se fossem rejeitados, não haveria por que desanimar: a perda não seria deles e, sim, daqueles que os rejeitavam, e à mensagem.

II - Advertidos das Perseguições (Mt 10.16-25)

Jesus suportava as perseguições, por mais desagradáveis que fossem, ajustando-se a elas. Era realista no trato com seus discípulos, advertindo-os sobre as dificuldades futuras. Mais do que preveni-los, deu-lhes instruções sobre como enfrentar a perseguição:

1. A sábia cautela. “Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos”. Era uma perspectiva assustadora. Notemos, porém, as palavras: “Eis que vos envio...” Se Ele nos envia, certamente cuidará de nós. Contra a brutalidade dos homens, os discípulos deveriam empregar a sabedoria das serpentes e o caráter inofensivo das pombas.

2. A singela dependência. Ao serem presos ou processados, dependeriam do Espírito Santo para responder aos interrogatórios, porque sua prisão seria uma oportunidade para testemunhar. Ilustra-se bem esse fato na vida do apóstolo Paulo, cujas prisões deram-lhe a chance de testificar diante de reis e governadores.

3. A perseverança. Jeremias, o profeta, foi rejeitado pelos parentes, odiado pelos patrícios e preso diversas vezes por pregar o justo juízo de Deus contra Israel. Jesus preveniu os discípulos de que experiências semelhantes os aguardavam, mas que deveriam imitar a perseverança de Jeremias e demais profetas: "Mas aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo". Pode o seguidor de Cristo vir a perder tudo o que possui, mas ganhará as glórias do Céu. Porque, mesmo morrendo por amor ao Evangelho, sua morte seria apenas o meio de introduzi-lo na presença do Rei. Não deveriam estranhar o serem perseguidos. Seu Mestre sofreria; como esperariam eles escapar? (versos 24 e 25).

III - Incentivados a Serem Destemidos (Mt 10.26-31)

"Não temais". É fácil dizer a alguém que não deve temer, mas bem diferente é fortalecer a própria coragem diante do perigo. Jesus apresentou três razões por que os seus seguidores não deveriam temer o que os homens lhes pudessem fazer de pior:

1. A grandeza da mensagem. "Portanto, não os temais: porque nada há encoberto que não haja de revelar-se, nem oculto que não haja de saber-se". Noutras palavras: "Não tenham medo deles a ponto de esconder-lhes a fé e os princípios cristãos, porque são estes de suprema importância e terão alcance mundial. Nem mesmo seu relacionamento comigo se poderá ocultar; por isso, não receiem proclamar sua fé ou reconhecer o seu Mestre. Embora sejam poucos homens a trabalhar num recanto obscuro do planeta, sua mensagem é eterna, e atingirá o mundo inteiro. Não hesitem, portanto, em proclamá-la".

2. A limitação do poder humano. “Não temais os que matam o corpo, e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo”. O máximo que podem fazer os perseguidores é matar o corpo; não podem danificar o verdadeiro ser. Depois de ter ficado o seu corpo por algum tempo em poder de seus perseguidores, Jesus orou: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. Deus, porém, pode lançar o homem inteiro, corpo e alma (depois da ressurreição) no lago de fogo. O temor do homem produz covardes, o de Deus, heróis e mártires. O temor de Deus afasta qualquer outro temor.

3. O cuidado de Deus para os seus. “Não se vendem dois passarinhos por um ceitil? e nenhum deles cairá em terra sem a vontade de vosso Pai”. Deus controla o universo no sentido geral e no particular. Cada acontecimento é dEle conhecido. Não sendo indiferente a um pardal moribundo, quanto mais às necessidades daqueles feitos à sua semelhança! Certamente os filhos da luz estão mais próximos do coração de Deus que uma ave aleijada. Por que temer, então, se a mão que controla o universo é a mesma que deles cuida?

“E até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados”. As minúcias dos cuidados divinos proíbem aos discípulos de temerem.

IV - Exortados à Fidelidade (Mt 10.32,33)

“Portanto, qualquer [lembrando que, vindas as perseguições, receberemos de Deus forças para suportá-las] que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus. Mas qualquer que me negar diante dos homens, eu o negarei também diante de meu Pai, que está nos céus”. Confira Salmos 119.46; Lucas 12.8,9; João 9.22; Romanos 10.9,10; 1 Timóteo 6.12,13; 2 Timóteo 1.8; Apocalipse 2.13. Confessar a Cristo é mais que uma declaração de lábios. Muitos repetem o Credo, como papagaio, sem saber o que

estão dizendo. Externamente, Judas confessou a Cristo, enquanto Pedro, uma vez, o negou. Judas, porém, era apóstata, e Pedro, verdadeiro discípulo. Observando os versículos anteriores, percebemos manter-se durante a perseguição este confessar, e que o negar é covarde tentativa de autopreservação. Realmente confessar Cristo significa testificar com os lábios e a vida, aconteça o que acontecer.

Notemos a recompensa e o castigo. Por que confessará Cristo os que o confessarem, e negará os que o negarem? Porque estes atos revelaram a condição espiritual dos que os praticam! O verdadeiro discípulo de Cristo certamente o confessará, enquanto aquele que publicamente o nega, não pode esperar ser reconhecido como seu seguidor.

V - Conclamados a Carregar a Cruz (Mt 10.34-39)

Esta é a idéia contida nestes versículos: A comunhão com Cristo pode significar separação daqueles que nos são queridos na terra, mas a recompensa será grande.

1. Lutas inevitáveis. "Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Porque eu vim pôr em dissensão o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra; e assim os inimigos do homem serão os seus familiares". À primeira vista, estas palavras parecem contradizer outras partes do Novo Testamento, que vinculam a vinda de Cristo com paz e boa vontade entre os homens. Não há contradição, porém. A paz trazida por Ele não é algo que se exteriorize como, por exemplo, a prosperidade material; é uma condição interna, que depende da escolha do indivíduo. Cristo, de fato, veio oferecer paz por meio do Evangelho, mas este mesmo Evangelho, por causa da atitude dos homens, acabaria trazendo a luta. A pregação despertaria a violência dos perseguidores, como no caso de Tiago, que foi morto à espada (At 12.1,2). Para muitos, ser cristão significa sofrer ódio e inimizade de membros da família; não têm dificuldades para entender as palavras de nosso Senhor.

Fala-nos Jesus em trazer espada. No Antigo Testamento, muitas vezes, declara-se estar acontecendo o que o Senhor permite, ou o que é resultado do seu trato com os homens. Assim, ao resistir Faraó à mensagem do Senhor, diz-se que o Senhor endureceu o coração de Faraó. Ao ordenar a Isaías que endureça o coração de seus patrícios, está o Senhor apenas descrevendo o resultado da pregação do profeta (Is 6.9,10). Resumindo: Revela-nos Jesus o resultado da pregação do Evangelho: perseguição, divisão e lutas.

2. Um tremendo desafio. É doloroso o repúdio dos familiares, talvez a mais severa tentação que o convertido possa enfrentar. Jesus, porém, declara: "Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim". À esta declaração, muitos judeus têm respondido: "Mas isto quebraria o coração dos mais velhos pais!"; ou: "Tudo estaria bem, se tivesse de pensar somente em mim; tenho, porém, esposa e filhos".

Jesus coloca-se acima das afeições naturais. Poderia um simples homem exigir tal lealdade, especialmente de quem conhece o mandamento: "Honra o teu pai e a tua mãe"? Não! Somente Cristo, divino, pode impor tamanha exclusividade. E, por estranho pareça, milhões de pessoas há que amam o Senhor acima de tudo, e ainda se culpam por não amá-lo mais.

3. Uma severa exigência. "E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim". A cruz não significa desgostos inevitáveis, como pobreza, enfermidade, perda de amigos ou um desagradável ambiente de trabalho; tampouco os sofrimentos resultantes de nossa culpa ou estultice (1 Pe 2.19-21). A cruz é algo adicional e voluntário (indicado pela palavra "tomar"). É conseqüência lógica da conversão, da aceitação a Cristo.

Para sermos exatos, a cruz refere-se àquelas dificuldades e perseguições que são resultado da nossa lealdade a Cristo. Ver Mateus 5.10,11 e observar as

expressões “por causa da justiça” e “por minha causa”.

Note a expressão “segue após mim”. Cristo é o nosso líder e padrão, e andamos nas suas pisadas (Jo 13.15; Rm 8.29; 1 Co 11.1; Ef 5.2; Fp 2.5; 1 Pe 2.21; 1 Jo 2.6; 3.16).

4. Uma lei espiritual. “Quem achar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á”. Existe uma perda que é ganho, e um ganho que é perda. A pessoa que, durante a perseguição, aceita algum meio-termo, para poupar-se, perderá a sua vida mais alta; mas quem perde a sua vida por amor a Cristo, a obterá. A cada ano, o homem do campo sacrifica o melhor dos grãos produzidos, ao invés de oferecê-lo à venda. A vida natural do grão termina ao satisfazer o apetite humano. Todavia, seu pleno desenvolvimento - a abundância da vida - acontece quando aparenta estar perdido, sob o solo, escondido da vista. A vida vivida em prol de si mesmo, no entanto, chegará ao seu final (Mc 10.17-25; Jo 12.23-26).

VI - Ensinamentos Práticos

1. Submissão a Cristo: a verdadeira dignidade. Neste trecho, exige o Mestre lealdade absoluta à sua Pessoa, uma reivindicação que ultrapassa a afeição aos pais. Alguns homens modernos consideram indigno tal sacrifício por Jesus. Não querem aceitar a Cristo como Mestre absoluto, da moral e da religião. Consideram-se superiores a tão “estreita” concepção, sábios demais para acederem às “superstições” do povo. Porém, alguns desses mesmos homens adotam cegamente ensinos de filósofos ou cientistas, orientando por eles a sua vida. Dão aos homens crédito e lealdade que negam a Cristo.

Por certo, é humilhante entregarmo-nos às idéias de um homem e fazer dele o senhor das nossas vidas. O que podemos fazer de melhor por nós mesmos é

coroar Jesus Senhor da nossa vida. É degradante ser escravo de homens; enobrece-nos, porém, o servir a Jesus Cristo.

2. Mártires vivos. Jesus adverte os discípulos do perigo de negá-lo, em face do perigo, perda ou morte. Poucas pessoas, hoje, têm de enfrentar a morte por causa do Evangelho, mas, possivelmente, é mais fácil morrer por Cristo que viver por Ele. Não se apresenta a tentação na sua forma mais incisiva. Talvez seja mais fácil enfrentar o cadafalso e o fogo, concentrando-se a coragem para agüentar por pouco tempo o sofrimento, que resistir às mais insidiosas atrações do mundo, especialmente quando se encontram sob a capa da religião. A risada leviana de zombaria, a pressão silenciosa da baixa média de caráter cristão, a associação estreita com os não-cristãos no comércio, na literatura e na vida pública e privada, levam muitos a silenciar sobre o pecado, com terrível dano à sua vida espiritual. Cada um deve ser leal às próprias convicções, caso contrário, estas derreter-se-ão como gelo exposto ao sol.

"Mártir" quer dizer "testemunha". Os mortos não são os únicos mártires, mas também os vivos, cuja vida é um testemunho constante ao Senhor.

3. O amor a Deus enobrece o amor terrestre. Pode parecer-nos a reivindicação do Senhor uma violação ao amor natural. Mas a verdade é que, quanto mais leais os filhos forem a Cristo, tanto melhor serão como filhos. O elo mais forte entre marido e mulher é a submissão a um amor mais sublime que aquele responsável pela sua união. O amor terrestre é enobrecido, aprofundado e intensificado quando sujeito ao amor que dedicamos a Jesus.

4. A cruz não é maior que sua graça. Na Idade Média, pessoas sinceras, porém mal orientadas, procuravam fazer as suas próprias cruzes, entregando-se a longos períodos de jejuns, autoflagelando-se e negando a si mesmas os mais simples confortos da vida. Não precisamos fazer nossas próprias cruzes. Ao seguirmos a Cristo, a cruz nos acompanhará.

Há, por outro lado, os que acham sua cruz pesada demais. Pensam que seriam mais felizes se as coisas lhes ocorressem tão facilmente quanto para outros. Mas não é a cruz dessas pessoas pesada demais. Nem mais pesada que a das outras pessoas.

Imaginemos que todos as cruzes da nossa congregação fossem empilhadas, e tivéssemos de escolher uma delas. Penso que, após experimentar as demais, descobriríamos que nenhuma delas nos assenta tão bem quanto a nossa própria cruz! E isto seria o fim das nossas queixas! A cruz pode parecer maior que as nossas forças, mas nunca será maior que a graça de Deus. “A minha graça te basta”.

5. Precisamos morrer a fim de viver. “Quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á”. Estas palavras têm um escopo mais largo que a morte física sofrida pelos mártires. Referem-se àquele morrer diário para o próprio eu, por vezes mais doloroso e difícil que a morte através da qual os mártires entram no descanso eterno. Perder a vida é morrer para si mesmo, e isto não pode ser feito de uma vez para sempre, mas precisa ser praticado contínua e diariamente. Temos todos inclinação a fazer do próprio eu o centro de nossa vida. E, se agirmos conforme esta tendência, morreremos espiritualmente. Nossa vida espiritual começa somente após crucificarmos o velho homem, com suas paixões e concupiscências. Nascer de novo significa receber vida nova e divina, e esta se desenvolve à medida que a vida antiga desaparece. Esta nova vida centraliza-se em Cristo, enquanto a antiga, no próprio eu.

Em que consiste o morrer para o próprio eu? Significa, em primeiro lugar, submetermos nossas vontades a Deus, como barro flexível nas mãos do oleiro. Quando pudermos dizer: “Não seja feita a minha vontade, e sim a tua”; e: “Não vivo eu, mas Cristo vive em mim”, então, no sentido profundo da palavra, perderemos as nossas vidas. Perder a vida também significa crucificar os desejos e inclinações do viver passado, e dedicar a Deus todos os planos e ambições. Significa, ainda, a dedicação de todas as nossas posses ao Senhor,

administrando-as como seus mordomos.

É razoável a exigência de Cristo? Exploradores, soldados, cientistas, todos fazem sacrifícios semelhantes, em prol de causas terrenas. Por que não sacrificar-nos em favor da causa celestial?

O próprio eu, no entanto, é parte vital da natureza humana. Onde encontrar forças para destroná-lo? Temos a resposta nesta frase: “Por amor de mim”. Os espíritos malignos do egoísmo riem-se dos nossos esforços, mas fogem diante do Nome que está acima de todos os nomes. A única maneira de afastar o ego é dar lugar ao amor de Cristo.

Considere a recompensa por se perder a vida: “Achá-la-á”. Tem-se dito que ninguém realmente possui a si mesmo, até entregar-se a Jesus Cristo. Não somos nossos próprios mestres enquanto não formos servos de Cristo. Aquele que se esquece dos prazeres para ocupar-se com coisas mais nobres, descobrirá alegria profunda como um rio. O homem que emprega seu dinheiro para a glória de Deus e a bênção dos outros, desfrutará plenamente do mesmo dinheiro.

É profunda esta verdade, e somente através da experiência pessoal pode ser entendida. Quando procuramos poupar-nos, no sentido de viver para nós mesmos, perdemos nossas vidas, e encontramos miséria e vazio. Quando nos perdemos por Jesus Cristo, achamos as nossas vidas. Declarou certo homem de Deus: “Dei a mim mesmo a Cristo, e Ele a mim mesmo devolveu-me em dobro.”

A Cura da Mão Ressequida

Texto: Mateus 12.1-21

Introdução

Durante muitos séculos, tinham os judeus vivido sob a Antiga Aliança - um plano temporário, cuja finalidade era prepará-los para uma superior e nova ordem, a ser inaugurada pelo Messias. Essa melhor aliança havia sido prometida no Antigo Testamento (Jr 31.31-34). Jesus veio como Mediador da Nova Aliança (Hb 8), selando-a com seu sangue (Mt 26.28). Mesmo enquanto vivia, seu ministério representava algo novo em Israel. Manifestava nova atitude para com os pecadores (Mt 9.10-13), os jejuns regulamentares (Mt 9.14-17) e o sábado - assunto discutido neste capítulo.

I - Jesus Explica o Sábado (Mt 12.1-13)

A Lei de Moisés e os costumes orientais permitiam que alguém tirasse o suficiente de espigas de cereal dum campo, ou uvas de uma vinha, para satisfazer a fome. Os discípulos valiam-se desta lei, colhendo espigas de cevada e esfregando-as nas mãos, enquanto andavam. Acusaram-nos os fariseus de estarem trabalhando no sábado, porque o arrancar espigas seria uma forma de

uma colheita, e o esfregá-las, uma forma de debulha.

Quebrar o sábado ao invés de sofrer algumas horas de fome (nenhum judeu devoto quebraria o jejum antes do fim do culto matutino na sinagoga) era, para eles, ofensa passível de apedrejamento. Jactavam-se os judeus de preferirem morrer a quebrar o sábado. Um marinheiro judeu recusou sequer tocar o leme dum barco depois do pôr-do-sol, numa sexta-feira, mesmo ameaçado com a morte, e no meio de uma tempestade. Milhares deixaram-se chacinar por não tomarem armas num sábado. Os líderes judeus achavam que as novas doutrinas de Jesus causariam grande reviravolta. Mas tinha o Mestre argumentos para defender-se, e a seus discípulos.

1. Argumento histórico (12.3,4). Davi, fugindo de Saul, estava exausto, quase a desmaiar de fome. Pediu comida aos sacerdotes, mas estes nada tinham a não ser os pães da proposição, os quais somente os sacerdotes podiam comer. Todavia entregaram-lhe os pães, julgando corretamente que melhor seria aliviar o sofrimento humano que guardar a letra da Lei. A lição é: no aparente conflito entre duas leis, a inferior tem de ceder à superior, no caso, a obrigação de aliviar o sofrimento humano.

2. O argumento da Lei (12.5,6). Os sacerdotes tinham de trabalhar no sábado, comprovando-se assim não estar o descanso acima das necessidades essenciais. Cristo, rei e sacerdote ungido da parte de Deus, era maior que o Templo, e a ocupação dos discípulos, mais importante que o descanso. E tão grande era o seu envolvimento, que não tiveram tempo de preparar comida antes do sábado. No Templo, a oferta de sacrifícios está acima da lei do descanso sabático. E mais importante é a compaixão que o sacrifício.

3. O argumento do propósito original (Mc 2.27). "O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado". Era finalidade do sábado ser uma bênção para o homem, não um fardo. Não era um dia severamente tirado ao homem por Deus, mas a ele concedido por misericórdia.

4. O argumento do senhorio de Cristo. “Porque o Filho do homem até do sábado é Senhor”. Por ser Jesus Senhor e Salvador da humanidade, tem Ele o direito de decidir como será observado o sábado - em benefício do homem.

5. O argumento da prática comum. Este foi ilustrado através de um milagre: “E, estava ali um homem que tinha uma das mãos mirrada”. Pensavam os líderes judaicos estarem julgando a Jesus; eles, na realidade, é que estavam sendo julgados.

“É lícito curar nos sábados?” Fizeram a pergunta “para o acusarem”. Que coisa estranha: acreditavam no poder miraculoso de Jesus! E até desejavam que Ele fizesse um milagre, mas não por compaixão do enfermo ou para fortalecer a própria fé. Sua intenção era arruinar o Mestre. Certamente existe algo de distorcido na natureza humana, causado pela queda, que faz o homem agir de modo anormal! Nada há, na Lei de Moisés, que proíba o curar no sábado; e alguns rabinos tinham criado a regra de que era lícito tratar doenças no sábado, se houvesse risco de vida. Assim, percebemos que traziam contra Jesus suas próprias tradições, não a Palavra de Deus.

Jesus respondeu-lhes com um argumento irretorquível: “Se uma das suas ovelhas caísse numa cova num sábado, nem os mais devotos entre vocês pensariam sequer por um momento deixá-la sofrendo ali. E, vale uma ovelha mais que um homem?” A conclusão, portanto, era: “É lícito fazer bem aos sábados”. Noutras palavras, é sempre correto aliviar sofrimentos e praticar a bondade num sábado. Não afirmou Jesus ser lícito fazer qualquer tipo de trabalho no sábado, mas que se poderia praticar o bem.

“Então disse àquele homem: Estende a tua mão. E ele a estendeu, e ficou sã como a outra”. Jesus dá uma ordem que, segundo parece, não podia ser obedecida. Mas, quando Jesus ordena, dá também capacidade. Ao homem cabia

obedecer; ao Senhor, curar-lhe o braço.

II - Jesus Correndo Perigo (Mt 12.14,15)

1. O complô. "E os fariseus, tendo saído, formaram conselho contra ele, para o matarem". Que perversidade: planejar destruir aquEle que curava, matar o Doador da vida! Incapazes de responder-lhe, apelaram para a violência. Eram homens religiosos, mas tinham os corações endurecidos pelo orgulho e formalismo, dureza esta que não permitiu entrada ao poder amoroso e curador de Jesus. Como se torna dura a religião ao faltar-lhe o amor de Deus! Notemos, também, a incoerência: estão zelosos pela guarda de um dia santo, mas, pelo mesmo zelo, planejam a morte da Pessoa mais santa da terra!

2. O afastamento. "Jesus, sabendo isso, retirou-se dali". Jesus não temia a perseguição, mas nunca a procurava. Veio dar sua vida como resgate por muitos, mas não tinha anseios mórbidos pelo martírio. AquEle que rejeitara a sugestão de atirar-se do pináculo do templo jamais se expunha impensadamente ao perigo. Tinha conhecimento de que seria preservado até completar sua obra, porém não queria tentar a seu Pai Celestial.

III - Cumpre-se uma Profecia (Mt 12.16-21)

"E acompanhou-o uma grande multidão de gente, e ele curou a todos. E recomendava-lhes rigorosamente que o não descobrissem". Já estudamos que Jesus não queria publicidade, a fim de não dar aos romanos falsa impressão de seu ministério. Agindo assim, segundo Mateus, cumpriu-se a profecia concernente ao espírito e métodos do Messias (Is 42.1-7).

1. Sua natureza. “Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz” (Mt 3.17; 17.5). Estas palavras enfatizam a perfeita obediência de Cristo, que desde a infância (Lc 2.49) até o clamar “Está consumado”, cumpria sempre os deveres impostos por seu Pai.

2. Seu revestimento. “Porei sobre ele o meu Espírito”. Do princípio ao fim, a vida do nosso Senhor relacionava-se ao Espírito Santo, pelo qual foi concebido, ungido, encorajado para enfrentar o Calvário (Hb 9.14) e ressuscitado (Rm 1.4). Finalmente, recebeu a prerrogativa de dar o Espírito a outros. O Espírito habitava nEle de modo jamais experimentado por outra pessoa (Is 11.1-4; Jo 3.34).

3. Sua comissão. “Anunciará aos gentios o juízo”. Não se emprega aqui a palavra “juízo” no sentido jurídico, porém significando literalmente “retidão”. Alguém traduziu: “E proclamará religião aos gentios”. Certamente esta predição foi bem cumprida, porque, através dos seus mensageiros, Jesus e sua retidão têm sido proclamados entre as nações.

4. Seus métodos pacíficos. “Não contenderá, nem clamará, nem alguém ouvirá nas pelas ruas a sua voz”. Diferente dos falsos messias que vieram antes e depois dEle, seus métodos eram suaves. Não procurava recomendar os seus ensinamentos com alarido. Notemos não proibirem as últimas palavras as reuniões de rua. A expressão “causar a ouvir a sua voz nas ruas” é uma forma oriental de dizer: “provocar distúrbios públicos”.

5. Seu espírito meigo. A “cana quebrada” refere-se aos fracos e desanimados; a “torcida que fumega” descreve aqueles cuja chama de retidão ou devoção queima muito fracamente. Jesus tratava com ternura os fracos e desencorajados; não desprezava a fraqueza da fé ou piedade. Mesmo fosse uma centelha, procurava transformá-la em chama viva. A compaixão pelos pecadores era marcante característica do ministério de Cristo.

6. A certeza do sucesso. Seu ministério continuará até que "faça triunfar o juízo", colocando os homens sob o domínio das leis de Deus.

"E no seu nome os gentios esperarão". Seja como for que os judeus tratem o Cristo, os gentios colocarão nEle as suas esperanças. Confiarão "no seu nome", indicando que o Cristianismo é primariamente confiança numa pessoa, e não meramente a observância de regras.

IV - Ensinamentos Práticos

1. Guardando o dia do Senhor. Há uma diferença entre o sábado e o dia do Senhor. O primeiro é observado no sétimo dia, e comemora a velha criação. É sinal da aliança entre o Senhor e Israel, seu povo terreno. O dia do Senhor é o primeiro dia da semana, e comemora a ressurreição do Senhor Jesus Cristo, início de uma nova criação. Tanto o antigo sábado quanto o domingo dos cristãos são dias separados para descanso e adoração a Deus, porém, diferem quanto à maneira de observá-los. Segundo a lei do Antigo Testamento, nenhum fogo poderia ser aceso num sábado, e a ninguém era permitido viajar grandes distâncias. Às violações, punia-se com a morte. O dia do Senhor, por outro lado, igualmente se presta ao descanso e adoração, porém, sem a sobrecarga de minuciosas restrições. No observar deste dia "para o Senhor" (Rm 14.6) cumprimos o princípio eterno do quarto mandamento.

Observemo-lo como dia de descanso para o corpo e a mente. A ciência testifica, e a experiência o confirma: o homem é um relógio que precisa de corda a cada sete dias - um repouso que lhe permita repor as energias para a semana seguinte.

Observemo-lo como dia de atividade e serviço cristão. O descanso pode

significar alteração de atividades - do secular ao espiritual. Não sejam os nossos atos, nesse dia, motivo de tropeço àqueles que o guardam como um dia especialmente dedicado ao Senhor.

2. A compaixão paciente de Cristo. Revela-nos o verso 20 a preocupação de Jesus em evitar o progresso do mal na alma. O Mestre procurava sempre nutrir, por menor que fosse, a centelha de bondade e espiritualidade que percebesse em alguém.

3. A cana quebrada. Nas primeiras palavras do versículo temos o quadro da "cana quebrada", cujo dano não é nem completo nem irreparável. Representa ela a condição da humanidade em geral, porque todos pecaram e carecem a glória de Deus. Todos somos danificados, mas não a ponto de impossibilitar a cura. Ninguém há fora do alcance do amor e do poder do Salvador. Ao pior pecador do mundo tem-no Jesus por cana quebrada, cuja restauração ainda é possível. O seu sangue nos purifica de todo o pecado.

Aplica-se a mesma ilustração àqueles quase esmagados sob o fardo do próprio pecado. A tais pessoas tratava Jesus com ternura (Lc 7.37-50; Jo 8.1-11). E não houve nEle mudança. Ainda habita "com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos, e vivificar o coração dos contritos" (Is 57.15).

4. A torcida que fumega. Estas palavras sugerem-nos uma antiga lamparina, que tinha por pavio uma torcida de linho. Quando o óleo acabava, apenas uma centelha permanecia no pavio. O chefe do lar, então, tornava a encher a lamparina e assoprava a centelha até transformar-se ela em chama. O mesmo tratamento dispensa Cristo à alma humana.

Diz-nos certo ditado: "Há algo de bom no pior dos homens". Confirmam-no as Escrituras. O homem foi criado à imagem de Deus, e esta imagem, embora

estragada pelo pecado, ainda permanece. Existe algo na alma humana capaz de corresponder ao apelo do Evangelho: uma centelha que, assoprada e cuidada, pode transformar a escuridão em luz. Temos aqui sólida razão para pregar a todos, sem desprezar ninguém.

Esta ilustração aplica-se também a cristãos professos. Crentes há que apresentam evidências de fogo divino em suas vidas, porém, grande parte do que se vê é fumaça. Chamam-se cristãos, mas quão fraca brilha sua luz! Como tratá-los? Denunciando-os? Zombando de sua fraca espiritualidade? Longe de nós! Não agia assim Jesus. Ele jamais desprezava uma centelha de bondade, ao invés, atiçava-a até haver boa chama.

Presta-se a mesma figura a cristãos batizados no Espírito Santo, cuja labareda da alma não passa hoje de fraca centelha. Qual era a cura para um pavio fumegante? Precisava ser aparado, e renovados o ar e o óleo. O Senhor envia-nos disciplina para remover as partes queimadas das nossas vidas, derramar óleo novo e erguer-nos para um lugar onde o ar espiritual corre livremente.

5. Juízo ríspido é sinal de carnalidade. "E os fariseus, tendo saído, formaram conselho contra ele". Simplesmente porque julgavam ter Ele violado o sábado! Severa penalidade, mesmo se houvesse culpa. Agindo assim, porém, os fariseus julgavam-se a si mesmos, e não a Jesus. Tiravam a máscara de seus corações culpados e transbordantes de falsa piedade. Quando Jesus afirmou: "Não julgueis, para que não sejais julgados", poderia estar indicando também que o modo como julgamos os outros revela a qualidade do nosso próprio caráter. Quem pronuncia juízo severo contra seu irmão em erro necessariamente supõe-se em posição superior (Lc 18.9-14; Gl 6.1-5).

Os verdadeiros santos nunca são rigorosos ao julgar os pecadores, pois ao crescimento espiritual acompanha a compaixão. Boa norma é a severidade para com nós mesmos e ternura com os outros. Quantas vezes invertemos esta regra!

6. Vencendo o mal com o bem. Enquanto os fariseus planejavam matá-lo, Jesus curava o povo. Ao ódio respondeu distribuindo curas. Não se houve com revolta, cinismo ou queixas. Seus atos eram simples continuidade à vontade do Pai. Seu caminho, entregara Ele ao justo Juiz e, para o cristão, esta é a melhor atitude. Não se vence o ódio com o ódio; nem o mal com o mal. Somente o amor pode vencer o ódio; e o mal apenas pelo bem pode ser derrotado. Alguém disse que o maior teste de boas maneiras é agüentar más maneiras. Podemos acrescentar: o grande teste da caridade cristã é tolerar as faltas alheias.

7. Jesus não gosta de sensacionalismo. "E recomendava-lhes rigorosamente que o não descobrissem". Jesus não era omisso em divulgar o Evangelho pela terra de Israel. Porém, era avesso ao exibicionismo: mais de uma vez recusou-se a demonstrar seu poder miraculoso. Não confiava na fé sem profundidade, aquela baseada em espetáculo (Jo 2.23,24; 4.48). E foi incompreendido, até pelos próprios irmãos: "Se fazes estas cousas, manifesta-te ao mundo" (Jo 7.4).

Jesus queria que o seguissem pelo desejo de cumprir a vontade de Deus. Seus milagres eram apenas meios para um fim - atingir a alma por meio do corpo. Desejava como discípulos somente aqueles que amavam a verdade (Jo 18.37). Mal entendido pela multidão (Jo 6.25,26), estava entretanto decidido a proclamar a verdade, mesmo que viesse a perder até os próprios discípulos (Jo 6.66,67). O sensacionalismo pode atrair as multidões, mas o segurá-las depende de um fundamento de verdade.

A Responsabilidade do Ouvinte

Texto: Mateus 13.1-23

Introdução

“E ajuntou-se muita gente ao pé dele”. Por que vieram? Alguns, por curiosidade; outros, para tirarem vantagem do convívio com o operador de milagres; outros ainda, levados por efêmero entusiasmo. Mas havia um quarto grupo: o dos que desejavam profundamente as palavras de vida eterna. Intentando conduzir os ouvintes a um exame de si mesmos, traz-lhes Jesus à mente uma cena deles conhecida: “Eis que o semeador saiu a semear”.

Como receberiam suas palavras? Tão variadamente quanto um sítio da Galiléia recebia a semente! Alguns, assemelhar-se-iam ao trilho bem pisado a cruzar o campo; outros, aos lugares rochosos cobertos por solo raso; outros ainda, ao terreno cheio de sementes de espinhos a brotar e sufocar o grão. Mas haveria quem as recebesse à semelhança do terreno bom, limpo e macio.

Havia uma lição para os discípulos, também. Entusiasmados, porém inexperientes, em sua ilimitada confiança na mensagem do Mestre, estavam certos de que todos se converteriam, tornando-se imediatamente entusiasmados

evangelistas. Jesus, porém, advertiu-os que nem todas as sementes do Evangelho trariam frutos; a produtividade dependeria da natureza do campo.

A esta alegoria deveríamos chamar “parábola dos solos”, considerando-se a ênfase à responsabilidade do ouvinte. O solo do coração não se assemelha ao da natureza em todos os aspectos; o solo da natureza não pode mudar suas características ou o clima a que está sujeito. Solos há que não podem ser cultivados: os campos de gelo na Antártica e as areias do deserto não produzem pão. Para o solo do coração, porém, sempre há esperança: ele pode vir a alterar-se.

Quando os mais sinceros esforços do cristão, acompanhados de fervorosas orações, não recebem a devida resposta, sirva-lhe de consolo a história do Mensageiro que, como nenhum outro, proclamou a mensagem do Evangelho e acabou pregado a uma cruz! Os ouvintes eram os culpados. “Tão pouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite”.

I - Os Ouvintes à Beira do Caminho: Semente Roubada (Mt 13.4,19)

O contato com o solo não era vivo, porém superficial e mecânico. Caída à beira do caminho, não recebe a semente as boas-vindas do solo. O pecador ouve a Palavra de Deus, mas não passa disso. Não lhe absorve o sentido. Por que não a recebe? A mente está cheia de pensamentos e cuidados mundanos. Tal a hospedaria superlotada que não pôde acolher o menino Jesus, assim a natureza humana: abriga tantos visitantes, que nela não se acha lugar para o Rei e sua Palavra. O pecado impede pousada à verdade. Quando não há arrependimento, endurece-se o coração diante do Evangelho. O repetir constante: “Não aceito”, deixa o coração como que pisoteado por pensamentos maus e desafio à Palavra. Quem é o culpado por esse coração duro? O pecador! Tivesse ele permitido ao arado da pregação lavrar-lhe o solo, a semente teria brotado. A dureza (ou cegueira) é a penalidade para o pecado (Rm 11.7,8). A Palavra restrita à

superfície é facilmente removida, pelo inimigo, da mente do ouvinte (2 Co 4.4). Seus agentes - concupiscências, pensamentos e planos mundanos - são enviados a encher-lhe o coração e ocupar o lugar da Palavra.

Pelas palavras de Jesus, entendemos que pessoas endurecidas ou indiferentes às vezes vêm escutar a pregação. Por que tais pessoas vão à igreja? Talvez por curiosidade, ou para seguir um grupo, ou simplesmente para passar o tempo.

Nada, porém, os comove profundamente. Suas almas são trilhos batidos por uma procissão contínua de casamentos, enterros, prazeres e negócios. Seus corações, duras estradas onde a impressão da mensagem, ainda que poderosa, é facilmente apagada.

Por que se tornaram assim? Talvez por terem, numa das encruzilhadas da vida, se decidido contra Cristo. Félix estava amedrontado com a pregação de Paulo quando determinou: “Por agora vai-te, e em tendo oportunidade te chamarei”. Chamou o apóstolo outras vezes, mas já não tremia de convicção espiritual. Dissipara suas convicções mediante uma decisão contra Cristo.

Porém, freqüentemente, a dureza do coração resulta de longo processo de desobediência consciente. Está escrito que Deus endureceu o coração de Faraó, mas certamente não contra o desejo deste. O rei do Egito recebera um mandamento e dissera: “Não!” E quanto mais repetia esta negação, mais duro se tornava o seu coração. Quando alguém recusa a Deus, operam nele certas leis pelas quais Deus o leva a continuar recusando. Se alguém o aceita, Deus também coopera com ele, dando-lhe forças para fazer o bem. Por isso exigiu o Mestre cuidado no ouvir. Porque o ouvir sem obedecer traz a morte.

II - Os Ouvintes do Solo Rochoso - a Semente que Murchou (Mt 13.5,6,20,21)

O crescimento é forçado em razão da pouca profundidade da terra. A rocha não permite à semente crescer para baixo. Sem raízes fortes, desenvolve-se a haste sobre pouca profundidade (Sl 1.3; Jr 17.8).

São ouvintes entusiasmados, porém sua alegria não é fruto de calcular o custo de ser cristão, mas de não percebê-lo. Vivem de sentimentos e, quando estes se vão, perdem a espiritualidade. São atraídos pela beleza da vida cristã, mas fogem à luta.

O sol quente da perseguição logo faz murchar a planta, cujo maior crescimento está acima da superfície. Tivesse raízes profundas, e ser-lhe-ia o mesmo sol um meio de crescimento, a preparar-lhe para a ceifa e armazenagem, como a tribulação prepara o crente para o Céu. O mesmo fogo que consome a palha, purifica o ouro. Ante às provações e problemas, somente cristãos profundamente arraigados na graça ficam de pé (Jr 17.8; Ef 3.17; Cl 2.7). Tal perseverança depende do invisível - a raiz, que precisa ser regada pelo Rio da Vida.

Os de coração rochoso aceitam o Evangelho entusiástica e impulsivamente. Porém, resposta alguma é rápida demais para o Senhor, e jamais excederemos à graça em retidão ou entusiasmo. E a flama desses ouvintes apaga-se tão rapidamente quanto começou. Não têm profundidade. “Vivem mais de emoções que de convicções; escutam mais a voz das suas inclinações que a do dever; e sempre se perguntam o que sentem vontade de fazer ao invés de corajosamente fazer o que sabem que devem fazer” - comenta Chappell.

Jesus costumava lembrar àqueles desejosos por segui-lo, que ser seu discípulo era algo mais que um feliz começo: significava um viver com responsabilidade e trabalho. Às multidões entusiasmadas em participar do seu movimento, exortava a que calculassem antecipadamente o custo de sua decisão. E por quê? Não queria discípulos só para os momentos de tranqüilidade, mas que lhe fossem

leais durante os tempos de oposição e perseguição.

Temos conseguido preservar o nosso entusiasmo quando a causa e os ensinos do Mestre se tornam impopulares? (Mt 5.11,12; Jo 6.60-69).

III - Os Ouvintes do Solo Espinhoso: Semente Sufocada (Mt 13.7,22).

Este solo era bom, mas não podiam crescer juntas sementes de espinhos e de trigo. Os espinhos não estavam bem crescidos, mas já ocupavam o lugar, mesmo na forma de sementes. O defeito grave deste terreno é a impureza; duas colheitas lutam pelo domínio, e sucumbe a de maior valor. Representa o ouvinte de vontade dividida - não decidida em prol do bem ou do mal, mas ora de um lado, ora do outro; servindo a Deus hoje, e às riquezas no dia seguinte; muito religioso e também muito mundano. Ver Lucas 9.61,62.

Os espinhos são as preocupações deste mundo. A contínua ansiedade pela família, negócios e outros assuntos impedem a operação da Palavra de Deus em nossas vidas (Mt 6.24-34; Fp 4.6,7). Enganosa é a riqueza: “O amor ao dinheiro é raiz de toda a espécie de males”. Considerando os danos causados às almas dos homens pela cobiça concluímos que as riquezas são para nós um alto custo (Mt 19.24; Mc 10.17-22; Lc 6.24; 12.15; 16.13; 1 Tm 6.17; Tg 1.9,10; 5.1-6). Estende-se a cobiça aos prazeres e passatempos que destroem a vida espiritual (1 Jo 2.16). Os espinhos sufocam a semente ao tomarem o lugar da Palavra. As coisas do mundo desviam-nos das verdadeiras questões da vida, deixando-nos pouco tempo para meditar nas coisas eternas. Sufocam também pela oposição à influência da verdade, quando se trava uma batalha na alma humana. Se não permitirmos à Palavra esmagar os espinhos, estes a sufocarão. No solo rochoso, as pedras estragam a raiz; aqui, os espinhos estragam o fruto.

Nem sempre são os pecados mais graves que forçam a vida espiritual às

sombras. Os cristãos, mais freqüentemente, são derrotados por sutilezas. Jesus selecionou três dos “espinhos” mais comuns: preocupações, negócios e prazeres. De fato, qualquer coisa, por boa ou inocente que seja, pode vir a ser um “espinho” e impedir o crescimento de algo melhor.

Cuidar dos necessitados é um serviço dos mais louváveis, porém os apóstolos tinham consciência de que não poderiam dar à igreja o melhor de seu ministério enquanto dele se ocupassem. Salvaram a situação nomeando sete diáconos para o serviço. Nem sequer a obra de benevolência tinha licença de tirar o tempo da oração e da mensagem (At 6.1-7).

Certamente permitirá o diabo a um obreiro cristão ocupar-se em uma centena de coisas boas na condição de que lhe tirem o lugar da oração.

Por vezes o cristão é demasiado ativo. Tiremos tempo para o descanso e o culto do domingo; para a oração e leitura da Palavra; para a mulher (ou marido) e os filhos; ou estaremos mais ativos do que o Senhor gostaria que estivéssemos.

IV - Os Ouvintes do Solo Bom: Semente Produtiva (Mt 13.8,23)

Nosso Senhor concluiu a parábola com uma nota otimista. Haverá sempre obstáculos à Palavra, impostos por Satanás: o pecado e o mundanismo. No entanto, haverá também corações humanos que de bom grado a ouvirão. Encorajem-se, pois, os discípulos com a crença de que a Palavra do Senhor não volta vazia. Os corações honestos reconhecem o próprio pecado e não recusam a luz que o expõe, antes se prostram em humilde arrependimento. Em todos os lugares, encontrará o ministro do Evangelho corações preparados para receber a Palavra (Jo 1.45-51; At 16.14; 19.30-48).

Neste solo, a Palavra não é roubada, privada de alimento ou sufocada. Representa o ouvinte que, ao recebê-la, estuda-a e entrega-se a ela. Deus faz a sua parte, enviando-lhe a chuva espiritual e o crescimento.

Precisamos perguntar a nós mesmos se somos bons ouvintes da Palavra. Geralmente, apressamo-nos em culpar o semeador ou a semente, mas tardamos a culpar o solo. Culpamos os líderes, quando o defeito pode estar nos seguidores; criticamos o evangelista, quando a falta de resultados pode ser o reflexo do desinteresse dos membros da igreja; esperamos uma boa mensagem do pregador, mas esquecemos de que ele espera ter bons ouvintes.

Por que devemos ser bons ouvintes?

1. Porque ajudamos o pregador. A atitude crítica, hostil ou desinteressada do auditório é sentida pelo pregador, e causa-lhe grande dificuldade. Sente, na falta de receptividade, as próprias palavras voltando-lhe ao rosto. Por outro lado, uma congregação que ora pode ajudá-lo a expandir a alma no calor que emana de ouvintes sérios. O pregador é quem está com a Palavra: a mensagem controla o ouvinte. Porém, às vezes, o ouvinte controla a mensagem.

2. Precisamos da vida que a Palavra nos dá. Ao abrir o caixão de um túmulo egípcio, os arqueólogos acharam um grão de trigo seguro pela mão da múmia. O trigo ainda estava em boas condições, todavia não produzira vida. Como temos tratado a semente da Palavra? Não poderia uma ligeira falta de atenção durante a mensagem roubar-nos aquela verdade necessária a alguma crise futura?

3. A atenção à Palavra pode poupar-nos embaraços. Tiago descreve o ouvinte descuidado como o homem que vê seu rosto sujo no espelho e depois se esquece de lavá-lo (Tg 1.22-25). Cedo ou tarde, o descuido com a verdade trará sua

ceifa. Quem não se interessa pela verdade, certamente acabará ouvindo o que não gostaria.

Cada domingo, o pregador enfrenta quatro tipos de ouvintes: os que permitem aos seus corações ficarem duros pelos cuidados da vida, tornando-se superficiais, incapazes de entender as verdades mais profundas; os que entusiasticamente falam “Amém!” durante a mensagem, mas que perdem a voz diante das dificuldades; os que permitem às coisas do mundo ocuparem o lugar da Palavra; e, finalmente, os que em sinceridade desejam saber mais de Jesus e progredir na vida espiritual. A que grupo pertencemos?

Um Tesouro e Um Teste

Texto: Mateus 13.44-58

Introdução

O capítulo 13 de Mateus contém uma série especial de parábolas, ilustrando de forma simples a história espiritual da Igreja, do início à consumação. Usualmente apresentam-se em pares, com sentidos semelhantes:

A recepção da pregação - o semeador;

A extensão e desenvolvimento do Reino - o grão de mostarda e o fermento;

O valor do Reino - o tesouro escondido e a pérola;

A purificação do Reino - o joio e a rede.

Para entender uma parábola, faz-se necessário entender primeiro a história que forma a sua base. Muitas das parábolas referem-se a costumes, idéias e condições conhecidos dos ouvintes do Senhor, mas hoje somente compreendidos se estudados.

Este é um princípio importante: cada parábola tem uma - e apenas uma - lição dominante. Captado o pensamento central, temos a chave da parábola. Muita confusão, perplexidade e diferença de opinião tem havido entre estudiosos que tentam achar uma nova lição em cada pormenor descrito. Exige a parábola que olhemos a figura principal, não o pano de fundo. Cada parábola tem sua história, que forma o pano de fundo, e uma lição central. Ao recebermos uma mercadoria, pouco tempo passamos examinando o pacote - abrimos logo, para ver o seu conteúdo. Uma parábola consiste numa verdade espiritual, transmitida num pacote - a história ou ilustração. Não nos proíbe isto fazermos uso de detalhes para ilustrações secundárias. O importante é descobrir a idéia principal da parábola e dela extrair a lição prática.

I - O Valor Supremo do Reino (Mt 13.44-46)

No Oriente antigo, a insegurança da situação levava os ricos a adotarem um expediente: dividiam seus bens em três partes. Uma parte era empregada no comércio; outra, convertida em jóias que podiam ser facilmente transportadas ou vendidas; e a terceira, enterrada. O segredo do esconderijo não era revelado a ninguém: o tesouro estaria perdido se o dono não voltasse. Talvez o dono do campo, mencionado nesta parábola, tivesse escondido o tesouro diante do avanço de algum exército invasor e, aprisionado por ele, morrido no cativeiro sem revelar o seu segredo. Muitas vezes acontecia de um camponês afortunado achar um desses tesouros enquanto cavava os campos (Jó 28.15-19; Pv 3.13,15; 8.11).

1. O pensamento central. Adquirir um objeto de valor supremo justifica

pagamento de preço supremo. Ambas as parábolas têm o mesmo ponto-chave: a descoberta de um tesouro valioso, a alegria por descobri-lo e o prazer em vender tudo para obtê-lo.

2. A lição prática. Pode ser: O Reino dos Céus, com as bênçãos que lhe são inerentes, é tão precioso que se justifica qualquer sacrifício por obtê-lo. A parábola do tesouro representa as pessoas que se deparam subitamente com o tesouro do Evangelho: o grupo de evangelização na esquina, o folheto entregue por um evangélico ou a conversa casual com um crente; a parábola da pérola, aqueles que, durante anos, têm procurado o valor supremo que dá completa satisfação à alma.

Quem faz o sacrifício? Muitos estudiosos afirmam que as duas parábolas mostram o pecador que alegremente abre mão de tudo para ganhar a Cristo e suas riquezas incalculáveis (Fp 3.7-9). Para outros, o homem que deixa tudo por amor ao tesouro ou à pérola é ninguém menos que Jesus Cristo: Ele abandonou tudo para redimir a Igreja. Talvez seja a lição destas parábolas uma combinação dos dois pontos de vista, porque assim como Cristo deixou tudo para redimir-nos e dar-nos o Reino, devem também os seus discípulos abandonar tudo para obtê-lo (Lc 14.25-27; Fp 2.5-8).

II - O Tesouro Supremo

Nos dias de Jesus algumas pessoas deixavam suas ocupações para sair à busca de tesouros. Até hoje, os arqueólogos que examinam ruínas escavadas de civilizações antigas sofrem a hostilidade dos aldeões, quando estes suspeitam haver algum tesouro escondido no local da escavação. Ainda se organizam expedições para procurar tesouros. A busca jamais perdeu o seu fascínio!

Para a juventude, há grande emoção na leitura de histórias acerca de tesouros

perdidos. Os famosos livros A Ilha do Tesouro e O Conde de Monte Cristo são exemplos, principalmente este último, que descreve a descoberta de uma fabulosa riqueza.

Facilmente entendemos como a parábola do tesouro prendia a atenção dos ouvintes do Senhor. Imagine o cenário. O lavrador conduz firmemente o arado, quando, de repente, bate em algo duro e metálico. Agachando-se, vê a tampa de um baú enterrado. Uns poucos golpes de picareta, e riquezas enormes surgem-lhe à vista. Com dedos nervosos, esconde o tesouro e apressa-se em voltar para casa, a fim de tratar da compra do campo.

A parábola descreve a alegria do homem que, passando pela rotina da vida, descobre “as riquezas de Deus em Cristo Jesus”. A verdadeira riqueza obtém-se pela amorosa submissão à lei suprema de Deus, a quem amamos por saber que nos amou primeiro.

Por que possuir a Cristo é a maior riqueza da alma?

1. Cristo é o único tesouro que vem de encontro à nossa profunda pobreza. Não se pode negar a vantagem da independência financeira. Se, porém, a consciência do homem estiver sobrecarregada com obrigações a Deus e ao seu próximo, as quais não cumpriu, ele é muito pobre (Ap 3.17). A libertação da penalidade e poder do pecado é uma bênção que o ouro e a prata não podem comprar.

2. Somente Cristo pode satisfazer aos desejos da nossa natureza. As coisas terrenas podem satisfazer algum cantinho da natureza humana, mas deixam o resto com fome. Sendo, porém, Cristo o centro da vida humana, todo o ser recebe inspiração e refrigério, contribuindo isto para a paz da mente e a saúde do corpo.

3. Nossa vida em Cristo é um tesouro permanente. Somente podemos considerar realmente nosso aquilo que não pode ser tomado de nós. Uma das bênçãos resultantes de depressões financeiras é a descoberta dos verdadeiros valores da vida, que o dinheiro não pode comprar. O que de nós pode ser subtraído pelas circunstâncias não é digno de ser chamado nosso tesouro. O verdadeiro tesouro faz parte do nosso ser e há de nos acompanhar à eternidade.

Cristo é um bem ou uma desvantagem? Pessoas há que não dão valor ao Reino de Cristo, como as que gastam as suas vidas nos prazeres, sem se importarem com as conseqüências. Para elas, o Reino é uma desvantagem, não um bem.

Evidencia-se esta atitude de muitas maneiras. Primeiramente, pela falta de interesse. Mais numerosos que os inimigos do Cristianismo são aqueles que por ele não se interessam. Em segundo lugar, pela falta de esforço em obter o Reino. Pense nas durezas enfrentadas pelos participantes da corrida do ouro no Alasca e os perigos que enfrentam os pesquisadores na sua busca de conhecimentos científicos. Muitos, porém, consideram a religião questão de gosto pessoal; não percebem o seu valor.

Finalmente, não valorizam o Reino aqueles que o possuem, mas não zelam por ele. Certos comerciantes iriam a falência em pouco tempo se tratassem de seus negócios como cuidam da vida espiritual!

Lembremo-nos, porém, que o valor do Reino não é diminuído pelo fato de não ser considerado. É-nos conhecida a história da descoberta das minas de diamantes na África do Sul. Conta-se que alguém passava a cavalo perto de onde uns meninos brincavam com pedregulhos. Examinando-os, o cavaleiro descobriu alguns diamantes genuínos. O valor das pedras não era menos real quando não reconhecido pelos meninos.

Grandes riquezas de possibilidades acompanham a nossa salvação. É por isso que Paulo ora: “Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos” (Ef 1.17,18).

4. Calculando o custo e pagando o preço. Alguém pode perguntar: Se o tesouro e a pérola representam a aceitação de Jesus Cristo como Salvador, como poderá o pecador comprar essa dádiva divina? É a mesma coisa que perguntar: Se o homem é salvo pela fé somente, por que se exigem dele boas obras?

Ao perguntarem os judeus, no dia de Pentecoste, o que precisavam fazer para serem salvos, Pedro respondeu: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo”. Às multidões dos dias de Jesus, porém, exigia Ele que a tudo abandonassem para segui-lo (Mt 19.16-22; Lc 14.25-27).

A explicação é simples: quem tem fé viva em Jesus possui igualmente uma consagração pessoal que inclui a disposição de abandonar tudo por amor a Ele. Consideremos a questão sob outra perspectiva. Cada oportunidade é uma dádiva, mas deve ser aproveitada e desenvolvida. A fertilidade de um campo é uma dádiva, mas há de melhorar-se com o trabalho humano. Um livro é um bom presente, mas o aproveitá-lo implica na sua leitura. Da mesma maneira, a salvação é uma dádiva. Entretanto, é preciso tomar posse dela (1 Tm 6.12) e desenvolvê-la com temor e tremor (Fp 2.12,13).

O homem que considera Cristo “precioso” (1 Pe 2.7) naturalmente considera tudo como perda comparado à excelência de tê-lo (Fp 3.7,8). Custam-nos mais caro os artigos de melhor qualidade. O mesmo se aplica à experiência religiosa.

Quem quiser o melhor em assuntos espirituais precisa pagar o preço.

III - A Pérola

Em tempos antigos, as pérolas eram tidas em alta estima (Jó 28.15-19; Pv 3.13,15). Grandes somas eram pagas por pérolas únicas quando eram exemplares perfeitos do seu tipo. Defeitos, como a cor escurecida, imperfeição na forma ou aspereza, diminuíam o seu valor. Os negociantes procuravam as boas pérolas, procura esta que simboliza a eterna busca da humanidade pelo valor supremo da vida.

Os filósofos de todos os tempos já debateram a questão: “O que é o bem supremo?”. É uma boa pergunta. Há muitos valores na vida, mas a felicidade está no encontrar o bem supremo. Nas escolas rabínicas, a grande pergunta era: “Qual é o maior mandamento da lei?”

Qual é o grande valor - a pérola - da vida? O dinheiro? A fama? O prazer? O poder? O conhecimento? Cristo é a pérola de grande valor! Ele é o sumo bem: “Para mim, o viver é Cristo”.

Tinha o negociante da parábola um propósito bem definido. Era um juiz de valores e reconheceu o melhor. No clímax da sua busca, vendeu tudo o que tinha e comprou a pérola. Aos que, famintos no coração, buscam a felicidade, diríamos: “Vai, e faze da mesma maneira!”

IV - A Rede (Mt 13.47-50, 24-30, 37-42)

Conforme já vimos, pessoas há que fazem grandes sacrifícios para obter um tesouro. Outras, perdem o entusiasmo. Outras ainda, o professam com os lábios, mas não o possuem: pessoas oficialmente membros da igreja, que praticam o pecado e o mundanismo. Como explicar essa mistura e qual atitude tomar com relação a ela? Trata-se desta questão na parábola da rede.

“Igualmente o reino dos céus é semelhante a uma rede”. Tinha o Senhor em mente a rede de arrastão, que não deixa nada escapar. À pouca distância da praia, os botes de pesca lançam a rede. Há pesos na borda inferior, para arrastá-la no leito do lago; a borda superior tem bóias. Ao avançar, torna-se um muro circular, uma prisão de malhas na praia. Reúnem-se os pescadores e ajuntam os bons peixes nos cestos; os maus são lançados fora.

É o dever da Igreja lançar a rede do Evangelho tão largamente quanto possível, para que haja o maior número de pessoas possível dentro do limite de suas malhas. Assim, é inevitável que sejam trazidos alguns cristãos não genuínos. Todavia, não há de se preocupar o cristão com a mistura na Casa de Deus, porque está além do poder humano o purificá-la. A seu tempo, Deus retirará da Igreja seus membros indignos, deixando-a sem mancha ou ruga.

Não podemos esperar uma igreja perfeita deste lado do céu. As parábolas do joio e da rede advertem-nos da presença de elementos bons e maus dentro da igreja. Na parábola do joio, atribui-se à ação do inimigo a introdução de pessoas mundanas entre o povo de Deus. A parábola da rede descarta a possibilidade de seleção prévia; a separação dos peixes ocorre mais tarde. Da mesma forma, a rede do Evangelho, lançada em esforços evangelísticos, reúne todo tipo de pessoas, o que não exclui os elementos ruins. Até o evangelista Filipe pescou um “peixe” que se estragou logo ao sair da água! (At 8.13-24).

Zelosos idealistas proclamam: “Vamos purificar a igreja!” As intenções são boas e há lugar para a disciplina na igreja. Todavia somos falíveis em nossa pressa, e poderemos arrancar trigo juntamente com o joio, ou lançar fora bons peixes (Mt

13.28,29).

Um dia, na Praia Eterna, far-se-á a distinção final. Deus classificará as pessoas. Não haverá erro na separação.

O Rei Mau e o Profeta Destemido

Texto: Mateus 14.1-14

Introdução

É comum escutarmos reprimendas e exortações dirigidas aos pobres e humildes, mas quantas vezes ouvimos os soberanos acusados de seus pecados e crimes? O texto descreve um pregador que não temia condenar as transgressões dos poderosos. A pregação de João Batista não era menos rigorosa para os que ocupavam posições elevadas. O corajoso profeta teria dito em uníssono com o Salmista: “Também falarei dos teus testemunhos perante os reis, e não me envergonharei” (Sl 119.46).

I - Herodes Escuta João

Herodes Antipas foi um dos filhos de Herodes Magno, que regia toda a Palestina quando Cristo nasceu. Morrendo o pai, tornou-se soberano da Galiléia e da Pérsia. É chamado tetrarca (de uma palavra que significa “quatro”) porque o reino original era dividido em quatro partes.

Os Herodes mantinham seu trono pelo favor dos romanos. Os judeus não simpatizavam muito com eles, por descenderem dos edomitas e por causa da sua ferocidade e traição. Herodes, no entanto alegava fidelidade à religião judaica e por isso mandou chamar João Batista, para fazê-lo pregador da corte. “Porque Herodes temia a João, sabendo que era varão justo e santo; e guardava-o com segurança, e fazia muitas coisas, atendendo-o, e de boa vontade o ouvia” (Mc 6.20). A consciência perturbada de Herodes pode ter-lhe disposto a escutar o pregador. O tetrarca desejava paz de espírito.

II - Herodes Lança João no Cárcere

Herodes correspondia, em vários aspectos da sua vida, à pregação de João Batista, porém numa coisa não iria ceder - em desmanchar seu casamento ilícito com Herodias. Herodes casara-se com a filha de Aretas, um chefe árabe, união que garantia a paz entre as raças árabes e o país de Herodes; agradou-se o imperador em Roma, e talvez Herodes tivesse um lar feliz. Certo dia, porém, visitou Roma, onde vivia seu irmão, Filipe. A mulher de Filipe e Herodes passaram a compartilhar uma união adúltera, e ela deixou Roma para viver com ele. A filha de Aretas voltou à casa do pai.

Um homem menos consciencioso evitaria atacar a ilícita união daquele homem poderoso. João Batista, porém, não conciliava meios-termos à sua vocação de profeta. Dissera abertamente ao rei: “Não te é lícito possuí-la”. Não iria ele alterar a lei de Deus para agradar ao rei.

A Herodes, doía-lhe ser tocado naquele ponto sensível da consciência. Herodias, qual onça furiosa, valeu-se da sua vontade de ferro para persuadir o soberano a prender João.

Josefo, o historiador judeu que viveu no período da destruição de Jerusalém, fala

muito bem de João e declara ter sido ele preso por motivos políticos: Herodes temia que sua popularidade provocasse uma rebelião. Sabe-se pela Bíblia que Herodes tinha semelhantes temores quanto à influência de Jesus (Lc 13.31-33).

Considerações políticas podem ter pesado na prisão de João Batista (v. 5), mas Josefo ignorava as razões pessoais. Podemos imaginar Herodias, irada, insuflando Herodes: “Lembre-se de que sua posição depende das boas graças dos romanos. Este profeta, pregando acerca da vinda do Messias e seu reino, acenderá as chamas da revolta entre o povo; e quando isso acontecer, você estará politicamente arruinado”.

Ao mesmo tempo, a forte influência de João sobre o povo não deixava Herodes executar o profeta.

A expressão: “Falando a verdade em caridade [amor]” (Ef 4.15) ilustra o conteúdo da mensagem de João Batista. Humanamente falando, atingira o auge do sucesso: fora convidado a pregar diante do soberano de duas províncias, o rei Herodes. Era de fato grande honra, mas havia por detrás do convite uma sutil tentação. Sempre se é tentado a esquecer os pecados e falhas do real patrono. João, entretanto, fiel a Deus, ao invés de reportar-se aos pecados dos antigos babilônios, pregava contra os erros de Herodes.

Nisso deu o profeta exemplo às igrejas. O sucesso dos vendedores de mercadorias está em oferecer aquilo que o público deseja; a igreja, por outro lado, somente alcançará sucesso se oferecer ao povo o que ele precisa. Isto, certamente, nem sempre agrada a todos. Pessoas há que se assemelham à mulher que quebrou o espelho quando este revelou rugas em seu rosto: zangam-se com os que lhes apontam defeitos, quando deveriam ser estes o motivo da sua irritação. Qual deve ser nossa atitude para com a verdade? Costumamos agradecer quem nos aponta alguma mancha no rosto. Igualmente, deveríamos ser gratos a quem, num espírito de bondade, revela defeitos em nosso caráter.

III - Herodes Executa João

Herodes festejava seu aniversário. Suntuoso banquete foi servido aos nobres, oficiais e políticos de maior destaque da Galiléia. O vinho fluía livremente, e os ilustres convidados já estavam alegres. Entre eles, Salomé, sobrinha do monarca e descendente de uma antiga linhagem de reis judeus. Era exímia dançarina. E, por certo, atendia sugestão da mãe ao fazer uma exibição de natureza provavelmente vulgar, algo indigno para uma moça hebréia e inconcebível a uma princesa. Vasti, a rainha persa, recusou-se, mesmo custando-lhe a coroa, comparecer a um banquete dessa natureza. A ação de Herodias, em permitir a exibição da filha, revela cínico desrespeito ao pudor e ausência de afeição natural.

À exibição de Salomé seguiram-se estrondosos aplausos. Herodes ficou felicíssimo com a recepção favorável dos hóspedes e, inflamado com o vinho, "prometeu com juramento dar-lhe tudo o que pedisse". Após consultar a mãe, a moça voltou com o pedido: "Dá-me aqui num prato a cabeça de João batista". Era uma das formas adotadas pelos poderosos para mostrar sua satisfação com a vingança obtida. Conta-se que o general romano Marco Antônio mandava trazer as cabeças dos inimigos à mesa das refeições, divertindo-se em olhar para elas enquanto comia.

1. Ser triste não basta. "E o rei afligiu-se". Voltaram-lhe a lembrança da popularidade de João e a antiga reverência que sentia pelo profeta. A consciência o torturava. Duas considerações, no entanto, jaziam no seu caminho. A primeira foi o juramento, provavelmente pronunciado em nome de Deus - mas o zelo pela honra de Deus não permitiria tal ato contra o profeta.

A tristeza em nada o ajudou, porque não foi seguida de arrependimento nem da decisão de evitar o mal. Tristeza alguma é suficiente para apagar a culpa: não

desfaz o ato pecaminoso nem impede o efeito do pecado. Uma única tristeza tem validade: a que “segundo Deus opera arrependimento para a salvação” (2 Co 7.10). Este arrependimento nos leva ao “cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Não é a tristeza que nos salva, mas a cruz de Cristo.

2. Dignidade própria não é boa plataforma. A segunda consideração que jazia no caminho da consciência do rei era a presença dos convidados, que lhe dificultava uma evasiva. Herodes ficou triste, mas não era a tristeza segundo Deus (2 Co 7.10).

Herodes era fraco e vacilante. Herodias tinha vontade de ferro e forçou-o a cumprir o juramento. João foi executado, e o horrível prato foi trazido à presença dos convidados. Por contraste, Mateus imediatamente passa a relatar outro banquete - um banquete de vida (14.15-21).

Embora soubesse ter agido precipitadamente, Herodes julgava necessário firmar-se na própria dignidade - “manter a linha”. Sua atitude revelou um caráter pequeno, embora politicamente fosse um grande homem. Tem o homem por pior fardo a sua dignidade. Quanta coisa boa deixa de fazer, com medo de feri-la!

Pensam alguns haver base firme no conceito que fazem da própria dignidade, mas será insuficiente no dia do julgamento! Que seria de nós se Cristo exigisse os direitos que sua dignidade merece? Ver João 13.1-13; Filipenses 2.5-11. Sem dúvida, existe um tipo certo de dignidade, que não nos deixa praticar atos de baixeza. O pensamento: “Eu sou cristão, um filho de Deus!” dará verdadeira nobreza à nossa vida.

3. O engano do pecado (Hb 3.13). Herodes não sofria dores de consciência pelo seu relacionamento pecaminoso com Herodias nem lhe pesava muito o assassinato de um profeta de Deus. Todavia mostrou grandes escrúpulos diante

de seus convidados, evitando persuadir a moça a fazer outro pedido, para não quebrar o seu juramento. Talvez dissesse em tom virtuoso a algum companheiro: "Foi uma pena ter de cumprir aquele juramento, mas, como homem de honra, preciso sempre cumprir com minha palavra. É necessário fazer a coisa certa, ainda que haja conseqüências desagradáveis".

Herodes não foi o único a errar neste sentido. A experiência comprova que a consciência pode ser morbidamente escrupulosa em assuntos pequenos, enquanto morta diante de crimes sérios. Uma pessoa que comete grandes pecados procurará encobri-los - às vezes inconscientemente - fingindo-se muito escrupuloso acerca de falhas pequenas. Semelhante contraste denunciou Jesus na atitude dos fariseus: "Coais um mosquito e engolis um camelo" (Mt 23.24).

O "velho homem" (Ef 4.22) herda a tendência da raça desde Adão, podendo ser por si mesmo enganado (Jr 17.9).

Nós, que nos revestimos do "novo homem" podemos obter benefício ao orarmos: "Quem pode entender os próprios erros? Expurga-me tu dos que me são ocultos" (Sl 19.12).

4. Um pecado leva a Cristo. Herodes gostava de João Batista e escutava com seriedade a sua pregação, mas havia um pecado do qual não queria desfazer-se. Talvez pensasse: "Por que tanto alarde com esta transgressão específica? Afinal, não sou homem tão ruim. Por que não teria um soberano certos privilégios? Não se encontram muitos homens de posição, como eu, interessados na fé!"

E foi esse pecado que o levou a ordenar a morte de João Batista. O único vício do qual não queria abrir mão arrastou-o para outros pecados. Nenhum pecado permanece sozinho. Uma vez praticado, traz consigo seus irmãos. Um pecado

leva a outro. Concupiscência, ódio, sensualidade e crueldade geralmente moram juntos. O egoísmo, raiz de todo pecado, assume ele mesmo diversas formas.

Pela ajuda de Deus, pode o egoísmo ser crucificado para dar a Cristo o lugar de nosso próprio eu: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.20).

5. A fraqueza e a maldade. Como tantos homens fracos sob a influência de um caráter mais forte, Herodes foi levado mais longe na prática do mal do que pretendia. Sua intenção era apenas guardar João Batista na prisão. Porém, havia entrado no deslizante caminho da desobediência, e foi facilmente persuadido a assassinar o profeta.

A fraqueza e a maldade muitas vezes andam juntas. Herodes era escravo do medo. Receava desagradar a Herodias; temia o povo e o vexame de ter de anular sua promessa precipitada; depois, é assaltado pelo terror, ao imaginar que João havia ressuscitado.

Neste mundo mau, os homens fracos serão sempre homens maus, porque é mais fácil consentir do que resistir; há mais sereias a sussurrar: “Venha!” do que profetas a trovejar: “Não te é lícito”.

A força de vontade é essencial a um caráter santo e nobre. Que fará o homem que, por temperamento, tem vontade fraca? A ordem de Deus é: “Seja forte”. E o que Deus ordenar sempre será acompanhado pela capacidade de cumprir.

IV - A Má Consciência de Herodes

1. Um pregador muito antigo. “E chegaram os seus discípulos, e levaram o corpo, e o sepultaram; e foram anunciá-lo a Jesus”. Para o rei Herodes, o assunto de João ainda não acabara. Pesava-lhe a consciência e, na sua imaginação, via os olhos penetrantes e o dedo acusador do profeta; uma voz parecia gritar-lhe constantemente: “Adúltero! Assassino!” Ao ouvir falar do poderoso ministério de Jesus, um calafrio de medo percorreu-lhe o corpo.

Talvez Herodes, no início, se parabenizasse: “Bem, fiquei livre de um pregador impertinente. João era um homem bom, porém intrometia-se demais na minha vida particular”.

Havia, no entanto, outro pregador, do qual Herodes não podia livrar-se - a consciência. O ministério desse pregador é muito antigo: iniciou quando o primeiro pecado foi cometido e continua até hoje. Por algum tempo, pode ser ignorado ou silenciado, mas não deixará de ser ouvido ao final. Dele não podemos escapar, pois é parte da natureza humana. E nunca pára de pregar. Cabe a nós permitir que seu ministério nos traga a bênção eterna e não o castigo eterno.

2. O ceticismo e a superstição. “E disse aos seus criados: Este é João Batista; ressuscitou dos mortos, e por isso estas maravilhas operam nele”.

Herodes, sem dúvida, considerava-se superior às “superstições dos fanáticos ignorantes” que saudavam Jesus como Messias. Porém, ouvindo os relatórios dos milagres de Jesus, dispôs-se a atribuí-los à ressurreição de João. Não fora esta uma conclusão baseada na evidência (que é o caso da ressurreição de Jesus), mas apenas o produto de um temor supersticioso.

Nos primeiros dias do Cristianismo, muitos dos que zombavam do Evangelho eram presas fáceis de charlatões que fingiam praticar magia. Hoje, pessoas que se consideram intelectualmente avançadas para praticar a “religião dos crentes” acabam vítimas de seitas satânicas, magia e sortilégios.

A descrença, apesar da sua jactância, nem sempre anda à luz da razão. A rejeição a Cristo, em muitos casos, deixa as pessoas abertas à ilusão. O caminho de escape à superstição é a fé cristã. Quem crê de coração na pessoa, obras e ensinos de Jesus não é iludido.

3. A penalidade por rejeitar a luz. Orientado pela pregação de João Batista, Herodes viajou algum tempo no caminho da obediência. Mas tomou outro rumo ante a exigência de romper sua relação ilícita com Herodias. A impressão da Palavra foi se desvanecendo, e ele tornou-se mais endurecido que antes. Aprendemos de Herodes que é possível andar no caminho da obediência e depois desviar-se dele.

Anos mais tarde, Pilatos enviou Jesus a Herodes, para que este o interrogasse. Herodes esperava uma demonstração de milagres, mas nada lhe foi concedido presenciar: “E interrogava-o com muitas palavras, mas ele nada lhe respondia” (Lc 23.9). O silêncio de Jesus era mensagem eloqüente, como se retrucasse ao cínico soberano: “A pregação de João comoveu-o profundamente, até encheu-lhe o coração de calor para com Deus. Mas você permitiu à concupiscência e à frivolidade matarem este nobre sentimento. Se não atentou aos avisos de João, tampouco irá ouvir-me”. O clamor de João Batista: “Não te é lícito!” ainda ressoava na memória de Herodes e, até que fosse obedecida aquela mensagem, nada teria Jesus a dizer-lhe.

“Se eu atender à iniqüidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá” (Sl 66.18). Enquanto soar a voz em nossa consciência: “Não te é lícito!”, como poderemos esperar resposta às orações?

A Transfiguração de Jesus

Texto: Mateus 17.1-13

Introdução

Os discípulos ficam tristes e perplexos ao revelar-lhes Jesus que haveria de morrer (Mt 16.21-23). Prediz também sua ressurreição, mas eles enxergam apenas o lado escuro da crucificação. A fim de encorajá-los, Jesus ora e pede ao Pai lhes conceda um vislumbre da sua glória futura. Confira Lc 9.28,29; Jo 17.24. Em Marcos, a última cláusula de 8.38 deve ser vinculada a 9.1,2. É verdade que apenas três dos doze foram testemunhas oculares do evento, mas eram os líderes, e sua atitude influenciaria os demais.

I - A Preparação para a Glória (Mt 17.1)

1. A ocasião. Cerca de uma semana depois da primeira predição clara da morte de Jesus. Os escritores dos três evangelhos tomam o cuidado de mencionar o tempo a fim de impressionar os leitores com esta verdade: Jesus, num período específico do seu ministério, pensava profundamente na sua morte e procurava acostumar os discípulos à idéia, desejando que compartilhassem seus sofrimentos.

2. O lugar. O evento ocorreu numa montanha, à qual não se pode identificar com precisão. Menciona certo escritor a predileção de Jesus pelas montanhas. De uma montanha proferiu o Sermão do Monte; e era um monte que procurava, quando tinha motivos especiais de oração. As montanhas são lugares tranqüilos, a erguer-nos acima do barulho da terra.

3. As testemunhas. Três membros do "círculo fechado", Pedro, Tiago e João acompanhavam Jesus. Parece-nos o crescimento espiritual destes três mais adiantado que o dos outros. Mais altas revelações alcança quem mais se aproxima de Deus.

II - O Propósito da Glória

1. Com relação aos discípulos. O Senhor orava com eles. E ficariam ali a noite inteira. No início, todos oravam juntos; depois, os três adormeceram (Mt 26.40). Acerca de que orava Jesus? Lucas 9.31,35 sugere um pedido de confirmação aos discípulos da necessidade da sua morte (Jo 12.27-30). Orava, também, buscando forças para palmilhar o caminho da cruz (Lc 9.51).

2. Com relação ao Senhor. Embora Filho de Deus, tinha Jesus natureza humana (Hb 2.16-18). Conseqüentemente, à proximidade da cruz, sentia necessidade de encorajamento (Mc 1.13; Mt 26.38). Diante da experiência mais profunda de sua vida - o Calvário - e da incompreensão de seus seguidores, era-lhe confortador saber que o Pai a tudo entendia.

III - A Manifestação da Glória (Mt 17.2)

Contam-nos os primeiros três evangelhos que as vestes do Senhor ficaram brancas e brilhantes; Mateus e Lucas dizem que seu rosto resplandecia como o sol. Muito pouco se diz nos evangelhos acerca da majestade externa de Cristo. Enquanto ministrava entre os humildes, pompa e magnificência lhe eram ausentes. Sua beleza e poder eram interiores e espirituais. A glória divina, porém, na transfiguração, irradiava de tal maneira que ultrapassava o véu da carne e, por breves momentos, os discípulos puderam-na contemplar. O que para eles era um vislumbre, representava para o Mestre um antegozo de glória futura, como a trazer-lhe confortadora mensagem: "Ânimo! Logo o sofrimento será passado, e a glória, realidade". Conferir a experiência de Estêvão em Atos 6.15; 7.55.

IV - Os Visitantes da Glória (Mt 17.3)

Eram Moisés e Elias, a representar, respectivamente, a Lei e os profetas, que haviam indicado de antemão a vinda do Messias (Lc 24.27,44).

1. Por quê? Assim como o Pai enviaria um anjo para ministrar-lhe no Getsêmani, envia-lhe agora dois seres celestiais com uma mensagem de consolo e encorajamento. Podiam fazê-lo, porque haviam triunfado sobre a morte. Moisés, mediante a ressurreição instantânea (Dt 34.5,6 e Jd 9); e Elias, por trasladação. Ninguém pode consolar os sofredores como aqueles que já sofreram. E o assunto era a morte de Jesus (Lc 9.31). Assim, teve o Senhor certeza de que o ministério da propiciação era entendido pelos que habitavam no céu, e os discípulos compreenderam que o Calvário era parte do propósito divino.

2. Como? Era uma visão ou um aparecimento real? É descrito como sendo um aparecimento real. A palavra "visão" (v. 9) simplesmente significa "aquilo que é visto", seja em sonho, transe ou na vida real.

Duas lições práticas este incidente nos sugere: a existência cônscia e feliz do povo de Deus após a morte (Fp 1.23); e o fato de ser possível o reconhecimento de nossos entes queridos no céu. Moisés e Elias não perderam a sua identidade. Continuaram sendo “Moisés” e “Elias”.

V - A Voz da Glória (Mt 17.5; 2 Pe 1.17)

1. A sugestão de Pedro. “Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés e um para Elias”. Pedro deve ter feito a sugestão ao perceber que os visitantes celestiais estavam indo embora. Sem dúvida, imaginava: “Como é melhor estar aqui, com os santos, do que lá embaixo, entre os fariseus hipócritas e o povo descrente! Fique, Mestre, e afugente para longe os pensamentos sombrios de sofrimentos vindouros. Permaneça aqui, na montanha abençoada pelo céu. Não retorne ao vale deprimente da humilhação”.

No calor do momento, esquecera-se Pedro que havia trabalho a ser feito antes de se entrar na glória celestial.

2. A declaração do Pai “Este é o meu amado filho”. A voz saiu de uma nuvem brilhante, símbolo da presença e glória divinas. Cristo é o amado de Deus por causa do seu relacionamento sem igual com o Pai, da bem disposta obediência, perfeita submissão à morte na cruz e caráter inculpável. No seu ministério terrestre, enfrentava forças contrárias cada vez que firmava a resolução de ir à cruz. No batismo, expressou seu propósito de cumprir tudo quanto fosse necessário como Redentor do pecado (Mt 3.15). Pouco antes da transfiguração anunciara a sua intenção ir a Jerusalém para enfrentar o sofrimento e a morte (Mt 16.21-23). E, poucos dias antes de ser crucificado, repeliu a tentação de dizer: “Pai, salva-me desta hora” (Jo 12.27,28).

3. O mandamento do Pai. Declarava, em primeiro lugar, ser Jesus superior à Lei e aos profetas, porque era Filho de Deus; era, portanto, a autoridade máxima em todas as questões (Hb 1.1-3). Transmitia também mensagem especial aos apóstolos, admoestando-os a aceitarem tudo o que o Mestre ensinava, inclusive acerca da sua morte vindoura. É como se o Pai lhes dissesse: "A Ele ouvi, mesmo quando diz que terá de sofrer e morrer".

A nós, também, cabe ouvi-lo: suas promessas, como Amigo e Salvador; suas ordens de líder. "Fazei tudo quanto ele vos disser" (Jo 2.5).

VI - A Glória Vai Passando (Mt 17.6-13)

1. A descida. Os discípulos, que haviam caído ao chão, aterrorizados, sentiram o toque do Mestre: "Levantai-vos, e não tenhais medo. E, erguendo eles os olhos, ninguém viram senão unicamente a Jesus". A glória externa passara; Moisés e Elias haviam partido, e a montanha estava escura e quieta. Porém o Mestre continuava ali! Ele permanecerá quando os ensinadores humanos se forem (Zc 1.5; Hb 13.7,8).

A glória celestial e a voz do Pai anteciparam-lhe prazer semelhante ao do descanso para o viajante extenuado. Sendo Ele perfeitamente santo e justo, bem poderia ter saído da montanha e entrado no céu. Mas, neste caso, entraria no mundo da glória sozinho. Preferiu descer a montanha e completar a obra de redenção, "trazendo muitos filhos à glória" (Hb 2.10).

2. A ordem. "E, descendo eles do monte, Jesus lhes ordenou, dizendo: A ninguém conteis a visão [Lit. o que vistes], até que o Filho do homem seja ressuscitado dos mortos". Já estavam os discípulos proibidos de pregar que Ele era o Messias (Mt 16.20), porque o povo, pelo falso conceito que dEle fazia, estaria inclinado a pensar que sua missão era reunir um exército para expulsar

os romanos. Pela mesma razão proibiu-lhes contassem acerca da glorificação na montanha. Não desejava que o povo alimentasse falsas esperanças. Depois da ressurreição, não haveria perigo de mal-entendidos, porque então entenderiam que seu Reino não era deste mundo, e que apenas mediante o arrependimento e a fé teriam acesso a ele.

3. A pergunta. "E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro?" Noutras palavras: "Por que Elias adiou a sua vinda até agora e ainda ficou só alguns momentos?" Jesus respondeu: "Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as cousas". Ou seja, levará Israel de volta a Deus, para então passar por restauração nacional (Ml 4.5). "Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem. Então entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista". João Batista não era Elias em pessoa (Jo 1.21), mas veio "no espírito e virtude de Elias" (Lc 1.17). Traduzindo: era um profeta como Elias. Pregava arrependimento, vivia em total abstinência, repreendeu um rei perverso, foi perseguido por uma rainha má, nomeou seu sucessor à beira do rio Jordão (2 Rs 2.10-13; Mt 3.11-17) e entregou-se por um período ao desânimo, próximo ao fim do seu ministério.

VII - Ensinamentos Práticos

1. Subindo o monte. Jesus levou os discípulos a um alto monte. Deseja Ele também levar-nos a lugares altos - acima das planícies do pecado, desânimo, fraqueza e falta de visão. Quer erguer-nos acima das ambições, padrões e pensamentos baixos. Que seja a nossa oração: "Senhor, leva-me, pela fé, ao monte celestial, a um plano de vida superior. Firma os meus pés em terreno alto". Depois de algum tempo em comunhão com o Senhor, poderemos testificar como os antigos profetas: "Deus é a minha fortaleza e a minha força, e ele perfeitamente desembaraça o meu caminho. Faz ele os meus pés como o das cervas, e me põe sobre as minhas alturas" (2 Sm 22.34).

2. Oração e problemas. Jesus e três dos apóstolos subiram ao monte com o propósito de orar (Lc 9.28). Não conseguiam os discípulos entender o sofrimento e a morte de Cristo como vontade de Deus. De fato, estavam perplexos. Propôs-lhes, então, Jesus: "Peçamos a Deus orientação sobre este delicado assunto". E a oração foi respondida pela transfiguração: a morte de Cristo mostrada do ponto de vista celestial.

Muitas coisas constituem-se problemas para nós até que as vejamos do ponto de vista celestial. Então, nossa perplexidade desaparece à clara luz da revelação. O melhor que se pode fazer com um problema é mentalizá-lo e orar a respeito dele.

3. Da glória da montanha para o trabalho no vale. "E, descendo eles do monte". Teremos nossas experiências no cume do monte enquanto avançamos no conhecimento do Senhor. No entanto, por muito que desejemos ficar ali, há trabalho a fazer no vale.

E não há motivo para tristeza, porque Jesus descerá conosco (Mt 17.14-21), junto com a lembrança da experiência. Os discípulos encontraram forças para enfrentar muitas provações ao evocarem aquela breve reunião no monte com Jesus: "Vimos a sua glória", testifica João (Jo 1.14); "E ouvimos esta voz dirigida do céu", declara Pedro (2 Pe 1.18). Quando a provação levar-nos à escuridão espiritual, emprestemos a luz das experiências, até que o caminho se torne luminoso outra vez!

4. Segredos sagrados. "A ninguém conteis a visão". Crentes há que costumam testificar cada sonho, visão ou impulso que recebem. Espalham aos quatro ventos os seus mais íntimos relacionamentos com o Senhor. Depois não sabem por que os ouvintes não os entendem ou ficam indiferentes. Não compreendem tais pessoas que talvez o Senhor esteja tratando com elas assuntos particulares e sagrados? Paulo foi arrebatado até ao paraíso, mas não contou a respeito:

“Ouviu palavra inefáveis, de que ao homem não é lícito falar” (2 Co 12.4).

Salomão disse que há “tempo de estar calado, e tempo de falar” (Ec 3.7); e uma sábia mulher “guardava todas estas coisas, conferindo-as em seu coração” (Lc 2.19).

5. Transformado enquanto orava. “E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto” (Lc 9.29). É fato científico que o caráter da pessoa é revelado no seu rosto. Até os nervos e as células refletem a condição da alma. A gula, o ódio, a concupiscência, a amargura e todas as demais paixões erradas marcam-nos o rosto de tal maneira que um observador hábil pode detectá-las. No rosto também são refletidos o amor, a paz, a alegria e outras virtudes espirituais, dando-lhe a beleza que vem das profundezas da alma. Aqueles que costumam viajar por países pagãos podem distinguir, pelos rostos, cristãos e não-cristãos: os primeiros transmitem paz e alegria; os últimos, medo e desespero. Livingstone, o grande explorador e missionário, disse ter ido à África não tanto para transformar a face do continente quanto para mudar o rosto do africano.

É no lugar secreto da oração que as rugas das preocupações são removidas, as carrancas amainadas e os rostos compridos alargados. Ver Salmos 34.5; Lucas 21.28.

Uma Lição de Perdão

Texto: Mateus 18.21-35

Introdução

O assunto deste texto é a parábola do credor incompassivo. Consideremos:

I - A Ocasião da Parábola (Mt 18.21,22)

Jesus instruía os apóstolos com respeito às ofensas praticadas contra irmãos (Mt 18.15-20). Pedro, talvez lembrando alguma diferença com outro apóstolo, perguntou: “Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete?” Os rabinos ensinavam que se deveria perdoar até três vezes o irmão ofensor, e Pedro, em sinceridade e singeleza de coração, talvez imaginasse estar alargando generosamente aquele limite.

“Não te digo até sete, mas, até setenta vezes sete”. Noutras palavras: “Pedro, suas palavras dão a entender um limite em se perdoar um irmão, um momento em que ele não deve mais ser perdoado. Você gostaria que o seu Pai Celeste

impusesse o mesmo limite a você? É claro que não!”

Para ilustrar e aplicar esta lição, contou a história do credor incompassivo.

II - A Declaração da Parábola

1. O credor real. “Por isso o reino dos céus pode comparar-se a um certo rei que quis fazer contas com os seus servos”. O rei, nesta parábola, representa Deus no seu caráter de soberano, e os servos, os que reconhecem a sua soberania e querem viver segundo as suas leis. O ajuste de contas simboliza a convicção do pecado, como na ocasião em que Davi foi convocado à presença de Deus mediante o profeta Natã. Refere-se também ao ajuste de contas final diante do tribunal de Cristo (2 Co 5.10).

2. O devedor falido. “E, começando a fazer contas, foi-lhe apresentado um que devia dez mil talentos” - certamente um alto oficial, responsável pelas rendas de uma grande província. Tão infiel e corrupto havia sido que sua dívida alcançara uma cifra equivalente a milhões de dólares. Uma soma fantástica, a demonstrar quão grande é nossa dívida para com Deus e a impossibilidade de pagá-la, deixando-nos, como esperança única, o perdão. Notemos que o servo “foi-lhe apresentado [trazido]”. Não teria vindo por sua própria vontade, e, talvez, até continuasse acumulando dívidas.

“E, não tendo ele com que pagar”. Estas palavras descrevem a falência espiritual de cada pecador na presença do Santo, pelo padrão rígido da sua lei (Jo 42.5,6; Rm 3.23).

3. A sentença terrível. “Mandou que ele, e sua mulher e seus filhos fossem

vendidos, com tudo quanto tinha, para que a dívida se lhe pagasse". Era costume naquela época vender-se o devedor insolvente à escravidão, juntamente com a mulher e os filhos. O Deus Onipotente tem o direito e o poder de rejeitar e entregar ao castigo aqueles que não vivem à altura da sua glória.

4. A petição lastimosa. "Então aquele servo, prostrando-se, o reverenciava". Era o recurso que lhe sobrava. Também ao pecador perdido, resta-lhe unicamente humilhar-se diante de Deus e clamar: "Senhor, tem compaixão de mim, pecador"; "Sê generoso para comigo, e tudo te pagarei". Naturalmente, jamais poderia ele resgatar tão vultuosa quantia. Mas, na angústia do momento, promete o impossível, para livrar-se da escravidão. Alguns pecadores, não enxergando as dimensões do pecado, tentam compensá-lo com obras, para obterem o favor de Deus. No entanto, nenhuma obediência futura compensará os fracassos passados. A prática pura e simples da justiça não tem o poder de apagar a culpa. A única esperança do homem é que Deus lhe apague os registros do passado (Is 44.22; At 3.19).

5. O perdão gracioso. "Então o senhor daquele servo, movido de íntima compaixão, soltou-o e perdoou-lhe a dívida". A severidade de Deus, em semelhança à de José para com seus irmãos, é amor disfarçado, para induzir o pecador a reconhecer sua culpa, e depois reaparecer como graça. A mesma prestação de contas que, no início, o ameaçava de total ruína, tornar-se-á, se empregada corretamente, em equivalente medida de misericórdia. A prestação de contas traz a dívida ao lume, porém com o propósito de bani-la. O pecador deve conhecer a natureza dos próprios pecados; saber que suas transgressões acumulam-se à altura de uma montanha; mas, acima de tudo, estar consciente de que podem ser lançadas no mar das misericórdias de Deus.

6. A cruel exigência. "Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos, que lhe devia cem dinheiros, e, lançando mão dele, sufocava-o, dizendo: Paga-me o que me deves". Parecia ter esquecido a dívida enorme que lhe fora perdoada; não dava muito valor à misericórdia. As mãos que se haviam juntado, rogando misericórdia, agora sufocavam uma pessoa; a mesma voz que

se levantara em apelo, agora profere ameaças. Causa-nos indignação sua atitude, mas é típica do crente não inclinado a perdoar.

7. A petição repudiada. “Então o seu companheiro, prostrando-se aos seus pés, rogava-lhe: Sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. Ele, porém, não quis, antes foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida”. As palavras do pobre conservo foram idênticas às de seu credor, quando este encontrou misericórdia. O servo cruel, no entanto, já se esquecera do benefício recebido, e arrastou aquele coitado à prisão. Grande crueldade comete a pessoa que se esquece do quanto Deus lhe perdoou. O servo cruel exercia um direito legal quando enviou seu devedor à prisão; mas, tendo recebido graça, deveria ter dado graça. Nós, que desfrutamos da graça de Deus, não devemos tratar os outros pelos padrões de uma lei sem misericórdia.

8. A tristeza dos companheiros. “Vendo, pois, os seus conservos o que acontecia, contristaram-se muito, e foram declarar ao seu Senhor tudo o que se passara”. Não é apenas no céu que há indignação quando os homens tratam aos outros com medidas diferentes daquelas com que foram tratados. Notemos que estes outros servos não se vingam do abuso, simplesmente relatam o fato ao senhor deles. “Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor”.

9. A indignação do Mestre. “Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida porque me suplicaste, não devias tu igualmente ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti?” Não lhe coube o adjetivo “malvado” por causa da dívida, mas pela sua crueldade e ingratidão. Cometera um dos piores pecados - o de abusar da bondade alheia. Demonstrou, por suas ações, não ter sido tocado nem transformado pela graça do seu senhor. Suplicara misericórdia, não por estar contrito pelos danos que causou, mas porque temia as conseqüências. Recebera o perdão do rei, o que lhe permitiu continuasse desfrutando dos seus pecados sem pagar as penalidades, e continuara a sua carreira de egoísmo, ignorando sentimentos e necessidades alheios.

10. A condenação do servo. “E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que lhe pagasse tudo o que devia”. Os “atormentadores” eram carcereiros que tinham por dever arrancar do prisioneiro a localização de algum suposto tesouro escondido. Convenceu-se o rei de que o servo não passara por qualquer mudança; no seu coração ainda era o mesmo homem que abusara da confiança do seu senhor. Como conseqüência, revogou-se-lhe a misericórdia, da qual se mostrara indigno. Recusando-se a perdoar, voltou à antiga condição de devedor não perdoado. Foi enviado à prisão, não pela dívida, mas porque abusara da graça do seu senhor.

III - A Aplicação da Parábola (Mt 18.35)

“Assim vos fará também meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas”. Significa isto que não seremos perdoados por Deus se não perdoamos o nosso irmão? Mesma coisa é perguntar: Se desligarmos o interruptor, recusar-se-á a companhia de força a iluminar nossas lâmpadas? Em ambos os casos a questão não é de vontade, mas de possibilidade. Ao desligarmos o interruptor, impossibilitamos à companhia de força passar eletricidade para nossas lâmpadas. A pessoa que se “desliga” da misericórdia divina, ao negar perdão ao seu semelhante, não pode receber a energia perdoadora do céu. Demonstra, pela sua conduta, nada saber a respeito da graça de Deus: “É cego, nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados” (2 Pe 1.9). Somente o arrependimento removerá o obstáculo ao perdão que Deus quer oferecer-lhe.

IV - Ensinamentos Práticos

1. Uma oração perigosa. Imaginemos uma pessoa que nutre rancor por outra e o conserve quente; e que na primeira oportunidade, o derrame como torrente escaldante, sobre ela. Na mesma noite, a pessoa rancorosa se põe de joelhos, e recita a Oração Dominical, que inclui a petição: “E perdoa as nossas dívidas

assim como nós perdoamos os nossos devedores". Quão desastroso seria para ela se Deus aceitasse literalmente a petição, e lhe desse o mesmo tipo de "perdão" que ofereceu ao seu próximo.

Somente após o perdão ter tomado o lugar da dureza e ressentimento de nosso coração, estaremos seguros para pedir a Deus que trate as nossas transgressões conforme nossa atitude para com as transgressões do nosso próximo.

2. Perdoado e perdoando. Um jornalista inglês cita o seguinte incidente: "Conta o bispo Taylor que, num culto da Santa Ceia, na África, celebrado entre cristãos nativos de diferentes vilas, um negro, recém-convertido, ajoelhou-se com os outros irmãos. De repente, olhou de modo intenso e desvairado para o homem ao seu lado; depois levantou-se, saiu da igreja e correu para a floresta. Dias depois, assentava-se ele ao lado do mesmo homem. Perguntado sobre seu comportamento, explicou que, numa luta entre tribos vizinhas, aquele homem matara o seu pai e ainda ajudara a devorar-lhe o corpo numa festa de canibais. Havia jurado vingança e, quando viu o inimigo ao seu lado, aquele sentimento voltou-lhe à alma. Fugiu, entrando na floresta para orar. Lembrou-se, então, de como Jesus o perdoara e ressentimento saiu-lhe do coração."

Se lembrarmos sempre a grande dívida que nos foi perdoada, não teremos dificuldade em perdoar às ofensas de nosso irmão. Ensina-nos esta parábola duas lições: primeiro, o alicerce da misericórdia humana é o recebimento da misericórdia divina; segundo, precisamos exercitar a misericórdia se esperamos recebê-la.

3. A melhor atitude. Revela-se nosso caráter pela maneira como reagimos às ofensas e injustiças. Ao sofrermos injúrias, transbordamos em queixas ou perdoamos, guardando silêncio? Comentou certo escritor: "Imagine se alguém me ferisse, e eu, ao invés de deixar a ferida curar-se sob a atadura, ficasse a todo momento examinando a sua profundidade, expondo-a e fazendo-a inflamar-se. Certamente seria chamado de tolo. Igualmente tolo é quem remexe pequenas

injúrias e ofensas, deixando-as influenciar a mente. Tratada a ferida, dê-se sossego à atadura!”

4. Perdoado e transformado. Durante a guerra, um soldado americano procurou visitar o seu lar sem licença oficial. Preso, foi condenado como desertor. Diante do comandante, ouviu, imperturbável, o oficial ler a sentença: seria fuzilado na sexta-feira seguinte. Nenhum músculo do seu rosto tremeu, ou qualquer um de seus membros. “Eu assim mereço, senhor”, disse com respeito. “Desertei da minha bandeira. É só isso, senhor?” “Não”, disse o oficial. “Tenho algo mais para você”. E, tomando outro papel, leu-lhe o perdão. O soldado, não comovido pela severidade da sentença, derreteu-se ante o gesto de misericórdia. Caiu por terra, soluçando. Mais tarde, demonstrou-se digno da graça que lhe fora dada, e foi promovido por boa conduta.

Pessoas que apreciam a graça de Deus são realmente mudadas e demonstram sua gratidão perdoando aos outros.

5. Amai vossos inimigos. Lembremo-nos, quando ofendidos, que mais sofre o ofensor; e dele devemos ter compaixão, em vez de condená-lo. Se alguém, que nos tivesse furtado alguns trocados, sofresse um acidente que o deixasse aleijado para o resto da vida, ficaríamos compadecidos, por culpado que fosse. Mais compaixão devemos ter daquele que pratica o mal em prejuízo da própria alma.

6. Perdoar é esquecer. A declaração: “Posso perdoar, mas não esquecer”, é um substituto miserável e hipócrita ao perdão verdadeiro que nos ensina o Novo Testamento. Temos de perdoar assim como Deus nos perdoa. E como Deus nos perdoa? Não mais lembrando nossos pecados (Hb 8.12); lançando-os nas profundezas do mar (Mq 7.19); apagando-os completamente (Is 44.22); e daí em diante agindo conosco como se nunca tivéssemos cometido pecado. Este é o padrão que devemos seguir ao perdoarmos àqueles que nos fazem mal (Ef 4.32; 5.1).

Dizer: “Eu perdôo você” e, secretamente, resolver vingar-se é clara demonstração de hipocrisia.

7. Um pecado comum. Muitos de nós lemos a parábola do credor incompassivo e damos graças a Deus por não sermos aquele monstro de iniqüidade. Seríamos, no entanto, mais sábios se aplicássemos a advertência a nós mesmos, como se alguém nos apontasse: “Tu és o homem”. Afinal de contas, o que somos devemos à graça de Deus, pois não há pecado do qual nossa natureza não seja capaz. É possível que alguns de nós estejam mostrando-se tão implacáveis e destituídos de misericórdia quanto o servo da parábola. Não pense que ele era um monstro de iniqüidade; era como nós. Todos temos coração humano, e a atitude daquele servo é natural do homem.

O Jovem Rico

Texto: Mateus 19.16-30

Introdução

O jovem rico certamente já ouvira sobre os ensinos de Cristo. Apesar de grande dúvida consumir-lhe o coração, o preconceito e a timidez o haviam impedido, até ali, aproximar-se do Mestre. Porém, agora, não podia mais hesitar. Jesus estava deixando a vila. Decidido, correu, ajoelhou-se reverentemente diante dEle, e fez-lhe a suprema pergunta da vida.

I - A Urgência do Jovem (Mt 19.16)

“Bom mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna?” Ver Lucas 18.18. Quem perguntava era um jovem rico e de posição destacada; um jovem amável, correto e reverente, mas obviamente insatisfeito. Procurava, como tantos sábios antes e depois dele, aquele algo supremo que lhe satisfizesse a alma. Tinha toda a razão em concluir que a “coisa mais importante do mundo” era a vida eterna - a vida divina a começar aqui e prolongar-se para sempre. Desejava sincera e urgentemente possuí-la, disposto ao que fosse necessário para atingir seu propósito.

II - Os Erros do Jovem (Mt 19.17)

1. Um erro com respeito a Cristo. "Por que me chamas bom? Não há bom senão um só que é Deus. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos". O jovem desconhecia o conceito de bondade: aplicara a palavra "bom" a alguém que considerava um simples mestre humano. A resposta do Senhor pode ser assim traduzida: "O modo de você aplicar a palavra 'bom' a alguém que não conhece muito bem (o jovem não sabia que Jesus era divino) indica que você não sabe o que é verdadeira bondade. O único a ter bondade suficiente para merecer a vida eterna é o próprio Deus. Nenhum homem é suficientemente bom para merecê-la". Censurou-o Jesus porque lhe falara o jovem como se Ele fosse alguém merecedor da vida eterna por mera bondade humana. O Mestre procurava com isso levar os pensamentos do jovem a Deus. Cristo não se recusava a ser chamado bom. Se o jovem tivesse dito, como Pedro: "Tu és o Cristo, Filho do Deus vivo", teria ouvido em resposta: "Eu sou o bom pastor" (Jo 10.11).

2. Um erro com respeito a si mesmo. "Que bem farei?" Imaginava-se bom o bastante para praticar o bem, uma vez recebidas as instruções. Mais tarde, ficou sabendo estar sua bondade aquém dos padrões de Cristo. Acreditava poder alcançar a vida eterna por esforço próprio, mas o que descobriu? Ver vv. 22,26.

3. Um erro com respeito ao caminho da vida. Pensava fosse possível merecer a vida eterna pela prática de alguma ação grandiosa. Talvez o Mestre o mandasse construir uma sinagoga, resgatar alguns dos seus patrícios da escravidão ou cumprir algum ato religioso espetacular. Descobriu, porém que a vida eterna só pode ser alcançada através de um relacionamento pessoal com Cristo. Ele não se mostrou disposto a sacrificar o que consistia em obstáculo àquele relacionamento. Estava convicto de haver guardado a Lei. "Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos". "Quais?" perguntou o jovem, pensando referir-se Cristo a regras de santidade não descritas por Moisés e

desconhecidas do povo em geral. Para sua decepção, o Mestre citou aqueles mandamentos conhecidos referentes ao dever do homem junto ao seu próximo. O jovem respondeu, perplexo: "Tudo isso tenho observado; que me falta ainda?" Naturalmente, falava das práticas externas das leis, conforme os rabinos e fariseus as interpretavam. Não é de se estranhar que tenha perguntado: "Que me falta ainda?" Sua conduta satisfazia o desejo de ser respeitável e irrepreensível diante da comunidade. Não lhe trouxera, porém, a vida proveniente de Deus para satisfazer-lhe a alma. Ao indicar-lhe o Senhor Jesus a maneira mais profunda de mostrar amor pelo próximo, o que aconteceu? (vv. 21,22).

III - A Falta do Jovem (Mt 19.21)

1. A falta confessada. "Que me falta ainda?" O Senhor mencionou a Lei de Moisés com o propósito de obter esta confissão do jovem. A Lei é simplesmente um padrão para medir a conformidade humana à vontade divina. Não há nela vida nem poder transformador. Sob a Lei, a pessoa, vendo sua própria fraqueza e corrupção, ao invés de dizer: "Tudo isto tenho observado", confessa, contrito: "Todos estes mandamentos quebrei". A pergunta do jovem era uma confissão: "Mestre, guardo todos estes mandamentos, mas ainda não estou satisfeito; não tenho vida!"

2. A falta revelada. "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me". O caminho da vida consiste num relacionamento pessoal com Cristo; mas aqui havia um obstáculo a ser removido: a riqueza do jovem. Não se aplica esta exigência a todos homens ricos, mas fez-se necessária neste caso específico, para que fosse revelado o pecado de cobiça, que barrava o caminho da perfeita comunhão com Cristo. Perito nos assuntos da alma, o Senhor Jesus, como um químico, emprega testes diferentes para detectar diferentes tipos de veneno; à semelhança de um médico, sabe qual remédio receitar em cada caso. O jovem consultara o Médico dos médicos esperando um diagnóstico favorável: "Você goza de perfeita saúde espiritual; agora, para garantir a vida eterna, precisa fazer os seguintes

exercícios espirituais...” No entanto, o resultado dos exames o surpreendeu: “Filho, você é portador de terrível doença, a cobiça, causada por permitir que as riquezas se fixassem sobre a sua vida e alma; se quiser livrar-se dela precisa submeter-se à cirurgia para separar-se total e perpetuamente das suas posses terrenas. Não ficará pobre, no entanto, porque terá um tesouro no céu”.

É este o tesouro que a sua alma almejava: a vida eterna.

IV - A Recusa do Jovem (Mt 19.22)

“E o mancebo, ouvindo esta palavra, retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades” (Mc 10.22). Na realidade, o jovem é que havia se tornado propriedade das riquezas. A luz apagou-se em seu rosto, e a esperança morreu dentro dele. Desejava realmente, como tantos outros, a vida eterna; mas igualmente recusava-se abrir mão do que lhe era mais caro, para obtê-la. Sua alma deve ter gritado: “Qualquer outra coisa, Mestre, menos isto!” E Cristo parecia retrucar: “Se não posso exigir-lhe isto, você não pode ter a mim”. O jovem fez um mau negócio: continuou com suas propriedades, mas perdeu a Cristo. Teria, mais tarde, se arrependido e, como Barnabé, vendido tudo para trazê-lo aos pés de Cristo? A Bíblia nada nos conta a respeito. Mas esperamos que sim.

V - O Obstáculo (Mt 19.23,24)

1. A declaração marcante. Enquanto o Senhor olhava o jovem se afastando exclamou, tristemente: “Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no reino dos céus”. Não condenava o Mestre as riquezas, como sendo más por si mesmas. A parábola do mordomo infiel (Lc 16) ensina que o dinheiro pode ser empregado de modo agradável a Deus, e que com ele se fazem amigos, quando

usado na propagação do Evangelho e no alívio dos necessitados (2 Tm 6.6-9). Reconhecia, porém, as tentações específicas que acompanham as riquezas. O jovem rico era uma ilustração viva desse fato.

2. A ilustração vívida. "É mais fácil passar um camelo pelo fundo duma agulha do que entrar um rico no reino de Deus". Lemos a seguinte declaração numa obra árabe: "Os ímpios acharão fechadas as portas do céu, e não entrarão ali até um camelo passar pelo fundo de uma agulha". Estas palavras descrevem algo quase impossível. Compara-se à expressão moderna: "Procurar agulha em palheiro".

3. A razão evidente. Por que é difícil a um rico entrar no Reino de Deus? A dificuldade reside exclusivamente no homem, que permitiu às riquezas lhe corromperem a alma. Para Deus não há classes favorecidas. O rico, porém, produz suas próprias dificuldades espirituais: 1) A preocupação com as riquezas exige total atenção. Há o perigo de o homem permitir às riquezas lançarem fora os interesses mais nobres da sua vida. 2) A promessa traiçoeira das riquezas (Mt 13.22). As riquezas não satisfazem. Prometem satisfação futura e esta nunca chega. 3) O estulto orgulho das riquezas. A bajulação e a atenção do mundo enganam o rico, ao ponto de fazê-lo acreditar-se superior por causa do que possui, enquanto pode ser desprezível e vil diante de Deus. Somente os pobres de espírito entram no céu. 4) O egoísmo endurecedor das riquezas. A luta por riquezas tende a endurecer o coração das pessoas e torná-las cobiçosas (Lc 16.19-21; Tg 5.1-5). 5) A sutil escravidão das riquezas. É difícil a alguém possuir riquezas sem que delas se torne propriedade. Diferentemente de outras paixões, a cobiça torna-se mais forte com o passar dos anos, estrangulando o homem, mesmo em extrema velhice.

VI - A Única Esperança do Jovem (Mt 19.22,26)

"Os seus discípulos, ouvindo isto, admiraram-se muito, dizendo: Quem poderá

pois salvar-se? E Jesus, olhando para eles, disse-lhes: Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível". O impossível torna-se possível quando levamos em conta o poder de Deus sobre a vida humana (Gn 18.14; Lc 1.37). A primeira parte da resposta de Jesus é bem ilustrada pela atitude do jovem rico, que se imaginava capaz de possuir a vida eterna pelo seu próprio esforço. Seria a segunda parte da resposta a base para crermos que, mais tarde, ele recebeu graça e poder para fazer aquilo que, com seus próprios esforços, não conseguira? Mais uma vez dizemos: Esperamos que sim.

Como poderá Deus salvar os ricos? Tirando suas riquezas. Muitas pessoas foram levadas a Deus como resultado da perda de seus bens materiais. Deus pode tirar ao rico as suas riquezas; pode tocar nos corações humanos de modo a fazê-los abrir mão daquilo que impede a sua entrada no Reino de Deus.

VII - Ensinamentos Práticos

1. "Que bem farei?" Esta é uma pergunta que devemos nos fazer a cada dia. A cada despertar temos um dia diante de nós, que se irá embora e não voltará. É, portanto, sábia atitude fazer o melhor uso dele, encorajando alguém ou praticando algum ato bondoso. Dando-se felicidade a uma pessoa no decurso de um dia, consegue-se tornar felizes 365 pessoas ao ano. Vivendo 40 anos nesta prática, traremos felicidade a 14.600 pessoas. Um dos grandes propósitos da vida é torná-la menos difícil para os nossos semelhantes.

2. Verdades importantes são simples. O jovem imaginava ter de cumprir uma lista imponente de deveres, por meio dos quais atingiria a vida eterna. Porém, recebeu apenas ordem para guardar os mandamentos. Uma resposta aparentemente simples, mas logo comprovou-se que, por mais simples que fossem os mandamentos, o jovem os guardava de modo superficial. Seu amor às riquezas o impedia de amar a Deus com todo o seu coração, e sua recusa de dar aos pobres demonstrou que não amava o seu próximo como a si mesmo. E estes

dois mandamentos representam a essência da lei (Mt 22.37-40).

São muitos simples as verdades essenciais à vida e à piedade - tão simples que muitas vezes as negligenciamos, querendo buscar “verdades mais profundas”.

3. “Ainda te falta uma coisa”. A ausência de um elemento essencial pode anular toda uma máquina ou estrutura. Sem a mola, torna-se inútil o mais caro relógio; os grandes navios, sem a bússola, não navegam com segurança; o jardim perfeitamente planejado não floresce, se nenhuma semente for plantada.

Por vezes, falta-nos ao caráter a semente que permitiria florescermos em boas obras diante de Deus. Ao cristão quase perfeito em sua diligência, pode faltar-lhe a caridade; outro, pode ser desprovido de firmeza, apesar de seu comportamento bondoso e humilde, ou possuir talentos maravilhosos e escondê-los na falta de iniciativa ou de dedicação. E a falta de vitória sobre um único pecado pode ser-nos um grande tropeço. Aquele que foi libertado de todas as correntes, menos uma, continua prisioneiro.

4. A moralidade não é salvação. Não menosprezemos a moralidade, pelo contrário, devemos dar graças a Deus pelas pessoas que se conservam livres das manchas do mundo. A moralidade, no entanto, pode transformar-se em arapuca se produzir em nós a justiça própria, que despreza o caminho de salvação oferecido por Deus. Os fariseus eram moralistas. Mas, embora não culpados dos pecados da carne, condenavam-nos os pecados do espírito. Teriam sido homens melhores se não tivessem sido tão “bons”!

Você pode polir um pedaço de latão até ver seu rosto refletido nele, mas ele permanece latão. A natureza pode ser polida pela moralidade, mas continua sendo natureza humana: “Aquilo que nasceu da carne, é carne”. A natureza humana precisa transformar-se para entrar no Reino dos Céus.

Relata o Dr. French Oliver o seguinte incidente:

“Eu estava conversando com um brilhante jovem médico. Disse ele: ‘Dr. Oliver, estou muito ligado àquilo que me ensinou minha mãe. Sempre vivi moralmente à altura dos seus ensinos, e orgulho-me em dizer que, enquanto longe, na faculdade de medicina, onde recebi altas honras, conservei-me limpo. Não professo ser cristão, mas, moralmente, sou um homem melhor do que muitos dos membros das igrejas desta cidade’. Respondi-lhe: ‘Não duvido da sua declaração, mas quero que me ouça. A regeneração é um estado, bem como a irregeneração. O senhor nunca foi regenerado, foi?’ Respondeu ele: ‘Não, senhor, não alego ser um homem regenerado’. Estava de pé ao lado dele, no corredor entre as cadeiras, e desenhei um quadro na serragem no chão: ‘Este quadrado representa o Estado de Colorado. A altitude mais baixa é de 700 metros acima do nível do mar, e o ponto mais alto fica a 4.700 metros, o Pike’s Peak. Além disso, há pessoas trabalhando nas minas uns 1.000 m abaixo do solo. Mas onde quer que estejam as pessoas, no fundo das minas ou no ponto mais alto da montanha, estão todas no Estado de Colorado. Ora, o estado irregenerado é assim. Alguns estão muito abaixo da superfície, no submundo da criminalidade e na vileza do pecado flagrante; outros, na superfície, a parte baixa do estado de irregeneração; enquanto o senhor está no pico do monte da moralidade. Como os demais, porém, ainda está no estado de irregeneração’. Ele olhou para mim, surpreso demais para falar por um momento. Então, sem condições de argumentar, disse: ‘Dr. Oliver, o senhor tirou-me o apoio. Estou de acordo com o senhor’. Assim, foi descendo o corredor em direção ao lugar de oração, onde aceitou e publicamente confessou Cristo como seu Salvador pessoal.”

5. O culto do discipulado. Para o homem do mundo, talvez pareça estar sendo cobrado ao jovem rico um preço muito alto pelo discipulado. Todavia, ensina-nos a experiência que é falsa economia comprar artigos baratos. Damos valor àquilo que nos custou caro.

A salvação é um dom gratuito, mas tão grande é o privilégio de seguir o Senhor,

que vale abandonarmos qualquer coisa que interfira neste relacionamento. Assim raciocinou Paulo em Filipenses 3.8. Disse um diretor de teatro: Se Jesus vale alguma coisa? Vale tudo. Mas como poderia abandonar minha profissão?" Homens em toda parte gostariam de servir a Deus e ao próprio eu; desejariam ganhar o céu e o mundo. Ensinou-nos Jesus, porém, que isto é impossível: "Não podeis servir a Deus e às riquezas". Não se pode desenvolver vida superior enquanto se desfruta da mais baixa. Uma escolha tem de ser feita.

Jesus não oferece meio-termo quanto ao preço a ser pago. Não existem liquidações especiais, descontos ou pechinchas no Reino de Deus. Seu valor nunca diminui. Pagar o preço inteiro, no entanto, traz-nos rico galardão, na forma de paz e alegria. "A vida cristã é triste e dura até que se entre nela inteiramente", disse alguém que passou pela experiência.

6. O que o dinheiro não pode comprar. O jovem era rico e respeitado, mas não estava feliz. Existia um vazio na sua vida que o dinheiro não poderia preencher. O fato de que o dinheiro não compra a felicidade permanece. Um milionário britânico, Lord Nuffield, fabricante de carros, disse: "O dinheiro nada significa para mim. Poderia sem dificuldade voltar para onde comecei - e talvez ficasse mais feliz". Depois de fazer uma substancial doação a uma boa causa, comentou: "É um grande prazer trabalhar para os outros". Aprendeu ele que a felicidade não se acha no dinheiro e, sim, no serviço. Esta era a lição que Jesus procurava ensinar ao jovem rico. Sirva este fato de consolação àqueles que poucos bens possuem, mas escolheram as riquezas celestiais.

Há um quadro famoso pintado por um grande artista moderno: mostra um morto numa sala vazia - um morto despojado da sua pompa. Embaixo está escrito:

"O que poupei, perdi;

O que gastei, já tive;

O que dei, agora tenho.”

O Serviço e Suas Recompensas

Mateus 19.27-20.16

Introdução

As questões de salário ocupam diariamente as páginas dos jornais e a atenção do Governo, empresários, trabalhadores e o povo em geral.

E Deus, qual empregador, recruta homens para trabalhar no seu Reino. Com que espírito trata Ele com seus servos? Em que base lhes oferece serviço e recompensa? Estas são algumas das questões tratadas na parábola dos trabalhadores.

I - A Situação da Parábola (Mt 19.27-30)

Para entendermos a situação da parábola, precisamos reportar à história do jovem rico, que procurava a receita para entrar na vida eterna, mas acabou descobrindo necessitar de uma cirurgia - a remoção das suas riquezas. No seu caso, a completa renúncia seria o caminho para a vida abundante. Mas ele foi

embora triste por não querer desfazer-se de suas posses. Foi então que Pedro perguntou: “Eis que nós tudo deixamos e te seguimos: que receberemos?” Enfatizava o pronome “nós”. Lembrava ele que, se havia os que não pagavam o preço, ele e seus companheiros já o tinham feito - foram os primeiros.

Existia verdade nessas palavras, mas revelavam também um espírito de barganha, um justificar a si mesmo, comparado à atitude do jovem rico. Jesus, com sabedoria e justiça usuais, respondeu à pergunta, corrigindo também o desvio no conceito de recompensa. Na “regeneração” (a nova ordem de coisas seguindo a sua vinda) cada verdadeiro sacrifício terá a sua recompensa, “porém, muitos primeiros serão os derradeiros, e muitos derradeiros serão os primeiros”.

As palavras de Jesus parecem indicar que fazer um sacrifício não é a garantia da grande recompensa mencionada. Tudo depende do espírito que anima o seu serviço. O primeiro a servir pode ser o último a receber, se a característica do seu serviço for mercenária ou de justiça própria. Um pequeno serviço, feito em espírito de humildade, vale mais diante de Deus do que um grande sacrifício manchado pela autocomplacência (1 Co 13.1-3).

Um dos primeiros apóstolos a seguir Jesus fracassou miseravelmente: Judas. O apóstolo chamado muitos anos depois dos outros, não ficou atrás dos maiores apóstolos: Paulo.

As palavras de Pedro revelavam a tendência (compreensível no caso de um judeu acostumado a viver segundo a aliança das obras) de colocar os sacrifícios como base de barganha: tanto de serviço, tanto de recompensa. Jesus previa o efeito dessa atitude: cheios de orgulho, os primeiros apóstolos poderiam tornar-se arrogantes e desdenhar os que, na sua estimativa, tivessem menor valor do que eles. Para adverti-los contra esse desvio, ensinou-lhes Jesus a parábola dos trabalhadores da vinha.

Estaria ensinando essa parábola que a recompensa para os que trabalharam onze horas é a mesma dos que trabalharam apenas uma hora? Não. A lição é: mais vale uma hora de serviço em espírito de fé e confiança diante de Deus que um dia inteiro de trabalho feito num espírito de barganha, por merecimentos legais. O primeiro em quantidade de serviço e sacrifício pode vir a ser o último por causa do orgulho, vanglória ou egoísmo, quando julgado segundo a medida de Deus.

II - Os Trabalhadores Contratados (Mt 20.1-7)

1. O empregador. "O reino dos céus é semelhante a um homem, pai de família, que saiu de madrugada a assalariar trabalhadores para a sua vinha". Ilustra-se nesta história o conceito divino de serviço e recompensa. Não nos parece o empregador muito eficiente na administração da vinha, porque chama trabalhadores quase à hora do pôr-do-sol e paga-lhes um dia inteiro de serviço. Além disso, parece mais interessado nos motivos e necessidades deles que na quantidade de trabalho. Nenhum administrador moderno adotaria tal procedimento. Pretende, porém, a parábola mostrar que as recompensas de Deus se baseiam em coisas espirituais, tais como abnegação, fidelidade e dedicação.

Note-se que o próprio dono da vinha procura os trabalhadores. Cada verdadeira vocação ao serviço de Deus é escolha divina (Jo 15.16); cada preocupação para com os perdidos, cada impulso para servir, dEle provém. Ele chama, nós respondemos. Toda grande obra espiritual é divina iniciativa.

2. Os trabalhadores que barganhavam. "E, ajustando com os trabalhadores a um dinheiro por dia, mandou-os para a sua vinha". Houve combinação de salário. Como Pedro, queriam saber a recompensa. Faz-se barganha nas disputas trabalhistas; nas coisas espirituais, as condições são estabelecidas segundo o íntimo de cada um.

3. Os trabalhadores que confiavam. "E, saindo perto da hora terceira [9:00 hs] viu outros que estavam ociosos na praça. E disse-lhes: Ide vós também para a vinha, e dar-vos-ei o que for justo. Eles foram. Saindo outra vez perto da hora sexta [meio-dia] e nona [15:00 hs], fez o mesmo". Não houve barganha. O trabalhadores aceitaram o serviço, confiantes de que recebiam justa recompensa. Representam aqueles que confiam lhes dará Deus muito mais do que merecem. A salvação é gratuita, não diz respeito à quantidade de serviço nem a merecimento humano. Comparado a isso, as demais distinções pouco significam.

"E, saindo perto da hora undécima, encontrou outros que estavam ociosos, e perguntou-lhes: Por que estais ociosos todo o dia? Disseram-lhe eles: Porque ninguém nos assalariou". Estes últimos trabalhadores foram contratados uma hora antes do pôr-do-sol. (A explicação que deram para sua ociosidade ensina-nos que o homem desejoso por trabalhar às vezes não acha emprego.) Mandou-os o empregador para a vinha, e foram, confiantes que receberiam justo salário.

III - O Pagamento dos Trabalhadores (Mt 20.8-16)

"E, aproximando-se a noite, diz o senhor da vinha ao seu mordomo: Chama os trabalhadores, e paga-lhes o jornal, começando pelos derradeiros até aos primeiros". Ver 24.15; Levítico 19.13; Tiago 5.4. Por que começar com os últimos? Para sugerir que os que vêm a Deus tardiamente podem servi-lo de modo aceitável. E o prêmio é único, determinado por Deus.

"Receberam um dinheiro [denário] cada um". O denário era uma moeda de prata que representava o salário de um dia. Os que trabalharam apenas uma hora ganharam por um dia inteiro - um salário, por hora, a mais que os recrutados da primeira turma. Quanto à recompensa, mereceram-na aqueles pelo espírito de humildade e obediência que demonstraram. Ilustra também a parábola a salvação

dada por Cristo e que a quantidade dos merecimentos não pode aumentar este dom único e gratuito.

1. Julgamento segundo os motivos. Recompensa-nos Deus segundo nossos motivos. O trabalhador que pediu um denário recebeu o seu denário - foi este o o motivo por que aceitou o serviço. Os que deixaram a questão do salário nas mãos de empregador ganharam a recompensa da sua confiança. Dos que faziam suas boas obras para serem vistos pelos homens, disse Jesus que já tinham eles a sua recompensa (Mt 6.1-6). Faziam suas obras para receber louvor dos homens, no que eram bem pagos. Jesus menciona também os que fazem sua benevolência por amor a Deus. Também eles recebem recompensa segundo os seus motivos: "E teu pai, que vê secretamente, te recompensará".

Tanto os trabalhadores da primeira hora quanto os da undécima receberam igualmente um denário. Valores iguais, porém, motivações diferentes; os primeiros estavam insatisfeitos, e os últimos, contentes. A recompensa dependia do seu espírito em trabalhar. Ver Mateus 6.1-6.

Os trabalhadores que murmuravam representam os que servem, não para a glória de Deus, mas por motivos como o desejo de louvor, posição ou ganho. Razão pela qual estavam insatisfeitos.

Deus promete recompensas, e temos o direito de conservar este fato em mente, porque todos precisamos de incentivo à nossa fidelidade. Lembremo-nos, porém, serem o conhecimento e a aprovação de Deus nossa mais elevada recompensa, e que o dom gratuito da salvação é maior que qualquer prêmio. Deus disse a Abraão: "Eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão".

Certo pregador afirmou que, em 40 anos de ministério, jamais viu alguém que, tendo aceito um serviço cristão pensando em vantagens, lucrasse realmente com

isto.

2. Julgamento segundo a oportunidade. O empregador da parábola é um homem singular; parece preocupar-se mais com os trabalhadores do que com a vinha. Os trabalhadores da última hora teriam começado a trabalhar cedo, tivesse alguém lhes concedido oportunidade. O dono da vinha reconheceu sua boa-vontade e pagou-os de acordo.

"Meu Pai é o lavrador", disse Jesus. Assemelha-se Deus a esse dono de vinha, porque seus padrões de recompensa vão além de cálculos aritméticos. Imaginemos alguém aleijado por circunstâncias herdadas, que nunca tenha desfrutado da influência de um bom lar cristão. Deseja ter algum valor no mundo, mas ninguém lhe dá oportunidade: "Ninguém me contratou". Deus, porém, pode fazer uso dele. O sangue de Jesus Cristo pode limpá-lo, o Espírito, renová-lo; e ele nascerá de novo para uma vida de santidade e boas obras.

Há milhares de pessoas na praça da vida, procurando um Empregador cuja bondade ultrapasse a eficiência mecânica, e que lhes dê uma oportunidade. É nosso privilégio indicar a tais pessoas alguém que lhes chamará na última hora, dando-lhes a oportunidade de ganhar uma recompensa, oferecendo-lhes trabalho na vinha.

Não mereceria uma vida de muitos anos de serviço e coroada por martírio melhor recompensa que a de um breve período de fiel serviço? Certamente que sim. Há maior capacidade espiritual no primeiro caso. Deus, no entanto, leva em conta as desvantagens e falta de oportunidades das pessoas.

Há uma pequena lição aqui para os que pretendem desprezar os outros que não fizeram tanto progresso na vida espiritual e no serviço cristão. Faz-se necessário julgar se a diferença de resultados deriva de falta de oportunidade (2 Co 8.12), e

verificar com que espírito foi feito o serviço.

3. O cachorro da manjedoura. Os trabalhadores da primeira hora murmuravam contra o dono da vinha: "Estes derradeiros trabalharam só uma hora, e tu os igualaste conosco, que suportamos a fadiga e a calma do dia". Estas palavras fizeram Pedro entender qual espírito inspirava sua pergunta, em 19.27. Eram uma advertência: "Se você se vangloria, gloriar-se-á também sobre outras pessoas, e isto provocará murmuração e inveja. No seu desejo de sobrepujar a outros, começará a pensar mais no seu galardão do que em seu Senhor".

Da Grécia antiga, temos a fábula do cachorro da manjedoura. Não podendo aproveitar o feno que nela havia, o cachorro impedia também ao boi aproveitá-lo, porque se ressentia do bem-estar do outro animal.

Mesmo espírito demonstraram os trabalhadores da primeira hora. Adequava-se o pagamento às suas necessidades, mas ressentiam-se dos favores concedidos a outros. Sofriam de estranha doença: a saúde do próximo. A felicidade alheia fazia-os infelizes. Certo comentarista expressou surpresa ao descobrir tal comportamento entre os trabalhadores da vinha do Senhor. Mas é verdade: pode existir inveja entre obreiros cristãos. "Um oleiro inveja o outro", disse um filósofo grego; e o inimigo das nossas almas deleita-se em espalhar o mesmo sentimento no meio dos trabalhadores cristãos.

"É mau o teu olho". Seria visível a inveja em seus olhares, mesmo se nada dissessem. O sentimento de um homem, diante de outro que está sendo louvado ou recebendo um prêmio, revela-se pelo olhar.

O primeiro sentimento de inveja percebido em nosso próximo deve conduzir-nos a um exame de nossos motivos. Perguntemo-nos, na presença de Deus: Estou trabalhando para o Senhor ou para minha própria glória? Oremos, em seguida,

pedindo o amor isento de inveja.

4. Deus é gracioso e justo ao recompensar. "Amigo, não te faço agravo [é a resposta de Deus a todos os queixosos]; não ajustaste tu comigo um dinheiro?" Agiu o dono da vinha com justiça, pagando a soma combinada: "Toma o que é teu, e retira-te; eu quero dar a este derradeiro, tanto quanto a ti. Ou não me é lícito fazer o que quiser do que é meu? Ou é mau o teu olho porque eu sou bom?" Noutras palavras: "Sendo perfeitamente justo com você, não posso ser generoso com outros? A ninguém defraudei, e beneficiei a muitos. Não há motivo para críticas".

O empregador atesta sua soberania sobre o que lhe pertence. Deus em tudo é soberano e jamais injusto. Todavia seus caminhos são mais altos que os nossos. Não tem Ele obrigação de justificar-se diante de suas criaturas. Cumpre-nos confiar e obedecer, até que o compreendamos (Rm 9.20-24).

Deveriam ter-se lembrado os trabalhadores da primeira hora que mais necessitavam eles do empregador, que este dos seus serviços. Ver Lucas 17.10.

Deus aceita o serviço dos homens por ato de graça, não por necessidade. E os que se acham no direito de exigir-lhe recompensa, esquecem-se de que dEle provém a sua capacidade de servir. A recompensa é fruto de sua graça, não de nossos méritos.

Devemos nosso sucesso ao Senhor, que por sua graça concedeu-nos o talento e a capacidade. Lancemos a seus pés nossa coroa!

A expressão "Retira-te!" não sugere necessariamente que os murmuradores de

hoje estejam impedidos de trabalhar no dia seguinte, se mudarem de atitude; e que os contratados por último não possam madrugar no dia seguinte, para uma jornada inteira de trabalho.

5. Santos de escol. "Assim, os derradeiros serão primeiros, e os primeiros derradeiros". Os considerados primeiros, por avaliação própria, podem ser os últimos na estimativa de Deus. "Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos". Muitos são convidados a trabalhar na vinha do Senhor, mas poucos continuam em humildade, submissão à justiça de Deus e total abnegação de direitos próprios. Multidões são chamadas à santidade, e ser-lhes-á dada a vida eterna, mas os "santos de escol", não se produzem em grandes quantidades.

Santos de escol são aqueles humildes, respeitadores e tão cheios de amor fraternal, que não invejam a bênção e o sucesso alheios. São os que se dão sem reservas ao serviço do Senhor e consideram-se ainda servos sem proveito. Estão disponíveis quando a igreja precisa de esforço especial. São as pessoas de confiança, que formam a base da igreja. Pena que, apesar de tantos chamados, tão poucos sejam realmente escolhidos para o trabalho cristão! Não devemos, no entanto, perder tempo e energia lamentando o fato. Pelo contrário, que cada um de nós resolva ser um dos escolhidos.

A Entrada Triunfal de Jesus

Texto: Mateus 21.1-11

Introdução

Consideremos a história da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Um historiador a registraria friamente como um dos muitos acontecimentos daqueles dias. O mero narrar dos eventos, porém, não explica tudo. Necessário é saber o seu significado. Cada evento vinculado à vida de Cristo tem em si verdades espirituais e transmite vida de tal maneira, que a sua entrada em Jerusalém é-nos tão real como se, pessoalmente, estivéssemos ali.

Destacam-se no texto algumas verdades. Assim como os discípulos, devemos nós também preparar-lhe o caminho. Este serviço era algo custoso, porque lançavam suas vestes diante dEle; mas devemos considerar que nada é caro demais para ser lançado diante do Mestre. Seu caminho foi embelezado por flores espalhadas; o caminho espiritual possui beleza que só aqueles próximos ao Mestre podem conhecer. Aspecto marcante dessa manifestação era o entusiasmo. O povo não tinha medo de exprimir as suas emoções. Por que nos envergonharmos diante do mundo? A emoção precisa ser profunda, de modo que não o neguemos pouco depois de louvá-lo.

Dividiremos a narrativa segundo a proclamação de Cristo como Rei da nação judaica.

I - O Propósito da Proclamação

1. A proclamação necessária. Apesar do plano divino da salvação, e de indicar a rejeição por parte da nação judaica que Cristo não chegaria a reinar em escala mundial, na primeira vez, fez-se necessária a proclamação. Dessa forma, o povo judeu não poderia alegar desconhecer sua condição de Rei.

2. A mudança de política. Até esse tempo, Cristo não havia declarado publicamente esta sua posição. De fato, até se retirara ante uma tentativa do povo em coroá-lo rei. E, depois de Pedro confessar que era Ele o Messias, foram proibidos os discípulos de dizê-lo publicamente (Mt 16.20). Isto porque o povo tinha um falso conceito do seu Reino. Uma proclamação pública do seu messiado teria sido o sinal de revolta contra Roma. Fatalmente, terminaria com a chacina do povo e a prisão de Cristo, como criminoso político. Agora, porém, já não há mais perigo de tumultos. Cristo chegara ao final do seu ministério: romanos e judeus o reconheciam líder espiritual, não rebelde político (Jo 18.33-37).

3. O plano divino. Pode parecer estranho, mas Jesus tomou este passo com o propósito de apressar a própria morte. Sabia que uma entrada espetacular na Cidade Santa, seguida pela limpeza do Templo, aguçaria a hostilidade dos líderes judeus até ao ponto de assassinato. Fosse Jesus uma pessoa comum, e considerariam insano o seu ato. Contudo, torna-se compreensível sua atitude à lembrança de sua missão: morrer em prol da humanidade. Sua morte foi planejada antes que chegasse ao mundo, e Ele mesmo a confirmou necessária. Seguia o Mestre minucioso e definitivo cronograma celestial, que determinava inclusive a hora exata de sua morte (Jo 13.1). E por sabê-la próxima, agiu de acordo com as instruções divinas e as profecias bíblicas.

4. Um último apelo. Podemos considerar sua entrada triunfal como um último apelo ao povo que o cercava. Uma última flecha. Não entendemos as profundezas da presciência divina que, embora prevendo a rejeição, insiste em pleitear juntos aos corações obstinados. Com a esperança esgotada, mas a energia intacta, Jesus Cristo, tantas vezes rejeitado, ofereceu-se para ganhar aos homens para o arrependimento.

II - Os Preparativos para a Proclamação (Mt 21.1-4)

Os preparativos para a entrada triunfal eram:

1. Deliberados. Notemos quão deliberadamente prepara-se o Senhor Jesus para entrar em Jerusalém como Messias - exatamente o que recusara fazer no passado. Sabia, porém, ser a vontade do Pai que chamasse a atenção do povo ao fato de estarem sendo cumpridas as profecias: "Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta".

2. Determinados com autoridade. "Ide à aldeia que está defronte de vós, e logo encontrareis uma jumenta presa, e um jumentinho com ela: desprendei-a, e trazei-mos. E, se alguém vos disser alguma coisa, direis que o Senhor os há de mister: e logo os enviará". Revelam estas palavras autoridade real. A ordem revela conhecimento sobrenatural. Como poderia o Senhor conhecer a localização dos animais? Confira João 1.47-49.

3. Feitos em cooperação com os discípulos. Próximo a Jerusalém, enviou dois discípulos a preparar-lhe um animal de montaria. Isto sugere depender Cristo dos seus seguidores na preparação do caminho de seu triunfo. Cada cristão leal e obediente a Cristo, a trabalhar de acordo com seu talento e oportunidade,

prepara o triunfo de Cristo nas vidas das pessoas, "esperando e apressando a vinda do dia de Deus" (2 Pe 3.12).

4. Singelos. Não requisitou Jesus um cavalo com carro de guerra, mas um humilde animal de carga. As coisas mais humildes têm a capacidade de glorificar o Senhor. Talvez não tenhamos beleza, posição ou cultura, mas podemos levar o Senhor em nosso coração.

5. Feitos na expectativa da morte. Se pudermos imaginar um noivo que, mesmo consciente de que morrerá poucos dias depois do seu casamento, leva calmamente adiante os preparativos do casamento, teremos uma idéia da situação aqui descrita.

Como se explica sua calma e atitude deliberada? Jesus estava certo de fazer a vontade de Deus e sabia ser a sua morte o degrau do trono universal onde subiria para reinar sobre milhões de corações.

III - O Modo dos Preparativos (Mt 21.5-7)

1. A profecia. "Dizei à filha de Sião: Eis que o teu Rei aí te vem, manso, e assentado sobre uma jumenta, e sobre um jumentinho, filho de animal de carga". Anuncia o profeta que não seria tirânico o reinado do Messias. Ele é "humilde", ou seja, livre da arrogância dos tiranos terrestres. O profeta parece dizer: "Aceitem-no. Um rei que entra na cidade dessa maneira jamais será um opressor".

2. O cumprimento. Cristo não entrou em Jerusalém montado num cavalo (símbolo de um reino guerreiro), mas num jumento (símbolo de um reinado

pacífico), proceder que harmonizava com seu caráter humilde e abnegado. Contrastava às entradas triunfantes dos generais romanos, que deixavam atrás de si um caminho de sangue, terras assoladas e lares destruídos. No triunfo de Cristo, porém, havia corações consertados, almas restauradas e enfermos curados.

IV - A Resposta à Proclamação (Mt 21.8-11)

1. A ação. "E muitíssima gente estendia os seus vestidos pelo caminho, e outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam pelo caminho". A reação do povo expressa o entusiasmo pelo triunfo de um rei poderoso. O Bispo Heber assim descreve a sua Marcha para Colombo: "Toda a estrada foi enfeitada, em todo o seu comprimento, como para uma festa; compridas folhas de palmeiras haviam sido penduradas, de cada lado, e, cada vez que parávamos, víamos a terra coberta com panos brancos, e os pálios erigidos, lindamente enfeitados com flores e frutas". Os remanescentes do antigo costume mencionado na Bíblia de espalhar palmas e vestes pelo caminho, são curiosos e interessantes.

2. As palavras. "Hosana ao Filho de Davi; bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nas alturas". Em linguagem moderna, teríamos: "Deus salve o Rei! Viva o Messias, enviado por Deus para estabelecer o reino e trono de Davi! Deus nas alturas o confirma e apoia, a fim de cumprir-se na terra a vontade do Céu".

3. A impressão. "Toda a cidade se alvoroçou, dizendo: Quem é este? E a multidão dizia: Este é Jesus, o Profeta de Nazaré da Galiléia". Os cidadãos interrompiam as suas ocupações e prestavam atenção aos gritos e vivas. Aprendemos, assim, que é possível pregar o Evangelho e exaltar a Cristo por meio de louvores. Um entusiasmo destemido por Cristo pode acordar o mundo adormecido. Muitas vezes há indiferença por ser a igreja indiferente.

4. As emoções do Rei. Cristo não impedia ao povo de manifestar seu entusiasmo, porque Ele era verdadeiramente o Rei. Sabia, no entanto, não poder confiar em manifestações populares, que sempre correm a extremos. As pessoas muitas vezes, gritam e dão vivas sem saberem o que estão fazendo ou dizendo. Sabia também que alguns entre aquela multidão, mais tarde, enfurecidos por imaginarem ter sido enganados, clamariam: "Crucifica-o!" Confira Atos 14.11-13,19,20. Por isto chorara pela cidade: ela estava para sofrer o castigo divino, por rejeitar suas reivindicações (Lc 19.41-44).

V - Ensinamentos práticos

"O Senhor os há de mister". Precisaria o Senhor da glória de alguma coisa da parte dos homens? Ver Salmos 24.1; 50.10,11. Nós, sem dúvida, precisamos dEle; mas em que lhe seríamos úteis? Em nada, certamente. Mas interessa-lhe trabalhar por meio das suas criaturas, em cooperação. Neste sentido, o Senhor "precisa deles".

Uma senhora voltava de um culto de Santa Ceia e, a certa altura, exclamou: "Por que foi assim? Gostaria que alguém me contasse". "Contasse o quê?" disse uma voz atrás dela. Olhou para trás, e viu o pastor. "Por que o Salvador morreu por nós? Nunca ouvi uma resposta satisfatória. Certamente ele não precisava de nós, e, em nosso estado pecaminoso, nada havia que atraísse o seu amor". "Posso muito bem supor" - respondeu o pastor - "que a perda do seu nenê deformado não lhe seria problema. A senhora tem um grande círculo de amigos, outros filhos, e um marido bondoso. Não precisa da criança deformada; qual é a utilidade dela?" A mulher respondeu: "Não poderia passar sem minha pobre criança. Preciso dela, do seu amor. Preferiria morrer a deixar de recebê-lo". "Está bem", disse o pastor. "E amaria Deus a seus filhos menos que os pais humanos?"

1. Uma ordem real exige obediência instantânea. O Mestre, ao mandar buscar a

jumenta, dá-nos um exemplo de:

• Autoridade. “O Senhor os há de mister”. Nenhuma explicação ou motivo. Assim fala um rei. E assim fala Jesus. Sendo nosso Salvador, precisa também ser nosso Senhor. AquEle que nos comprou tem o direito de dar ordens. Não pertencemos a nós mesmos, fomos comprados por um preço. Segui-lo pode exigir de nós atos de abnegação e abandono de conveniências. Afinal de contas, qual o valor de uma religião que nada tem a nos pedir?

• Uma entrega alegre. O jumentinho foi livremente entregue ao Rei. O dono poderia desculpar-se: “Preciso dele no momento. Mandá-lo-ei daqui a duas horas”. Ou: “Por que Ele não pega o jumentinho de outro?” Tivesse questionado, e perderia grande honra. Atendamos sem demora aos pedidos do Mestre, antes que acabemos por recusá-los.

• Uma recompensa que valia a pena. Devolvido o jumentinho, tornou-se para o seu dono mais precioso do que antes. Nos dias futuros, cada vez que olhasse para o animal, lembraria da honra que lhe foi conferida. O que emprestarmos ao Senhor voltará a nós, acompanhado de ricas bênçãos. Valorizamo-nos mais quando nos damos a Ele. Aos pés do Mestre, nossos bens são mais verdadeiramente nossos; amores e alegrias tornam-se mais doces.

2. O Senhor aprecia adoração entusiástica. Uma das acusações levantadas contra Wesley pelos clérigos dos seus dias foi a de “entusiasmo” - para eles, fanatismo. Wesley, com sua pregação fervorosa, agia no espírito dos discípulos que louvavam a Cristo, enquanto os clérigos eram impelidos pelo espírito dos líderes queixosos (Mt 21.15). Talvez os gritos de seguidores não fossem harmoniosos nem suas ações as mais elegantes, mas Jesus não os repreendia. Não impediria Ele o transbordar de corações alegres.

Reconhecemos a possibilidade de fanatismo, dos excessos praticados na emoção. Mas o perigo usualmente jaz na direção oposta. E se tivéssemos de escolher entre o fogo-fátuo do zelo, e a ausência total de fogo, preferiríamos aquele. Spurgeon afirmou: “A presença do Senhor, como o sol no seu levantar, espalha calor e luz em todas as direções. Que bênção, ser queimado por este sol, e aquecido com seu calor! Benditos aqueles acusados de ter de amor excessivo por Ele, ou zelo por demais consumidor pela sua glória. Bem gostaria eu de morrer dessa enfermidade celestial”.

3. Louvando ao Senhor de modo inteligente. O povo de Jerusalém, observando a manifestação, perguntava: “Quem é este?” e a multidão respondia: “Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia”. Evidentemente, a multidão sabia por que estava gritando. Contrastar à multidão em Éfeso, que passou duas horas gritando sem saber de que se tratava (At 19.32,34).

Quando nos entusiasmamos com respeito ao Senhor e à salvação, não temos dificuldades em oferecer uma resposta. Podemos explicar com clareza que a causa do nosso entusiasmo é Cristo, o Filho de Deus, Mediador entre Deus e o homem, o Cabeça da Igreja, aquEle que cura e batiza, o Rei vindouro. Quando operam os dons espirituais, as pessoas perguntam: “O que significa isto?” Nossa resposta deve ser como a de Pedro, clara e bíblica (At 2).

O culto inteligente honra a Deus e edifica as pessoas. Quando gritamos, é bom saber por que o fazemos.

4. A que classe pertencemos nós? Enquanto avançava para Jerusalém, passou Jesus por várias classes de pessoas, representando grupos que ainda hoje encontramos. Discípulos fiéis, que, depois de lhe dar vivas, seguiram-no até ao Calvário (Mt 27.55); discípulos que o louvavam, mas fugiram quando Ele foi preso; a multidão que gritava: “Hosana!” e depois exigia: “Crucifica-o!”; pessoas volúveis, facilmente influenciadas por qualquer propaganda - ouvem a Palavra com alegria, mas tropeçam à primeira perseguição (Mt 13.20,21). E, ao

entrar no Templo, encontrou um grupo de pessoas dedicadas a atividades que Ele jamais poderia aprovar (Mt 21.12). Depois de limpar o Templo, enfrentaram-no oponentes em busca de controvérsia.

Estas são as classes de pessoas que o Senhor encontra em sua viagem espiritual. A qual delas pertencemos nós?

O Caráter Julgado pelos Atos

Texto: Mateus 21.28-46

Introdução

Leia Mateus 21.23-27. A entrada triunfal de Cristo em Jerusalém foi o ponto culminante no conflito entre o Mestre e os líderes judeus. O ato de limpar o Templo foi um golpe forte contra a autoridade daqueles religiosos. Exigiam de Jesus provas da autoridade com que purificara o Templo dos que faziam dele fonte de lucro. Perguntou-lhes então Jesus se consideravam João Batista um homem enviado por Deus. Testava-lhe o Mestre a sinceridade. João vivera inteiramente segundo a Lei e fora universalmente considerado profeta. Mas se os líderes judaicos reconhecessem a missão divina de João seriam compelidos a aceitar a autoridade de Jesus, a quem João apontara como Messias. Recusando-se a enfrentar os fatos, responderam: “Não sabemos”.

Estavam longe de Deus. Com duas parábolas, expôs Jesus a verdadeira condição de seus corações. A parábola dos dois filhos advertia-os que, apesar da sua religiosidade, faltava-lhes sincero propósito de fazer a vontade de Deus; a parábola dos lavradores maus desmascarava-lhes a secreta intenção de matá-lo, como forma de remover o que consideravam séria ameaça à sua autoridade.

I - A Profissão e a Prática (Mt 21.28-32)

1. Declarada a parábola. "Um homem tinha dois filhos". Como em Lucas 15.11, os dois filhos representavam duas classes: os membros da igreja e os pecadores conhecidos. "Dirigindo-se ao primeiro, disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha". Esta chamada representa a exigência de Deus à prática da retidão, conforme a lei e a consciência. A resposta foi breve e insolente: "Não quero". Representa a atitude dos que abertamente desafiam ou negligenciam as leis de Deus. A única coisa recomendável aqui é a ausência de hipocrisia na recusa. Pecadores, hoje, repetem: "Não quero ser religioso".

"Depois, arrependido, foi". Palavras que descrevem o arrependimento dos publicanos e pecadores, sob a pregação de João Batista e Jesus. Disse o mesmo o pai ao outro filho, e este, muito cortês, respondeu: "Sim, senhor", porém não foi. Desobedeceu. Representa o homem que professa grandes coisas, mas que, na prática, resiste ao Espírito de Deus. Ver Isaías 29.13; Mateus 15.8; 23.23.

A razão de terem os líderes judaicos rejeitado Jesus foi não sentirem a necessidade do arrependimento e, conseqüentemente, a de um Salvador. Estavam satisfeitos consigo mesmos. Não esperavam que os salvasse o Messias, mas que os recompensasse pela sua bondade. Os fariseu eram culpados da maior das faltas: a de alegar não ter falta alguma.

2. A parábola aplicada. Jesus obrigou os fariseus a responderem qual dos filhos havia feito a vontade do pai. Tiveram de reconhecer que era o primeiro. Poderia este ter feito melhor, concordando logo de início. Mas, pelo menos, foi. "Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no reino de Deus". Às vezes, é mais fácil persuadir o pecador declarado a aceitar a salvação em Jesus Cristo do que o membro da igreja, não transformado, que confia na própria justiça.

As palavras “entram adiante”, deixam a porta de arrependimento aberta para os fariseus. Não estavam irrevogavelmente excluídos do Reino; haveria esperança para eles desde que se arrependessem.

“Porque João veio a vós no caminho de justiça, e não o crestes”. Queixavam-se os fariseus do método e mensagem novos de Jesus, mas João era tipicamente um profeta do Antigo Testamento. Vivia a retidão que os fariseus alegavam possuir, mas foi por eles rejeitado. De fato, acharam-no severo demais. Confira Mateus 11.16,19, onde também criticavam Jesus por conviver com os pecadores. Pelas suas atitudes, os fariseus pareciam dizer a Deus: “Eu vou”, mas, pelo modo como rejeitaram João Batista, mostravam não querer o caminho do arrependimento.

“Mas os publicanos e as meretrizes o creram; vós, porém, vendo isto, nem depois vos arrependestes para o crer”. Vendo pecadores voltarem-se para Deus, estavam por demais cegos ou teimosos para reconhecer a operação de Deus no ministério de João Batista. Cobriam-se com o manto da justiça própria e diziam entre si: “Cai bem o arrependimento ao poviléu, não a nós”.

Lembremo-nos que a sinceridade é julgada pelos atos. É possível que, com a nossa razão, digamos: “Eu vou”. Ou seja, podemos raciocinar com lógica acerca das doutrinas fundamentais, e, mesmo assim, deixar de fazer a vontade de Deus. Certo teólogo testificou quão grande bênção recebeu quando, por certo período, estudou a Palavra de Deus, não meramente para ensiná-la, mas para vivê-la. Melhor é praticar o arrependimento do que entendê-lo; e melhor exercer a fé do que saber analisá-la. Mais fácil é viver de modo a conseguir pensar da maneira certa, do que pensar até chegar à maneira correta de viver.

É possível que, no calor da emoção, digamos: “Eu vou”. Um sermão inspirador pode comover-nos até às lágrimas. E, se não agimos à altura das emoções, elas esfriarão, deixando-nos indiferentes. Sentir-se bem na religião sem vivê-la é mero sentimentalismo. Quando uma senhora, entusiasmada, felicitou Jesus

efusivamente, foi por Ele trazida à realidade: “Antes bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam” (Lc 11.27,28).

Como parte do cerimonial, podemos dizer: “Eu vou”. Podemos cantar hinos e, terminado o culto, contradizer, na prática, aquilo que cantamos; ou tomar a Santa Ceia e não mostrar a lealdade a Cristo nela simbolizada.

Leia Miquéias 6.6-8. “Com que me apresentarei ao Senhor, e me inclinarei ante o Deus altíssimo?” era a pergunta dos israelitas ao profeta. Com holocaustos? Não, o caminho para Deus não é o da cerimônia. Com milhares de carneiros? Não, o Senhor não pode ser subornado. Com rios de azeite? Não, o caminho não pode ser assim facilitado. Com o sacrifício do primogênito? Não, os sentimentos do Senhor não podem ser manipulados. Então, segue-se a declaração simples: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?”

Testa-se a filiação pelos atos: “Porque esta é a caridade de Deus: que guardemos os seus mandamentos” (1 Jo 5.3).

II - Privilégio e Responsabilidade (Mt 21.33-44)

Esta parábola fala de agricultores maus, que não somente se recusaram a pagar o aluguel como também mataram os cobradores e, finalmente, o próprio filho do dono. Foram expulsos, e a vinha, arrendada a outros. A parábola mostra o castigo da nação judaica pela rejeição a Jesus. Note-se a conexão com a parábola anterior. A falsa profissão da religião tornar-se-á em ódio contra aqueles que exigem a demonstração da realidade.

1. A vocação de Israel. “Houve um homem, pai de família, que plantou uma vinha, e circundou-a de um valado [para sua proteção]... e edificou uma torre [para os vigias], e arrendou-a a uns lavradores”. Israel é freqüentemente comparado a uma vinha, no Antigo Testamento. Ver Deuteronômio 32.32; Salmos 80.8-16; Isaías 5.1-7; 27.1-7; Jeremias 2.21; Ezequiel 15.1-6; 19.10; Oséias 10.1. A comparação é apropriada. A videira é planta baixa, porém nobre; espalha suas gavinhas e galhos em cada lado; com trabalho paciente, chega-se a grandes resultados. O homem que planta a vinha simboliza Moisés, seguido por Josué; ambos plantaram Israel como nação (Êx 15.17; Dt 32.12-14; Ne 9.23-25; Sl 44.4; Ez 16.9-14). Plantado Israel, aprendeu a adorar ao Deus único, enquanto as demais nações estavam imersas na idolatria; recebeu a bênção de cantores cujos Salmos são hinário e manual de culto por todo o mundo; cercado foi de avisos proféticos, e arado pelas perseguições, e fertilizado por incontáveis misericórdias.

Depois de plantar a vinha, o dono arrendou-a e ausentou-se do país. Os servos de Deus, que o representavam, tinham de guiar o povo de modo que produzissem os frutos da retidão. O arrendamento representa a aliança entre Deus e o seu povo, onde se estabelecem as condições para a prosperidade nacional.

Arrendada a vinha, viaja o dono para outro país. Deus, após livrar Israel e estabelecê-lo no novo território, deu aos líderes oportunidade para demonstrarem sua lealdade a Ele.

2. O ministério dos profetas. “E, chegando o tempo dos frutos, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os seus frutos”. A Lei não tinha poder justificador, apenas convencia de pecado. Todavia esperava o Senhor aspirações espirituais da parte daquele povo tão favorecido, e enviou profetas a chamar a nação ao arrependimento e fé.

Considere a conexão entre obrigação e privilégio. No monte Sinai, Israel iniciou um relacionamento com Deus, através da Aliança. Ficou sendo a Noiva do

Senhor; seus ornamentos nupciais são descritos em Romanos 9.4,5: “A adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os pais, e dos quais é Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente”.

Israel era de fato nação escolhida e povo privilegiado. Não eram com isso favoritos mimados, a espraiar-se sob os favores de um déspota caprichoso. Foram escolhidos para cumprir uma missão às nações - plantados de modo a produzirem frutos de justiça. Israel era o mais favorecido entre as nações, e dele Deus mais exigia. Tempos houve em que imaginavam os judeus que o seu relacionamento com Deus os preservaria do castigo, mas as palavras proféticas dissipavam esta falsa esperança. “De todas as famílias da terra somente a vós somente conheci, portanto, todas as vossas injustiças visitarei sobre vós” (Am 3.2). As tribulações passadas pelos judeus confirmam esta palavra.

A lição é válida para os crentes. Como cristãos, fomos salvos do pecado e enxertados em Cristo, mas tem a salvação os seus deveres. Somos “a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido”. Por quê? Pedro continua: “Para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”. Somos... para...! O privilégio inclui a responsabilidade: “Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos” (Jo 15.8). Quais frutos está Deus recebendo, depois de tanto investir em nossas vidas?

3. A rejeição dos profetas. “E os lavradores, apoderando-se dos servos, feriram um, mataram outro, e apedrejaram outro. Depois enviou outros servos, em maior número do que os primeiros; e eles fizeram-lhes o mesmo”. Estas palavras resumem o tratamento que os judeus dispensavam aos profetas. Ver 1 Reis 18.13; 19.14; 2 Crônicas 24.19-22; João 20.1,2; 37.15; Atos 7.52; 1 Tessalonicenses 2.15. A paciência deste dono da vinha é inigualável. Qualquer outro teria entregue o caso às autoridades. É intenção da parábola, no entanto, ilustrar a longanimidade de Deus. Cada golpe contra um profeta atingia também a Deus, mas Ele pacientemente tolerou esses homens maus.

4. A rejeição ao Filho. “E por último enviou-lhes seu filho, dizendo: Terão respeito a meu filho”. No evangelho de Marcos lemos: “Tendo ele pois ainda um, seu filho amado...” (Mc 12.6; Jo 3.16). Deus falara através dos profetas, mas as suas mensagens não foram obedecidas. Na primeira manhã de Natal, colocou-se Ele à porta do mundo, na forma do Menino de Belém. O envio de Jesus foi ato coroador de revelação e misericórdia divinas, o Verbo de João 1.1-3.

Os lavradores disseram entre si: “Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança”. Mataram-no e o lançaram fora da vinha. Confira Gênesis 37.19,20; João 11.47-53; Atos 3.18; 4.27,28; Hebreus 13.12,13. Queriam os líderes segurar sua posição sem prestar obediência. Odiavam a Jesus por exigir-lhes os frutos da retidão. Livrando-se dEle, poderiam desfrutar dos seus privilégios em paz. Além disso, temiam que a popularidade de Jesus entre o povo lhes ameaçasse a posição. Ver Mateus 27.18; João 11.47-53. Logo, não se sentiriam seguros, até destruírem àquEle que se proclamava “herdeiro do Reino de Deus”. E até hoje pessoas rejeitam a Cristo para seguir seus próprios interesses.

Assim, descreveu Jesus em parábolas a maligna intenção dos líderes: assassiná-lo. Pretendia dar-lhes uma oportunidade de arrependimento. Deixava-os perceber que, por mais religiosos que fingissem ser, eram possuídos pelo mesmo espírito perseguidor de seus antepassados.

5. Os que agradam a si mesmos, rejeitam a Cristo. Muitos, secretamente, crêem ser Jesus o Herdeiro, que lhe deve o homem a mais alta lealdade, e que seus ensinos representam a maneira certa de viver. Reconhecê-lo como tal, porém, significaria abandonar interesses e ambições egoístas; razão por que procuram ver-se livres dEle. Gostariam de possuir a vida, com a sua bênção, sem ter de retribuir o amor e obediência devidos. Reconhecem o direito de Jesus em pedir-lhes o coração; mas o rejeitam, chegando a odiá-lo.

Mais cedo ou mais tarde nações e indivíduos que rejeitaram ao Senhor para seguir as próprias ambições, sofrerão amargas conseqüências.

6. A rejeição de Israel. Os líderes judaicos ainda não tinham percebido que a parábola era a eles dirigida - cegara-os a justiça própria que julgavam possuir. Pergunta-lhes Jesus: "Quando pois vier o Senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?" Eram eles também donos de terras, e sabiam exatamente o que fariam em tais circunstâncias: "Dará afrontosa morte a esses maus, e arrendará a vinha a outros lavradores, que a seu tempo lhe dêem os frutos. Como Davi (2 Sm 12.1-7), haviam, sem querer, pronunciado sua própria sentença. Aplica-se aqui o verso 43. O soberano pronuncia a condenação em palavras proféticas. A rejeição ao Messias faria de Israel uma nação rejeitada. Seu lugar seria tomado por uma congregação de pessoas escolhidas entre todas as raças, línguas e nações (Rm 11.1-25).

"Nunca lestes nas Escrituras: A pedra, que os edificadores rejeitaram, esta foi posta por cabeça do ângulo; pelo Senhor foi feito isto, e é maravilhoso aos nossos olhos?" Ver Salmos 118.22,23; Atos 4.11; Efésios 2.20; 1 Pedro 2.7. Crê-se que estas palavras se fundamentam numa antiga tradição judaica, de que os construtores do Templo de Salomão, no começo, não reconheceram a pedra de esquina; rejeitaram-na, para só mais tarde descobrirem o seu erro.

Tornando-se pedra principal a que fora rejeitada, converter-se-á em instrumento de castigo: "Quem cair sobre esta pedra despedaçar-se-á"; ou seja, os que rejeitam a Cristo sofrerão a perda de bênçãos espirituais. Confira Isaías 8.14; Lucas 2.34. "E aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó". Este é um ato de julgamento. Confira Daniel 2.35. Cristo, na sua humilhação, é a pedra contra a qual os homens cairão; e, na sua glória e exaltação, a que cai sobre eles. Melhor seria aceitar a pedra e edificar sobre ela!

A Tragédia de Desprezar a Graça

Texto: Mateus 22.1-14

Introdução

A parábola das bodas (ou da veste nupcial) é uma entre a série de parábolas que mostram a insinceridade dos fariseus. A parábola dos lavradores maus e a dos dois filhos, no capítulo anterior, revelaram não haverem eles cumprido com suas obrigações, responsáveis que eram pelo povo da Aliança. Agora, revela-se sua culpa em desprezar a graça de Deus.

Na parábola dos lavradores maus, Deus exige algo da humanidade; na parábola das bodas, oferece-lhe algo. Na primeira, está zangado por não serem cumpridas as suas exigências; na segunda, por não lhe aceitarem a bondade.

I - Um Convite Real (Mt 22.1-3)

“O reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho”. As duas ilustrações mais familiares do Antigo Testamento, para descrever

as bênçãos do Reino de Deus, são a festa e as bodas. Confira Isaías 35.6; 61.10; 62.10; 65.13; Oséias 2.19; Mateus 9.15; João 3.29; Efésios 5.32. A festa era uma das ilustrações preferidas de Jesus. E, sendo a festa de casamento o ponto alto da alegria para os orientais, testemunha-se aqui a natureza alegre de Jesus. Ele amava estar com as pessoas, compartilhando com elas sua alegria em Deus. Certamente, a mensagem de Jesus começa trazendo convicção do pecado, mas segue-se a esta parte o gozo profundo do perdão e da comunhão com Deus.

“E enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas”. A parábola subentende o costume oriental de enviar dois convites; o primeiro, de sentido geral; e o segundo, declarando que a festa combinada já estava pronta. Considerava-se ofensa mortal recusar o segundo convite depois de aceito o primeiro. Entre os árabes, significava uma declaração de guerra. Entre os maometanos, quebra da lei de Deus.

Durante muitos séculos, os profetas haviam anunciado a vinda do Reino de Deus. João Batista e Jesus declararam abertas as suas portas. A mensagem do Evangelho era o segundo convite; o primeiro, fizeram-no os profetas.

Consideremos o duplo aspecto da vida cristã - o trabalhar e o festejar. Tão rico e variado é o Reino de Deus nas suas manifestações que Jesus emprega várias parábolas para descrevê-lo. O Reino assemelha-se a uma vinha porque conclama a humanidade a trabalhar para o Senhor. Ao mesmo tempo, é como uma festa de casamento porque oferece aos homens o gozo da comunhão com Deus.

Precisamos conservar o equilíbrio. Para algumas pessoas, o Cristianismo é só trabalho. Alguns cristãos parecem-se com Marta, tão ocupados em fazer o trabalho do Senhor, que freqüentemente dEle se esquecem. São os santos tipo “vinha”. Para outros, representa o Cristianismo um contínuo festejar. Mas crentes há que demonstram egoísmo no regozijar-se, não repartindo com outros suas bênçãos. São os santos “das bodas”. Lembremo-nos de que somos, ao mesmo tempo, trabalhadores na vinha de Deus e convidados à sua mesa.

II - Uma Rejeição Indesculpável (Mt 22.3-7)

1. Deus é longânimo. "E estes não quiseram vir". Estranha maneira de se tratar um convite real! O rei, no entanto, generosamente supunha ter havido algum mal-entendido. "Depois enviou outros servos, dizendo: Dizei aos convidados: Eis que tenho o meu jantar preparado, os meus bois e cevados já mortos, e tudo já pronto; vinde às bodas". Este segundo convite representa a paciência de Deus com a nação obstinada de Israel.

Já fora o Reino anunciado pelos profetas, e abertas as suas portas por João Batista e Jesus. E, mesmo no dia de Pentecoste, recebeu a nação outra oportunidade para voltar-se a Deus (At 33.17).

As mensagem de julgamento assustam certas pessoas; acham que elas retratam um Deus ansioso por castigar, cujos raios de ira estão sempre apontados para a cabeça do pecador. O texto da parábola, porém, sugere um Deus por vezes forçado a julgar. É a sua "obra estranha" (Is 28.21). É atitude normal de Deus ansiar pela salvação do homem: "[O Senhor] é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se" (2 Pe 3.9).

2. A fatal frivolidade. Descobriu-se, na primeira ocasião, falta de vontade em aceitar o convite; na segunda, uma atitude bem mais dura: "Porém eles, não fazendo caso, foram, um para o seu campo, outro para o seu tráfico". Um foi desfrutar dos seus bens; outro, procurar riquezas. Há dois obstáculos comuns ao progresso espiritual: a posse de riquezas e o desejo de possuí-las.

"Não fazendo caso". É coisa séria o desprezo às oportunidades; tal leviandade

pode arruinar-nos o caráter. Desafiar a bondade e o convite do Rei é despojar o caráter de tudo quanto poderia ser enobrecido - a pessoa logo se afundará em baixeza e vício.

3. Ocupado demais! Alguns recusaram o convite por serem ocupados demais: um tinha de zelar pelos seus terrenos; o outro, pelos seus negócios. Se o perigo de estar ocupado existia na antiga e tranqüila vida oriental, quanto mais hoje, a comparar-se o ritmo alucinante das grandes cidades. Tanto se faz necessário correr pela vida, que as pessoas não têm tempo de apreciá-la. Acidentes de carro acontecem por querer o motorista poupar uns poucos segundos. Não é sem motivo que aumentam as enfermidades nervosas.

Há perigo de o cristão envolver-se nessa corrida, vendo-se ocupado demais para nutrir a alma. É importante separar parte do dia, ainda que breve período, para estar diante de Deus e descansar espiritualmente. Santidade exige tempo; não há método rápido e fácil para obtê-la.

Às vezes esperamos ficar espiritualmente esgotados antes de tomar medidas de recuperação. Faria-nos bem o conselho de certo sitiante que afirmou ser seu costume alimentar a terra antes dela ficar com fome, dar-lhe descanso antes que ela se canse e tirar as ervas daninhas antes que estas a tornem imprestável.

4. A atitude do homem determina a de Deus. Estava para haver coisa pior: "E os outros, apoderando-se dos servos, os ultrajaram e mataram". Ver Atos 7.59; 8.1-3; 12.1-3 etc. Há dois tipos de opositores do Evangelho: os que não se importam com o convite, representando a classe daqueles que, não odiando abertamente o Evangelho, amam ao mundo mais do que a ele; e os que maltratam os servos, simbolizando aqueles cujo orgulho e justiça própria os levam a odiar mensagem e mensageiros.

“E o rei, tendo notícia disto, encolerizou-se e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade”. Insultar o embaixador é insultar o soberano que representa, e muitas vezes isto significa guerra. Historicamente, as palavras no verso 7 cumpriram-se na destruição de Jerusalém em 70 d.C. Mas em que sentido os exércitos romanos são as tropas deste rei (ou seja, de Deus)? Assim também Nabucodonozor, cujos exércitos destruíram Jerusalém séculos antes, é chamado “meu servo” (Jr 25.9). Deus muitas vezes usa nações ímpias para castigar o seu povo. Confira Isaías 10.5. Para o cumprimento profético do verso 7, ver 2 Tessalonicenses 1.7-10.

Compara-se o Reino dos Céus a uma festa de casamento, com toda a sua alegria. Mas há o lado escuro da parábola: a destruição da cidade e dos que rejeitaram o convite, e a exclusão do hóspede não preparado. A atitude dos convidados determinou o procedimento do rei.

Há, portanto, sentido em afirmar-se que o proceder do homem determina a atitude de Deus. O Reino dos Céus reflete o comportamento da humanidade. Se alguém está arrependido e espiritualmente faminto, o Reino lhe será uma festa a satisfazê-lo; porém, àquele frívolo, auto-suficiente e hostil, o Reino ser-lhe-á escuro, com nuvens de juízo: “Com o benigno te mostrarás benigno, e com o homem sincero te mostrarás sincero. Com o puro te mostrarás puro, e com o perverso te mostrarás indomável” (Sl 18.25,26).

III - Graciosa Condescendência (Mt 22.8-10)

1. Sempre haverá um povo de Deus. “Então diz aos servos: As bodas, na verdade, estão preparadas, mas os convidados não eram dignos”. Indignos, não apenas por seus pecados, mas por sua atitude: desprezar a graça de Deus.

Naqueles dias, era grande humilhação para um homem preparar um banquete e

ter à mesa muitos lugares vagos de convidados que se recusaram a vir ou deixaram de comparecer. Em tais casos, mandaria os seus servos às ruas em busca de pessoas para preencher os lugares: “Ide pois às saídas dos caminhos, e convidai para as bodas a todos quantos encontrardes”.

Há dupla aplicação para as palavras do rei. Os judeus que se consideravam justos e não quiseram comparecer às bodas, seu lugar tomaram-no os judeus repudiados pela liderança, porém arrependidos. E quando os judeus, como nação, rejeitaram o Evangelho, fez Deus a oferta aos gentios. Confira Mateus 8.11,12; Atos 13.46.

“E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tantos maus como bons; e a festa nupcial foi cheia de convidados”. Evitou-se, assim, que o banquete se tornasse um fracasso.

Muitas vezes Deus tem sofrido, por causa da incapacidade de Israel em entender e fazer sua vontade, mas seus planos nunca foram frustrados. Ele sempre achou alguém para cumprir a sua vontade. A rejeição dos judeus parecia ter frustrado o plano divino; mas Deus logo encheu a sala de banquete com gentios!

Se desprezarmos as nossas oportunidades, ou recusarmos fazer a vontade de Deus, Ele achará outros, e a perda será nossa: “Guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa” (Ap 3.11).

2. O problema de freqüência na igreja. “Ide, pois, às saídas dos caminhos e convidai para as bodas a todos os que encontrardes”. Soam estas palavras como uma clarinada, convocando-nos à obra evangelística, quer na forma de reuniões quer através de convites individuais.

Narra-se que Maomé certa vez anunciou que faria uma montanha vir a ele. Quando a montanha não correspondeu ao convite, respondeu filosoficamente: “Se a montanha não quiser vir a Maomé, então Maomé irá à montanha”. Calcula-se que a freqüência nas igrejas atingiu o máximo (Europa e EUA) no ano 1887.

Muitos crentes zelosos perguntam: “Como persuadir as pessoas a virem à igreja?” A resposta é: “Se o povo não quiser ir à igreja, a igreja precisa ir ao povo”. Segundo as palavras de Jesus: “Força-os a entrar” (Lc 14.23), a situação atual pede o poder compulsivo de experiências espirituais, oração intercessória e convicções intensas.

IV - Uma Omissão Indesculpável (Mt 22.11-14)

“O rei, entrando, para ver os convidados”. Isto representa o escrutínio diário que Deus faz das vidas humanas e, especificamente, o exame no Dia do Juízo. “Viu ali um homem que não estava trajado com vestido de núpcias”. Entende-se que os reis orientais forneciam uma veste especial para tais ocasiões; deixar de usá-la era ofensa séria. Seja como for, o homem achava que suas roupas de rua eram suficientes. As primeiras palavras do rei foram bondosas, porque poderia haver algum mal-entendido: “Amigo, como entraste aqui, não tendo vestido nupcial? E ele emudeceu”. Não tinha desculpa, e seu silêncio o condenou. Este homem representa os religiosos judeus convictos da própria retidão. Queriam entrar no Reino dos Céus, mas não seguindo o caminho de João Batista ou Jesus. Consideravam-se suficientemente bons sem o arrependimento, sem a fé em Jesus como Messias. Haviam planejado seu próprio sistema de retidão e pensavam ser este suficiente para justificá-los. Acreditavam não precisar da justiça baseada na fé, oferecida pelo Salvador (Rm 10.3,4; 3.9-28).

Este homem representa também os que querem entrar no céu por seus próprios méritos. Inclua-se os membros da igreja que não passaram por mudança de

coração. Há duas maneiras de pecar contra o dom misericordioso de Deus: uma é recusá-lo; a outra, fingir aceitá-lo e continuar no pecado. A primeira foi o pecado dos judeus; a segunda é o pecado dos cristãos não convertidos. Ver Gálatas 3.27; Efésios 4.24; Colossenses 3.12-14.

“Disse então o rei aos servos: Amarrai-o de pés e mãos [o pecador fica incapacitado nas mãos de Deus], levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores [confira 2 Ts 1.9 - as ruas não iluminadas do antigo Oriente representam as misérias das almas perdidas]; ali haverá pranto e ranger de dentes [fúria e remorso sem solução]”. Estas palavras descrevem o destino do homem que não está pronto a entrar no Reino dos Céus - falta-lhe a fé viva, que aceita a justificação da parte de Deus.

“Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos”. Toda a nação de Israel foi chamada a ser nação de sacerdotes, porém muitos israelitas morreram no deserto (1 Co 10.1-10). Foi-lhes oferecido, a todos, o Evangelho, mas somente um remanescente aceitou (Rm 11.5). A muitos estende-se o convite, mas poucos aceitam a Deus; muitos têm o seu nome; no entanto, poucos são genuínos. Ver comentário da parábola dos trabalhadores.

Não há bodas sem veste nupcial. Os primeiros convidados menosprezaram o Reino dos Céus, e não compareceram. O homem sem a veste nupcial não levava a sério o Reino dos Céus, mas compareceu. Não tinha o mínimo respeito, apresentando-se com suas próprias roupas ao invés daquelas oferecidas pelo rei. Parecia ter aceitado o gracioso convite, mas seu espírito estava longe.

O hóspede não preparado representa o praticante externo da religião que, secretamente, serve ao mundo. A graça de Deus, porém, não se presta aos hipócritas. Deve-se lançar de lado a veste de justiça própria e da sabedoria mundana, para aceitar, em fé infantil, a roupagem que Cristo nos dá: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus” (Mt 18.3).

Jesus Denuncia a Hipocrisia

Texto: Mateus 23

Introdução

Cerca de trezentos anos antes do nascimento de Cristo, as conquistas de Alexandre Magno trouxeram a cultura grega à Palestina. No decorrer do tempo, escolas, teatros e ginásios gregos começaram a aparecer pelo país afora. Modos de vida gregos tornaram-se populares, especialmente entre as classes mais altas.

Ao mesmo tempo, o espírito grego, com seus padrões e pontos de vista mundanos, ameaçava sufocar a religião de Israel e obliterar as distinções entre judeus e pagãos. Para interromper esta maré de paganismo, grupos de pessoas reuniam-se para sustentar os padrões da lei de Moisés. Eram os chamados “hasidim”, ou “povo da santidade”. Mais tarde vieram a ser chamados “fariseus”, ou seja, “povo separado”. No tempo de Cristo, reuniam-se já em fraternidades com iniciações e graus. Cada cidade tinha sua fraternidade de fariseus.

No começo, inspiravam-se em puro zelo pela glória de Deus. Mas, como tantas organizações religiosas, foram finalmente se deteriorando até merecerem fortes

denúncias, estudadas neste capítulo.

Devemos mais acautelar-nos contra o espírito dos fariseus que estudarmos os seus pecados. Ver Lucas 18.9-16 e Gálatas 6.1. O partido dos fariseus não existe mais, porém o espírito do farisaísmo ainda anda solto. As inconsistências denunciadas nesta lição podem ser achadas em qualquer grupo que faça alta profissão de espiritualidade e santidade. A humildade deve levar cada um a perguntar-se: “Será que meu comportamento está à altura daquilo que professo?”

I - O Espírito dos Fariseus (Mt 23.1-12)

“Na cadeira de Moisés estão assentados os escribas e fariseus. Observai, pois, e praticai tudo o que vos disserem”. Os escribas eram os ensinadores oficiais da lei e, nesta situação, deviam ser obedecidos. Os discípulos de Cristo devem obedecer às autoridades. São elas por Deus instituídas. Se não podemos respeitar o homem, respeitemos seu cargo.

Jesus acrescenta uma palavra de cautela: “Mas não procedais em conformidade com as suas obras”. Eram inconsistentes, “porque dizem e não praticam”. Pregavam os severos requerimentos da lei e sequer davam exemplo de ajudar os outros a carregar o fardo. A melhor pregação é uma vida abnegada.

Amavam as aparências. Praticavam boas obras para “serem vistos pelos homens”, não por amor a Deus. Confira Mateus 6.1-18. Amavam a posição e o louvor (v. 6). O honroso título, Rabi, soava-lhes como música.

Os versos 8-11 devem ser entendidos à luz do verso 12. Jesus não proíbe o devido respeito a líderes e ensinadores; “rabi”, “mestre” e “pai” eram formas

antigas e comuns de tratamento a certos líderes (2 Rs 2.12; At 22.1). Jesus critica o amor à eminência, a paixão por tais títulos. Ver 1 Pedro 5.3.

Ensina-nos Jesus que o autêntico serviço é a verdadeira dignidade. Um antigo soberano, no seu leito de morte, disse a seu filho: “Tome este cetro. Lembre-se de que você é pai do seu povo e deve tratar os súditos como a filhos; as pessoas não nasceram para servir você, mas a você foi destinado servi-las; o rei fica só, destacado aos demais, a fim de que possa servir a todos”. Ler Lucas 22.22-27; João 13.1-13; Filipenses 2.5-11.

II - O Ensino dos Fariseus (Mt 23.13-22)

Jesus lança oito “ais”, como relâmpagos, contra aqueles líderes religiosos. São pronunciados não com amargura, mas com tristeza. Lastima o Senhor a sorte dos pecadores, mesmo quando forçado a condená-los. Ver verso 37. Além disso, são os “ais” advertências proféticas, claros avisos das conseqüências dos seus atos e caráter.

1. Um impecilho à verdade (v. 13). Os fariseus adotaram a atitude do cachorro na manjedoura. Não somente se recusaram atender o convite do Evangelho, como procuravam impedir a outros. Qual o pior pecado dos judeus? Ver 1 Tessalonicenses 2.16; confira Atos 13.44,45.

2. Motivos mercenários (v. 14). Alguns dos escribas eram como os ensinadores descritos em 2 Timóteo 3.6. Tiravam vantagens da sua reputação de santidade para extorquir dinheiro de mulheres ingênuas, referência provável aos subterfúgios usados para obter heranças de ricas viúvas. Este mau costume infiltrou-se até na Igreja, no século quinto, de tal modo que o imperador romano Justiniano viu-se obrigado a decretar leis proibindo aos clérigos de terem posses.

3. Zelo fanático (v. 15). Os fariseus eram proselitistas fanáticos. Mas nenhum rio surge mais alto que sua fonte. Os convertidos tornaram-se iguais àqueles que os chamaram à conversão: estreitos, superficiais, hipócritas. Ou piores. Porque novos convertidos muitas vezes mostram-se mais extremados que os seus ensinadores. Certo comentarista estabeleceu diferença entre "prosélito" e "convertido". O primeiro termo sugere associação externa com algum grupo; o segundo indica renovação interior.

4. A perversão da lei (vv. 16-22). Ao aplicarem a lei aos problemas humanos, os fariseus eram culpados de evasivas e falsas distinções; podem ser comparados com habilidosos advogados que procuram evitar a força da lei claramente entendida através de artifícios técnicos e lacunas. Esta maneira de enfrentar as leis de Deus é chamada "casuística".

Por exemplo, um israelita acusado de violar um juramento solene pode responder: "Você não se lembra que jurei pelo Templo? Segundo os nossos ensinadores, tal juramento não me obriga. Tivesse jurado pelo ouro do Templo, e a situação teria sido diferente". Ver Mateus 15.1-9.

"Há muitos hipócritas na igreja!" Quem não tem ouvido esta acusação de pessoas não-convertidas que recusam aceitar o Evangelho? A desculpa, no entanto, contém freqüentemente tanta insinceridade, que nos sentimos tentados a responder: "Não seja isso problema para você - sempre há lugar para mais um!" Afinal de contas, quem faz a objeção sabe que nenhuma organização é livre de membros indignos. A imperfeição da política não o impede de votar; a existência de "curandeiros" não o impede de procurar ajuda médica; os complôs de advogados desonestos não desencorajam a sua busca de conselho legal. E o fato de um dia alguém ter-lhe passado uma cédula falsa não diminuiu seu desejo pelo dinheiro!

A despeito de possuir membros indignos, a Igreja é instituição divina, e tem sido uma bênção para a raça humana. O fato de haver um Judas no grupo dos apóstolos não é argumento contra as reinvidicações de Cristo. Por outro lado, as vidas piedosas dos demais e sua fidelidade até à morte são um forte argumento em prol da realidade do Evangelho. E homens assim nunca têm faltado à Igreja. Os trens expressos melhor indicam a excelência dos serviços de um caminho de ferro do que o vagão descarrilado. As multidões de pessoas piedosas pertencentes à Igreja são a melhor evidência de sua natureza do que algum caso de colapso espiritual.

III - A prática dos Fariseus (Mt 23.23-36)

A prática dos fariseus caracterizava-se pelo formalismo. Um rei judeu do primeiro século a.C. descreveu-os como "homens pintados", ou seja, o que mostravam externamente não revelava a sua verdadeira natureza.

1. Quanto aos dízimos. A lei dos dízimos era aplicada somente aos produtos mencionados em Deuteronômio 14.23: azeite, trigo e vinho. Mas os fariseus, ávidos por mérito adicional, aplicavam Levítico 27.30 às menores ervas: hortelã, endro e cominho. Não eram, porém, tão escrupulosos quanto à observância de fundamentos tais como a justiça, a misericórdia e a fé. Note que Jesus não lhes condena o dizimar: "Deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas".

"Condutores cegos! que coais o mosquito e engolis um camelo [animal impuro, segundo a lei]". Para os fariseus, coar o vinho era um ato religioso; engolir um mosquitinho tornar-los-ia impuros. Daí, a expressão "coar um mosquito" veio a representar escrupulosidade cerimonial. O extremo zelo dos fariseus acerca de ninharias, entretanto, prestava-se muitas vezes a cobrir sua carnalidade. Na véspera da Páscoa, os sumos sacerdotes não queriam entrar no pretório de Pilatos porque já se tinham purificado cerimonialmente e receavam contaminar-

se (Jo 18.28). E intentavam praticar ali um assassinato, pelas mãos dos romanos!

“As coisas primeiras no primeiro lugar” é uma boa regra.“Coar o mosquito e engolir o camelo” caracteriza as pessoas muito preocupadas com detalhes e negligentes quanto às questões de importância. Na Índia, um provérbio fala de engolir um elefante e engasgar-se com uma pulga. Este mau hábito pode ser visto em muitas formas. Há os zelosos pela etiqueta social e relapsos à verdadeira bondade. Outros criticam o vestir e o lazer, mas vivem eles mesmos a engordar suas próprias vontades e a praticar a cobiça.

Nas igrejas, existem pessoas que minuciosamente observam o ritual, mas negligenciam o espírito da devoção; lutariam contra a mínima infração à ortodoxia, mas não têm fé viva. Tais pessoas, enquanto engolem camelos, cuidam de coar mosquitos nos copos dos outros.

Pessoas que falsamente professam religião são escrupulosas acerca das formas porque pensam obter assim reputação de santidade sem pagar o preço. Necessitam elas que se lhes revelem a hipocrisia. Precisam de uma visão maior da vida espiritual, que os engaje na luta contra os grandes pecados. Infrutíferas contendas acerca de ninharias dariam lugar a grandes vitórias.

Lembre-se que Jesus tomou o cuidado de acrescentar: “Não omitir aquelas”, para fechar o escape àqueles desejosos por ver-se livres de responsabilidades secundárias. Um aluno com nota baixíssima desculpou-se, dizendo que seus atrasos deviam-se às suas devoções particulares. O professor corrigiu-o: “É seu dever planejar as atividades de modo que uma não venha a interferir na outra. A freqüência ao culto não é justificativa para deixar de fazer os deveres escolares, nem estes desculpa para faltar ao culto”. Quem leciona a uma grande classe não está isento de instruir os filhos em casa. Uma vida cristã consistente vale mais que a freqüência nos cultos. Mas deve-se freqüentar a igreja. Os deveres religiosos, grandes e pequenos, devem ser combinados.

2. Quanto às cerimônias. “Limpais o exterior do copo e do prato, mas o interior está cheio de rapina e de iniqüidade” (v. 25). Não está Jesus a censurar a limpeza externa ou as lavagens cerimoniais exigidas pela lei de Moisés. Insiste Ele na verdadeira santidade, a limpeza do coração. A higiene, por mais excelente virtude que seja, não substitui a piedade.

Segundo o declarado no livro de Levítico, o contato com um cadáver causava impureza cerimonial. Nos dias de Cristo, os túmulos eram regularmente caiados, para serem evitados pelos piedosos (vv. 27,28).

Há forte ironia nas palavras do Senhor. Imaginavam os fariseus lhes desse sua escrupulosa observância cerimonial aparência de santidade. Jesus, todavia, mostra que o exagerar de atos piedosos externos era evidência de corrupção. O coração do homem é enganoso!

Na maioria dos casos, não eram os fariseus conscientemente hipócritas: enganavam-se a si mesmos. Daí a repreensão: “Fariseu cego!” Podem as igrejas de hoje abrigar pessoas assim. A longa familiaridade com coisas religiosas pode levá-las a considerar sua profissão externa real espiritualidade.

Conta-se que certo evangelista colocava sua Bíblia em cima das outras coisas, na mala de viagem, a fim de que o inspetor da alfândega visse que ele era um homem “religioso” e não procurasse os artigos não declarados embaixo, sobre os quais incidiriam multas. Sem dúvida, o evangelista continuava a pregar, mas não sabemos como podia fazê-lo em sinceridade. A hipocrisia mina o poder espiritual e introduz no testemunho da pessoa uma nota dissonante. A nossa espiritualidade está por fora ou por dentro?

3. A respeito de honrar os profetas (vv. 29-63). Os fariseus honravam os antigos profetas que morreram, enquanto sua atitude para com Jesus demonstrava estarem prontos a assassinar os profetas vivos.

Os fariseus enfeitavam os túmulos dos profetas e falavam com reverência acerca deles. Em tom piedoso, declaravam: “Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas”. Diante de Jesus, porém, demonstravam não serem melhores que seus pais.

Olhando o futuro, Jesus percebe a fúria perseguidora dos fariseus dirigida contra os discípulos, trazendo sobre o povo castigo divino. E tudo aconteceu conforme a profecia do Mestre. Certo estudioso judeu percebe em Jesus amargura e dureza na sua condenação aos fariseus: “Com entusiasmo predizia a sua chegada no inferno”. Mas esta idéia é contrária aos fatos! Os versos 37-39 comprovam virem as palavras de um coração partido.

A melhor maneira de honrar os profetas é obedecê-los. A julgar pelas atitudes do povo judeu nos dias de Jesus, é de se imaginar que julgavam profeta bom o profeta morto. Nos dias de Moisés, os heróis da fé eram Abraão, Isaque e Jacó; mas não Moisés, a quem o povo queria apedrejar. Perguntando-se ao povo, nos dias de Samuel, quais os verdadeiros servos do Senhor, responderiam: “Moisés e Josué”, mas não Samuel. Nos dias de Cristo, todos os profetas eram reverenciados, mas não o próprio Filho de Deus com os seus discípulos. Honramos hoje grandes pregadores do passado: Edwards, Finney, Moody, Spurgeon e outros. Mas, como tratamos os pregadores vivos, que nos repreendem pelos nossos pecados e exortam-nos a avançar a um nível mais alto de espiritualidade? Afinal, é mais fácil edificar túmulos do que seguir de coração os ensinamentos espirituais.

A Estultice de Não Estar Pronto

Texto: Mateus 25.1-13

Introdução

A parábola das dez virgens é geralmente considerada de difícil interpretação. Melhor nos seria lembrar o princípio citado em capítulo anterior: cada parábola tem um pensamento central e dominante, que é a chave da parábola. Muitas perplexidades, confusões e contendas têm surgido quando se procura um sentido especial em cada detalhe.

O pensamento central desta parábola é a exclusão de alto privilégio por falta de preparo. A lição principal: necessidade de preparação espiritual para quando Cristo vier. Quem é a figura central da parábola? Num casamento, dá-se destaque aos noivos, mas aqui as dez virgens, representando a Igreja professa em geral, ocupam o centro da narrativa. De tal maneira é a Igreja ilustrada que facilmente distinguimos duas classes de crentes: os que estão prontos, e os despreparados.

I - As Virgens que Esperavam (Mt 25.1-4)

1. O casamento. A parábola baseia-se no cortejo nupcial observado entre os judeus: “O noivo, acompanhado pelos amigos, ia até a casa da noiva e a trazia, com pompa e júbilo, ao seu próprio lar, ou a um lugar especialmente preparado para a ocasião. A noiva fazia-se acompanhar por suas jovens amigas e companheiras, enquanto outras tantas [as virgens desta parábola] ajuntavam-se ao grupo nalgum ponto estratégico, e entravam todos no salão da festa”. Na parábola, dez dessas damas de honra aguardavam o cortejo no local do encontro.

2. As lâmpadas e o azeite. O azeite deve ter aqui o mesmo significado que em outras partes das Escrituras: representa o Espírito de Deus que inspira fé, produz vida espiritual e conduta santa (Zc 4.2,6; At 10.38; 1 Jo 2.20,27). As lâmpadas representam a profissão do discipulado cristão; o azeite, a vida espiritual no íntimo; e a luz, a santidade de caráter produzida pelo Espírito invisível (Mt 5.14-16).

3. As virgens loucas. “As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo”. Havia azeite nas lâmpadas, mas não uma reserva em vasilhas. Por que são chamadas “loucas”? Para mostrar quão absurdo, além de pecaminoso, é não estar preparado para a vinda de Cristo. São chamadas loucas porque: 1) representam a classe negligente na oração e boas obras, e cuja vida religiosa é planejada para agradar aos homens, não a Deus, que tudo vê em segredo; têm experiência espiritual pouco profunda; 2) não providenciaram nada para os imprevistos: tinham azeite nas lâmpadas para uso imediato, mas não para o caso de o noivo tardar (as lâmpadas continuavam a queimar enquanto dormiam).

4. As virgens prudentes. “Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas”. As virgens prudentes representam aqueles crentes que, reconhecendo possível demora do Noivo, não somente o aguardam pacientemente, como conservam-se diligentemente num estado espiritual apropriado a qualquer chamada repentina. Estão cientes de que algumas

emoções não bastarão para levá-los ao triunfo, mas que precisam ser fortalecidos, reavivados e purificados pelo contato ininterrupto do Espírito de Deus. Por isso, zelam pela sua vida espiritual. Crentes "prudentes" têm previdência, sinceridade e profundidade na fé. Os "loucos" que professam a fé não têm consideração nem sinceridade e são superficiais.

A vida cristã consiste em contínua dependência de Deus. Necessárias são, no entanto, as reservas de forças espirituais. Não se pode discernir, mediante análise superficial, a diferença entre o crente que possui profunda experiência espiritual e aquele cuja profissão de fé não vai além da superfície. Um teste repentino, porém, mostrará a diferença: pegos de surpresa, não temos como preparar-nos. A súbita tentação, tristeza, decepção ou apelo inesperado revelam a profundidade do caráter e o alcance do preparo espiritual. A revelação da força ou fraqueza espiritual pode ser repentina, mas o processo que leva até esse ponto é paulatino.

Em outras palavras, as crises revelam a quantidade das nossas reservas espirituais. Aplica-se isto à vida diária e não somente à vinda de nosso Senhor. Durante a emergência, revela-se o líder, mas suas qualidades não foram adquiridas num repente; são resultado de longos anos de disciplina e oração. Enquanto outros descansavam ou dormiam, dedicava-se ele ao estudo e trabalho. A revelação da sua capacidade foi repentina; o preparo, demorado.

Preparemo-nos hoje para as exigências, possibilidades e oportunidades futuras. A reserva de poder é resultado de disciplina diária.

II - O Noivo se Demorou (Mt 25.5)

1. A espera. "E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram". Indica o Senhor com estas palavras que haverá, na sua volta, demora suficiente para ser um teste de fé. Ver a expressão: "O meu Senhor tarde virá" (Mt 24.48).

Ver também Lucas 18.7,8. Alguém disse que o último dia é desconhecido a fim de que cada dia seja considerado de máxima importância.

2. O sono. Enquanto esperavam o noivo, as dez virgens começaram a sentir cansaço, e adormeceram profundamente. O que representa este sono? Em primeiro lugar, não é condenável, porque tanto as prudentes como as loucas dormiram. Não era incompatível com a sabedoria das prudentes, e não interferiu em sua prontidão. O segredo estava aqui: as prudentes muito bem podiam dormir, porque tudo já estava pronto. As loucas, porém, deveriam ter-se ocupado em procurar azeite. Não tinham o direito de dormir naquela condição de despreparo. Em segundo lugar, o sono representa nossos deveres diários, aos quais não pede o Senhor que negligenciemos. Também não nos exige estado de tensão no aguardo de sua vinda. Deseja apenas estejamos preparados enquanto ocupados nos deveres seculares.

III - A Separação (Mt 25.6-11)

1. O grito à meia-noite. "Mas à meia-noite ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro". O grito teria partido ou dos empregados do noivo ou da multidão jubilosa. Por que à meia-noite? Porque era o horário do sono, quando menos se esperaria a passagem de um cortejo nupcial. Ilustra-se deste modo a segunda vinda de Cristo como evento repentino. Tudo acontece num momento, num piscar de olhos. A impressão é de rapidez que não permite preparativos tardios. O mesmo se conclui dos outros versículos alusivos à vinda de Cristo. Que insensatez, adiar os preparativos quando se sabe próximos o grito e a chegada! Entre o grito da meia-noite e a chegada do noivo não haverá tempo para demorados preparativos.

2. A descoberta desconcertante. "Então todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas". As palavras do verso 8 dão a entender que as lâmpadas queimavam enquanto as damas de honra dormiam. Ouvindo o grito,

levantaram-se as moças apressadamente para preparar os pavios das lâmpadas. As sábias colocaram mais azeite da sua reserva; as néscias descobriram que as suas lâmpadas estavam se apagando, e não tinham mais azeite para repor. Verificaram tarde demais as condições de suas lâmpadas. Quando Cristo vier, será impossível a qualquer pessoa ignorar seu estado espiritual. Serão reveladas todas as coisas escondidas, a verdadeira condição espiritual de cada um. Ninguém poderá mais enganar-se a si mesmo.

Até esse momento, não parecia haver diferença entre as moças. Eram todas virgens, damas de honra, indo para o mesmo lugar; todas esperavam o noivo e tinham as suas lâmpadas. Porém, ao grito repentino, manifestou-se a diferença. Mera profissão externa do Cristianismo não agüentará o teste da vinda de Cristo. O inesperado revela a profundidade e qualidade do nosso preparo.

As palavras deste verso sugerem uma atitude em todo tempo necessária ao crente que deseja aprimorar-se para servir a Deus. Preparar a lâmpada é remover o pavio queimado que impede à luz seu brilho maior. Espiritualmente, significa a remoção de coisas tais como indiferença, frieza, mundanismo, autoconfiança e tudo o que impede à pessoa desenvolver-se diante de Deus.

O passado, tudo quanto éramos e fazíamos para Deus, também é pavio morto, que precisa ser removido para brilhar com o azeite novo.

3. O pedido desesperado. "E as loucas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam. Mas as prudentes responderam, dizendo: Não seja caso que nos falte a nós e a vós". Não recusaram as prudentes emprestar azeite por egoísmo; era-lhes impossível atender àquele pedido. Não podemos dar a outra pessoa parte da nossa vida espiritual nem a graça que possuímos. Não podemos emprestar virtudes. Note as palavras: "Não seja caso que nos falte a nós e a vós". As prudentes não estão certas de terem mais que o suficiente, de modo a emprestar às outras; consideram-se afortunadas de possuírem o bastante para a sua necessidade pessoal. Confira 1

Pedro 4.18. Outra lição: ouvido o grito, será tarde para o despreparado pedir: "Por favor, ore por mim!" Deveria ter pedido azeite quando era possível preparar-se.

"Ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós". As circunstâncias não permitiam fosse o azeite emprestado; era preciso comprá-lo. Traduzindo: há coisas que podemos obter mediante a oração e os esforços dos companheiros cristãos; há, porém, bênçãos somente obtidas por sincera oração pessoal e esforço diligente. Se desejamos a vida sobrenatural, a graça preparadora para a vinda de Cristo, devemos buscá-la em Deus.

IV - A Entrada e a Exclusão (Mt 25.11-13)

1. A busca vã. "E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas". Quando os que professavam o Cristianismo, surpresos e sem preparo, procuravam orar até chegar a Cristo, confessar os seus pecados e endireitar o passado, veio o Senhor e levou os que estavam prontos. Os demais ficaram para trás. No versículo acima, "preparadas" dá o pensamento central da parábola.

"E fechou-se a porta". Palavras terríveis que descrevem a dor de uma oportunidade perdida.

2. Implorando em vão. Desnecessário é debater se as virgens loucas acharam azeite ou não. Importa que era tarde demais, e perderam a oportunidade. Pelo costume oriental, nos banquetes formais os convidados apresentavam seus cartões a um empregado, que vigiava a porta para manter do lado de fora os curiosos. Tudo pronto, e o chefe da casa fechava a porta; o empregado não deixava mais entrar pessoa alguma, sob qualquer pretexto.

“E depois chegaram também outras virgens, dizendo: senhor, senhor, abre-nos. E ele respondendo, disse: Em verdade vos digo que vos não conheço”. Chamando o noivo de “senhor” demonstram as virgens algum relacionamento com ele. A resposta: “Não vos conheço” significa: “Não reconheço o seu direito de entrar”. Não reconhece o noivo a participação delas, que diligentemente se prepararam para a festa. Confira Oséias 13.5; Amós 3.2; Naum 1.7; João 10.14; 2 Timóteo 2.19.

Qual o destino das virgens loucas? Dizem alguns que o negado direito de entrada indica sua perdição (Mt 7.21-23). Outros afirmam que, tendo perdido o arrebatamento, teriam de passar pela tribulação. Seja qual interpretação aceitemos, certamente a exclusão das loucas representa algo terrível, o julgamento daqueles não preparados para Cristo.

“Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora”. Nestas palavras, o próprio Senhor descreve a lição central e o propósito da parábola.

Como podemos vigiar, enquanto aguardamos a vinda de Cristo? Agindo como aquelas pessoas que, há anos, venderam tudo quanto possuíam e, vestindo roupas brancas, subiram no alto de um edifício para aguardar o Senhor? Imitando a igreja de Tessalônica que encerrou seus trabalhos porque o Senhor poderia chegar a qualquer momento (2 Ts 2.1-3; 3.10,11)? Ou vivendo em ansiedade?

Não devemos viver aflitos por causa da vinda do Senhor. Porque Ele deu a cada um o seu trabalho com que se ocupasse até à sua volta. A melhor preparação é uma vida de fidelidade na sua obra. Em maio de 1780, o famoso Dia Escuro desceu sobre a Nova Inglaterra. Muitos sentiram chegada a hora do juízo, e os senadores teriam saído correndo do Senado, não tivesse alguém os persuadido a trazer as luzes, a fim de que fossem achados cumprindo seus deveres diários.

A Oportunidade, a Fidelidade e a Recompensa

Texto: Mateus 25.14-30

Introdução

Há uma conexão entre a parábola das dez virgens e a dos talentos. As virgens esperavam o Senhor; na parábola dos talentos, os servos trabalhavam esperando a volta do Senhor. A primeira adverte-nos contra o negligenciar a vida espiritual; a segunda, contra a preguiça. A primeira avisa-nos que devemos guardar o coração com toda a diligência; a segunda, que devemos colocar toda a nossa diligência no serviço ativo. A primeira trata da espiritualidade; a segunda, do serviço.

I - O Serviço Distribuído (Mt 25.14,1)

1. A viagem do Senhor. "Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens". Baseia-se a parábola no que parece ser um costume da época. Homens ricos, ao viajar para Roma, deixavam seus negócios na mão dos escravos. (Não eram empregados modernos, que podem deixar o emprego, mas escravos: tinham de aceitar as responsabilidades a eles impostas.) Nem todos os escravos do império

romano eram silvícolas ou analfabetos. Muitos eram trabalhadores peritos, estudiosos e negociantes. Alguns, portanto, poderiam tratar dos negócios do seu senhor ou investir dinheiro em nome dele.

O homem que viajava para um país distante representa o Senhor Jesus, que, vindo da parte do Pai, estava para voltar a Ele. E, para deixar os seus servos em condições de continuar a sua obra e representá-lo durante a sua ausência, equipa-os com poder, dons e capacidade necessários.

2. Os bens do Senhor. "E a um deu cinco talentos, e a outro dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade". Os bens simbolizam: as verdades do Evangelho (1 Co 9.16,17; 1 Tm 6.20); poder espiritual (At 1.8; 2 Tm 1.14); dons espirituais (1 Co 12.4-11; Ef 4.7-12; 1 Tm 4.14). Podem também referir-se a tarefas evangélicas a cumprir, as respectivas capacitações e o dever de usá-las dignamente. É interessante notar que a nossa palavra comum "talento" deriva-se desta parábola. Literalmente, era uma grande soma em ouro ou prata. As palavras de Cristo não passarão! (Mt 24.35). A distribuição: um servo recebeu cinco talentos; o segundo, dois; e o terceiro, um. Note o princípio da distribuição: "A cada um segundo a sua capacidade".

Pensemos acerca do equipamento segundo a capacidade. Não se referem os talentos primariamente a dons e capacidades naturais, mas àqueles dons e poderes espirituais dados por Deus. Sendo assim, cada cristão que teve uma experiência com Cristo e conhece o Espírito Santo, possui algum talento espiritual, alguma obra a fazer para o Mestre. Não importa quão poucos sejam os talentos. Na edificação de uma catedral magnífica, dedos peritos e mentes rápidas são necessários para fazer esculturas e mosaicos delicados; porém, mãos igualmente fiéis são necessárias para cavar os alicerces e deitar as primeiras camadas de alvenaria. Assim também a obra do Senhor. Ler 1 Coríntios 12.

Aprendemos desta parábola que a quantidade de talentos dados a cada obreiro depende da sua capacidade de usá-los. Deus é sábio; figurativamente falando,

não dará uma enxada a um mecânico nem um torno a um trabalhador inexperiente. Todos os cristãos têm a salvação e certa medida do Espírito. Diferem, no entanto, na quantidade e qualidade do serviço que podem prestar a Deus. A luz que brilha numa lâmpada de 100 velas é a mesma numa de 25, mas o brilho é mais forte na primeira por causa da sua maior capacidade. A luz do sol que passa por uma grande janela é a mesma que atravessa o buraco feito por um alfinete; pela janela, no entanto, chega maior quantidade de luz. Deus nos enche e brilha através de nós de acordo com a nossa capacidade. Estamos insatisfeitos com a quantidade e qualidade dos nossos dons? Então, ao invés de maior número de dons, peçamos a Deus mais capacidade para usar os que já possuímos.

II - O Serviço Feito

“O que recebera cinco talentos negociou com eles, e granjeou outros cinco talentos. Da mesma sorte, o que recebera dois, granjeou também outros dois”. Estes dois servos multiplicaram igualmente somas desiguais. De acordo com o que recebemos, assim nos será requerido. Diferiam os dois servos em número de talentos, mas eram iguais em fidelidade.

Os fiéis servos, ao invés de ficarem admirando os talentos ou escondendo-os, negociaram com eles e aumentaram-nos. A lição: as bênçãos e capacidade espirituais do Senhor recebidas não devem ser guardadas para nosso prazer egoísta, mas consideradas uma espécie de “estoque” espiritual a enriquecer a causa do Mestre. Nada recebemos para nós somente. Se brilha Deus em nosso coração, é para que sejamos luz a outros, também. “De graça recebestes, de graça dai”. Transmitir bênçãos divinas é “negociar” para Cristo.

“Mas o que recebera um, foi e cavou na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor”. O pecado deste servo foi aquele contra o qual Paulo advertiu Timóteo (1 Tm 4.14; 2 Tm 1.6), ou seja, não cumprir o serviço a ele confiado por Deus e para o qual recebera talento. O serviço cristão acarreta séria responsabilidade.

Por exemplo: Ezequiel 33.7-9; Atos 20.26,27. O servo, neste caso, tipifica aquele que, temeroso de enfrentá-lo, negligencia o seu serviço, com prejuízo a si mesmo e à causa do Mestre.

III - O Serviço Recompensado (Mt 25.19-23)

1. A volta. "E muito tempo depois veio o senhor daqueles servos, e fez contas com eles". Ver 1 Coríntios 3.12-15; 2 Coríntios 5.10. As palavras "muito tempo depois" indicam haver, entre o dia do Senhor e a sua volta, tempo suficiente para dar aos discípulos oportunidade de trabalhar para Ele e duplicar o capital. Nenhum cristão precisa imaginar tão próxima a sua volta que julgue desnecessário o serviço cristão. Haverá tempo bastante para testar a fidelidade dos servos de Cristo. Confira Mateus 24.48; 25.5.

2. O Senhor recompensa o servo com cinco talentos. "Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos". No comparecimento alegre deste e do outro servo temos exemplo dos que chegarão confiantes diante de Cristo no dia do julgamento (1 Jo 4.17 e 2.28). Tinha algo a mostrar em troca do seu serviço - uma alegria desejada por Paulo (1 Ts 2.19). Ao mesmo tempo em que testifica a multiplicação dos talentos, o servo reconhece serem estes confiados às suas mãos pelo Senhor. Da mesma maneira, Paulo, descrevendo os resultados do seu ministério, acrescenta: "Todavia não eu, mas a graça de Deus, que está comigo" (1 Co 15.10). Dois elementos são necessários ao serviço cristão aceitável: a doação da parte de Deus e o esforço do homem. As duas partes se completam.

A aprovação do Senhor: "Bem está!" expressa admiração. O Mestre está feliz que o servo tenha feito o melhor, e trabalhado o suficiente para dar evidência positiva de dedicação inabalável. Generosamente permite-se extravasarem os sentimentos: "Servo bom e fiel". Descrevem estas palavras o caráter do servo. "Bom" é dedicado, entusiasta, cujo coração dedica-se a um só propósito. Quem é

“bom”, neste sentido, não pode deixar de ser “fiel”. Porque o segredo da fidelidade é a dedicação do coração, alma e mente à Obra. Mas devem os seguidores de Cristo dizer isto deles mesmos? Ver Lucas 17.10; Apocalipse 4.9-11.

“Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei”. A recompensa do serviço fiel é mais serviço, numa esfera de influência bem maior. Deus testa as pessoas em coisas pequenas para sabê-las dignas de confiança nos empreendimentos maiores.

Considere o serviço que Cristo aprova. Não é um servo elogiado por Cristo pela sua inteligência, habilidade ou sucesso, mas por ser bom e fiel. Tampouco se olha tanto o volume da obra, mas os motivos e a qualidade. Cristo aprecia a fidelidade em atos mínimos mas também em grandiosos trabalhos. Aquele que dá seu testemunho para a glória de Deus terá tanta aprovação quanto o pregador talentoso que comove multidões a seguirem a Cristo. A divina escala de valores procura ver nosso propósito - a bondade e fidelidade a Ele.

“Entra no gozo do teu senhor”. Somos levados a pensar numa festa em comemoração à volta daquele senhor, na qual seus escravos recebem a liberdade. Segundo o costume daqueles dias, repartir as honrarias de uma festa com escravos era o equivalente à sua emancipação. Confira Lucas 12.37; João 15.15; Apocalipse 3.20; 19.7-9.

3. O Senhor recompensa o servo com os dois talentos. “E chegando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles granjeei outros dois talentos”. Este homem recebeu elogios e recompensa iguais aos do servo que recebera cinco talentos, porque tinha sido igualmente fiel. Idêntica fidelidade no emprego de talentos desiguais receberá igual louvor. Quando David Livingstone foi sepultado na Abadia de Westminster, muitos olhos se fixaram no africano que trouxera o seu corpo de um pântano da África. Pedira, como única recompensa, acompanhá-lo na sua viagem através

do mar. Quanto a talentos, não poderia haver maior contraste. Livingstone era rico em talentos, conhecimentos médicos, visão espiritual e encantos pessoais. O outro, com sua mente limitada, possuía apenas o talento de ser fiel como um cãozinho ao seu dono. Eram os dois, porém, iguais em coragem e fidelidade, e irmãos na aprovação do Senhor de ambos.

IV - A Infidelidade Desmascarada (Mt 25.24,25)

O homem que recebeu talento único é a personagem central da parábola. Jaz aqui o principal propósito: um aviso solene contra a infidelidade e a preguiça. Note-se quanto mais espaço se dedica à sua descrição.

O homem fica até ao fim, como que temendo encontrar-se com o seu senhor: "Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste". Considerava seu senhor um tirano duro e exigente, a impor tarefas impossíveis aos servos, como o fazer tijolos sem palha (Êx 5.7), ou produzir ceifa de resultados sem o suprir da semente. Acreditava não perdoar o senhor erros ou falta de capacidade. Assim, hoje, pessoas imaginam Deus distribuindo tarefas sem dar o necessário poder para realizá-las, e depois castigando àqueles que não as puderam cumprir. Porém, ver Mateus 11.28-30; 1 João 5.3.

"Atemorizado, escondi na terra o teu talento". Crendo fosse o senhor muito severo, preferiu enterrar o talento, por medo de perdê-lo e ser severamente punido. O medo do fracasso tem efeito paralisante no serviço cristão.

"Aqui tens o que é teu". É impossível esconder os dons de Deus e devolvê-los inteiros. Não empregá-los é dissipá-los. Somente aquele que os emprega, realmente os possui.

Cuidado com o complexo de inferioridade: “Atemorizado, escondi na terra o teu talento”. O que causa este medo? Pode ser orgulho: o medo de fracassarmos diante dos olhos daqueles cujas aprovações estimamos. Talvez sejamos muito sensíveis às opiniões de outras pessoas. Imaginamo-nos escrutinados a cada ato que praticamos. Outro fator de medo pode ser a falta de auto-estima - aquele que diz não poder cumprir uma tarefa geralmente tem razão. Precisamos da confiança santificada de poder realizar aquilo que Deus nos manda fazer. A causa do medo pode ser ainda o fato de não compreendermos o alvo do serviço cristão. Consideramo-nos vocacionados a brilhantes carreiras e ao sucesso, enquanto realmente fomos chamados a sermos fiéis.

Seja qual for a causa, o primeiro passo na cura é sermos resolutos em fazer aquilo que sabemos ser nossa obrigação, sem considerar sentimentos ou circunstâncias. O temor a Deus deve deixar o temor aos homens sem lugar!

V - Castigada a Infidelidade (Mt 25.26-30)

1. O pecado de fazer nada. Aquele senhor descreve em três palavras o homem com o único talento: “mau” porque defendeu-se falando contra seu senhor; “negligente” porque deixou de fazer sua obrigação; “inútil” porque malbaratou sua oportunidade, deixando inativo o dinheiro de seu senhor.

“Sabes que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei; devias então ter dado o meu dinheiro aos banqueiros e, quando eu viesse, receberia o meu com juros”. O senhor daquele servo não debateu acerca do que este dissera de seu caráter; responde-lhe, fazendo-o condenar-se por sua própria boca (2 Sm 1.16; Jo 15.6). Não são aceitas desculpas. Parece dizer-lhe: “Se sou um senhor duro e exigente, isto é mais um motivo para que se tivesse empenhado em ganhar algo com o meu dinheiro; não precisava ser grande a soma; se você era tímido para fazer comércio, poderia ter investido o dinheiro num banco, produzido, assim,

juros”. Explica-se: aqueles por demais tímidos para arriscar-se em aventuras corajosas em prol da causa de Cristo, podem servi-lo por caminhos mais humildes e seguros. Nenhum cristão precisa ver-se condenado à inatividade ou à inutilidade: há trabalho para todos. Se alguém não tiver feito nada, ser-lhe-á perguntado se pelo menos orou.

Há duas maneiras de pecar: fazendo coisas que não devíamos, e não fazendo o que devíamos. O homem de um só talento pertencia à segunda classe. Não se diz que ele desviou dinheiro de seu senhor, nem que o tenha gasto em viver desregradamente; apenas que o negligenciava. Não vivia uma vida escandalosamente imoral, mas, de modo infiel, desprezava as oportunidades de serviço colocadas diante dele. Certo imperador romano costumava exclamar: “Perdi um dia!” se, ao final do mesmo, não pudesse indicar nada de bom que tivesse feito pelo seu povo. Deixará um pagão os cristãos envergonhados? Tiago escreve: “Aquele pois que sabe que deve fazer o bem e não o faz, comete pecado” (Tg 4.17).

2. Usar ou perder!. “Tirai-lhe pois o talento, e dai-o ao que tem dez talentos. Porque qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver, até o que tem ser-lhe-á tirado”. Se não usarmos um braço, ficará ele paralisado. Se alguém não usa o seu talento, este lhe será tirado. Só possuímos realmente aquilo que usamos. Além disso, multiplicam-se os dons de Deus ao serem usados. Os poços de onde sempre se tira não secam facilmente. O talento foi tirado ao servo porque nenhum uso fez dele; deram-no àquele que usou ao máximo os seus talentos. As oportunidades que negligenciamos e perdemos, tomam-nas os outros (Gn 25.34; 1 Sm 16.1,13; At 1.25,26; Rm 11.11): “Guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa” (Ap 3.11).

O cristão possui apenas aquilo que usa; e nisto o que tem se multiplica. O lema dos negociantes - “Dinheiro chama dinheiro” - funciona em negócios espirituais: cinco talentos transformaram-se em dez, dois em quatro. Não há melhor maneira de aumentar a nossa fé do que compartilhá-la com outras pessoas, procurando fortalecê-las. E o modo mais eficiente de multiplicar uma bênção é passá-la

adiante. Mesmo o testemunho sincero é investimento que traz ricos dividendos à alma. As sementes empilhadas e armazenadas podem sofrer ataque de traças e ratos, mas, lançadas nos sulcos do campo, multiplicam-se em pão e mais sementes. Salomão afirmou: “Alguns há que espalham, e ainda se lhes acrescenta mais; e outros que retêm mais do que é justo, mas é para sua perda” (Pv 11.24).

“Lançai o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes”. As trevas exteriores representam um lugar longe das festas, que no Oriente realizavam-se à noite. Cristo usa a expressão àqueles lançados fora do Reino. A parte mínima do castigo do inútil era ser deixado no frio e na escuridão da noite, enquanto os servos fiéis festejavam o retorno de seu senhor no salão brilhante e bem equipado; para o expulso, restava o choro e ranger de dentes - lágrimas pelo desperdício da vida e oportunidades, e desespero ao pensar no prêmio que teria alcançado caso tivesse sido fiel.

A Última Ceia

Texto: Mateus 26.17-30

Introdução

Nos capítulos 13 e 16 do evangelho de João, vemos Jesus cercado pelos apóstolos, aos quais amorosamente chama “filhinhos”. Está pronto a partir deste mundo e, como lembrança, deixa-lhes a observância da Ceia, que comeu com eles: “Fazei isto em memória de mim”.

I - A Páscoa Preparada (Mt 26.17)

“E ele disse: Ide à cidade a um certo homem, e dizei-lhe: O Mestre diz: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a páscoa com os meus discípulos”. Os outros evangelistas mencionam certos sinais pelos quais o homem seria reconhecido. À entrada da cidade o encontrariam, carregando um cântaro de água (cena pouco comum, pois este era trabalho das mulheres). Tinham de segui-lo até sua casa, e então entregar-lhe o recado (Mt 21.1-3). Pelo teor da mensagem deduz-se que o homem era seguidor de Jesus e que, sem dúvida, ouvira-o predizer seu “tempo” de sofrimento. O sigilo observado no plano (nenhum nome ou endereço é mencionado) tinha o propósito de evitar que Judas

o soubesse, e assim garantir que ficariam livres de interrupção durante a refeição solene. Parece que o traidor, ao sair, revelou aos líderes judaicos o lugar da ceia; levou-os até à casa, mas, vendo que Jesus já deixara o aposento, conduziu-os até o jardim do Getsêmane, para onde ia Jesus freqüentemente.

II - A Páscoa Observada (Mt 26.20-25)

1. A predição sinistra. "E, comendo eles, disse: Em verdade vos digo que um de vós me há de trair". Cristo, indiretamente, já falara de uma futura traição (Mt 16.2; 17.21; 20.18), mas agora refere-se a ela com clareza. Mesmo assim, não menciona Judas; parece não querer colocar nada no caminho de um possível arrependimento.

Muitos fatos vinculados à escolha de Judas são-nos misteriosos. Mas uma lição permanece clara: é possível ser chamado por Cristo, andar com Ele, pregar seu Evangelho e, ainda assim, estar à parte de sua influência a ponto de traí-lo.

2. A pergunta ansiosa. "E eles, entristecendo-se muito, começaram cada um a dizer-lhe: Porventura sou eu, Senhor?" Demonstravam os discípulos tristeza e angústia. Dificilmente ousariam acusar-se uns aos outros, mas começaram a duvidar da própria consistência, embora conscientes de que não fariam tal coisa. Inocentes quanto a trair o Mestre, bem faziam em sondar os próprios corações. Não nos conhecemos totalmente; não podemos ter certeza de nós mesmos. Há vulcões escondidos em nossos corações, prontos para entrar em erupção. Nossa única segurança é a humilde confiança na graça de Deus.

O exame de consciência dos discípulos indica não ter sido a traição ainda descoberta, apesar de compartilharem estreito companheirismo por mais de três anos. Ou Judas era um gênio da hipocrisia ou tinham os discípulos um coração bondoso demais para pensar mal de qualquer pessoa.

3. A triste identificação. “E ele respondendo, disse: O que mete comigo a mão no prato, esse me há de trair”. O traidor era um dos que estavam mais perto dEle, usando o mesmo prato. O fato de comerem juntos fazia, do ponto de vista oriental, a traição ainda mais vil (Sl 41.9). Mesmo assim, Jesus não identifica o traidor de modo definido, porque muitos colocavam a mão no prato.

4. A severa condenação. “O filho do homem vai, como acerca dele está escrito”. Referia-se Cristo ao propósito predestinado dos seus sofrimentos e também ao caráter voluntário da sua morte. “Mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do homem é traído!” É natural perguntarmos: “Se judas foi destinado a trair a Cristo, por que puni-lo?” Judas o fez por sua própria vontade e maligno propósito. Deus previu o ato, mas não o compeliu a praticá-lo, porque sempre respeita a vontade humana. Não era a presciência de Deus a causa da maldade de Judas; nem era ele traidor porque Deus previra o seu ato - Deus previu o ato porque Judas era traidor. “Bom seria para esse homem se não houvera nascido”. Jesus permitiu a Judas um vislumbre da escuridão desesperadora, sem um raio de esperança, que seria a penalidade para o seu crime. Tentou Jesus de todas as maneiras salvá-lo, antes de pronunciar a terrível sentença.

5. A pergunta hipócrita. O silêncio nesse momento poderia ter deixado Judas no centro da atenções; aproveitando-se por estar perto de Jesus, perguntou: “Porventura sou eu, Rabi?” Procurava, talvez, sondar a Cristo para saber se Ele estava consciente de sua traição. “Tu o disseste”, sussurrou-lhe Jesus - expressão equivalente ao nosso “sim”. Confira Mateus 26.64.

III - A Páscoa Suplantada (Mt 26.26,27)

1. “E quando comiam”. Enquanto pensavam na grande libertação que Deus concedera a Israel segundo a Antiga Aliança, o Senhor Jesus providenciava a comemoração de um novo livramento, segundo a Nova Aliança, mediante o

derramamento do sangue e o sacrifício de um Cordeiro diferente. Cumpre Jesus as verdades tipificadas na Páscoa, deixando-a de lado para dar lugar à páscoa da Nova Aliança - a Ceia do Senhor.

2. O pão. "Jesus tomou o pão e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos e disse: Tomai, comei, isto é meu corpo". Ver 14.19; 15.36. Era provavelmente a bênção que os judeus comumente invocam sobre a comida: "Bendito és tu ó Senhor, Rei do Universo, que trouxeste pão da terra". Assim como o Senhor deu graças pelo pão, também nós, na Santa Ceia, damos graças a Deus por Jesus, o Pão da Vida. Daí a expressão "Eucaristia", usada para descrever a comunhão em tempos antigos, que literalmente significa "ações de graças".

3. Partindo o pão. Na Páscoa, o partir do pão sem fermento significava os sofrimentos do povo escolhido; na Santa Ceia, ilustra o sofrimento e morte de Cristo. A distribuição dos pedaços significa, para os que os recebem, participação nos benefícios daquele santo sacrifício. Por isso à Santa Ceia chama-se também "Comunhão", que se refere à "participação", literalmente. "Este é o meu corpo". Os católicos romanos tomam estas palavras ao pé da letra e ensinam que o pão asmo, após consagrado pelo sacerdote, torna-se realmente no corpo de Cristo, embora conserve a aparência do pão. Mas a palavra "é" significa "representa". Confira Gênesis 8.21; 40.12; 41.26; Gálatas 4.24. Jesus queria dizer: "Isto representa a minha Pessoa, enviada do céu, para ser partida na morte, a fim de que as almas humanas possam ser salvas". (Ver Jo 6.32-35, 49-51.)

4. O cálice. "E, tomando o cálice, e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos". Este era o terceiro cálice de vinho que se bebia na Páscoa, chamado "o cálice de bênção" (1 Co 10.16), porque uma bênção especial era pronunciada sobre ele; era considerado o cálice principal, já que era tomado depois de se comer o cordeiro. Assim como Cristo deu graças pelo vinho, damos nós graças a Deus pelo sangue precioso que nos redimiu. A distribuição do cálice lembra-nos a "comunhão do sangue de Cristo" (1 Co 10.16), ou seja: o compartilhar dos benefícios obtidos através da sua morte redentora.

IV - Declarada a Nova Aliança (Mt 26.28)

1. Definindo a Aliança. "Isto é meu sangue, o sangue do Novo Testamento [Nova Aliança]". Aliança é acordo, contrato, entendimento entre duas pessoas ou partes, que abrange mútuos privilégios, obrigações e promessas. A religião bíblica, de Gênesis a Apocalipse, baseia-se numa aliança entre Deus e a humanidade - um relacionamento definido e pessoal entre Deus e o homem, entre o céu e a terra.

2. A novidade da Aliança. A Aliança instituída por Cristo é chamada "nova" por contraste àquela feita com Israel, no monte Sinai, iniciando o período da Lei. A Antiga Aliança era de obras: requeria obediência à Lei; era sempre quebrada, porque seu padrão era alto demais para a natureza humana pecaminosa. Sabendo disto, o Senhor graciosamente promete ab-rogá-la, concedendo uma outra, que leva ao perdão dos pecados e à transformação da natureza humana que permite seja amada e guardada a lei de Deus (Jr 31.31-34). A Antiga Aliança diz: "Faça isso e viva!" A Nova declara: "Viva e faça!" À mesa da Páscoa, Jesus anuncia estar a Nova Aliança prestes a ser selada.

3. O mediador da Aliança. Moisés negociou a Antiga Aliança entre o Senhor e Israel. Expostas as disposições e condições, e obtida a anuência do povo, Moisés selou-a solenemente através do derramamento e aspersão do sangue sacrificial (Êx 24.4-8). De igual modo, o Senhor Jesus negociou a Nova Aliança, eterna, entre Deus e a humanidade; levou-a a uma conclusão satisfatória, e selou-a, em nome de Deus e da humanidade, com seu próprio sangue.

4. O selo da Aliança. Moisés, por ser apenas um homem, não poderia selar a Aliança com seu próprio sangue; faltava ainda o Filho de Deus dar-se a si mesmo como sacrifício. O corpo partido e o sangue derramado garantem o cumprimento das promessas de perdão dos nossos pecados e da inspiração da

alma.

5. Os beneficiários da Aliança. O sangue da Aliança é derramado para "muitos" e equivale praticamente a "todos"; a redenção é oferecida para "todo aquele que crê"; todos podem vir, ninguém é excluído senão aquele que assim o deseja.

6. Os benefícios da Aliança. "Para remissão de pecados". A grande questão é o pecado; portanto, a religião que soluciona o problema do pecado é a religião certa. O Cristianismo trata de modo completo e eficaz a questão do pecado; por isso pode declarar-se religião sem igual (1 Tm 1.15).

V - Concluída a Festa (Mt 26.29,30)

1. A profecia. "E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide até àquele dia em que o beba de novo [de maneira nova e gloriosa] convosco no reino de meu Pai".

2. O hino. "E, tendo cantado o hino, saíram". Cantaram parte dos Salmos 113 a 118, que eram cantados na festa da Páscoa. Como podia Jesus cantar antes de enfrentar a agonia do Getsêmane? Sabia estar indo para a cruz, mas confiava que o Pai não o desampararia. Aquele que está na vontade de Deus, pode contar com Ele, nos problemas, tristezas e até na morte.

VI - Ensinamentos Práticos

1. Confie em Cristo, não no próprio eu. Quando Jesus disse: "Um de vós me há de trair", nenhum dos apóstolos imaginava quem era o traidor, porém nenhum deles podia ter certeza de que jamais o seria. Uma rápida olhada para o próprio coração, e convenciam-se de que pelo menos um deles seria capaz de trair o Mestre.

Há uma sadia falta de confiança em nós mesmos que nos garante segurança, assim como uma confiança demasiada, que antecede a queda. Ver João 13.37. Por que exercitar essa desconfiança sadia de nós mesmos?

• Porque não conhecemos perfeitamente os nossos corações. Portanto, não podemos dizer com certeza: "Jamais serei culpado disto ou daquilo". Podemos ser tentados em diferentes direções, mas a raiz do pecado é a mesma em todos os homens. E qual a raiz do pecado? O egoísmo - viver para nós mesmos ao invés de viver para Deus.

• Porque um pecado leva a outro. O homem que desviou milhões de um banco, por certo não pretendia fazê-lo no início. Provavelmente tornou-se descuidado e comprometido com dívidas ou jogatina. O assassino talvez tivesse apenas intenção de roubar, mas ficou com medo e matou a vítima para evitar a denúncia. Também uma mentira leva a outra: temos de contar a segunda para encobrir a primeira. "Todos os pecados caçam aos pares. Um pecado abre a porta para o outro". Um pecado para o qual sentimos inclinação pode levar-nos a outro que nunca sonhamos cometer.

• Porque todos possuem igual tendência ao pecado. Os ciúmes levaram Caim a matar Abel; o apetite carnal levou Davi a cometer crime duplo; a cobiça levou Judas a trair Cristo. O mau gênio descontrolado já levou a muitos assassinatos. Todos, porém, são capazes de ciúmes, desejo ilícito, mau gênio e cobiça. Há dois tipos de criminosos: aqueles que estão detrás das grades, que não resistiram seus desejos; e aqueles de fora, que resistiram. Ambos, porém, têm a mesma natureza. Originam-se as transgressões na entrega às tentações comuns a todos os seres

humanos. Este fato, reconheceu-o piedoso pregador, que disse, ao ver um criminoso levado ao cadafalso: “Ali, não fosse a graça de Deus, iria eu”.

Sendo isto verdade, que segurança temos? Qual certeza a salvação nos dá? Contemple João, apoiado contra o peito de Jesus na Última Ceia, e terá a resposta. Enquanto nos conservamos perto do Senhor, podemos ter confiança de não cair. A pequena filha de Moody deslizou e caiu na calçada coberta de gelo enquanto segurava a mão do pai. Levantando-se, disse: “Pai, agora você segura a minha mão.” A fé nos levará a confiar inteiramente em Deus, e Ele nos protegerá de toda a queda. E quanto mais confiarmos nEle, menos confiaremos em nós mesmos.

2. O cálice do Senhor. “Tomando o cálice”. Que significado tem o cálice?

• O cálice do Senhor. No monte Sinai fez Deus aliança com Israel, selada com o sangue de sacrifícios. Há dezenove séculos, Deus, através de Cristo, fez uma outra aliança prometendo salvação ao mundo inteiro, sacrifício este assinado com o sangue de Cristo. Em tempos antigos, quando alguém não sabia escrever, marcava um “X” na presença de testemunhas, e o advogado escrevia: “Fulano de tal, sua marca”. Deus fez muitas promessas. Como saberemos que Ele as cumprirá? Olhe para o Calvário e receba a mensagem: “Deus, sua marca”. Ver Romanos 8.32.

• O cálice do perdão. Como poderia a morte de Cristo perdoar-nos os pecados? Explicações doutrinárias existem, mas desfrutamos de muitas coisas sem saber como funcionam. Os fatos permanecem, quer saibamos explicá-los ou não. Mesmo o maior filósofo precisa apenas saber que Cristo morreu por ele. Somos salvos por crermos na expiação, e não por filosofarmos a respeito dela.

• O cálice da vida. “A vida da carne está no sangue”, é a explicação inspirada do

sacrifício. Desde os tempos mais remotos, sabe-se que o sangue contém vida, e que perdê-lo é perder vida. Assim, participar do sangue é participar da vida. O sangue de Cristo significa sua vida divina, dEle tirada por morte violenta e dada a nós, indignos pecadores, para que vivamos. Morreu a fim de tornar-nos "co-participantes da natureza divina". A salvação não é fazer brilhar a antiga natureza; é o recebimento de uma vida nova, procedente do alto. Veio Jesus para que tivéssemos vida, e vida em abundância.

• O cálice da alegria. Vinho simboliza alegria. Certamente a operação de limpeza da consciência, pelo sangue de Cristo, deu a "alegria da salvação" a muitas pessoas que invocaram o nome do Senhor (Sl 116.13).

• O cálice da comunhão. Jesus ensinou aos apóstolos que o cálice apontava para o tempo em que se reuniriam no "cenáculo" celestial, o Céu: "Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro". Se no Céu seremos unidos, devemos exercitar a convivência aqui na terra.

3. O Pão da Vida. Assim como Cristo ofereceu pão e vinho aos apóstolos, também agora nos oferece, dizendo: "Toma e come". Como podemos alimentar-nos de Cristo? Recebendo-o (Jo 1.12) e confiando nEle para a vida espiritual, no tempo e na eternidade. O pão pode ser examinado criticamente, analisado cientificamente, anunciado publicamente e universalmente recomendado. No entanto, ninguém é alimentado sem que coma dele. Os ensinamentos de Cristo podem ser estudados e analisados, sua personalidade admirada, mas não há bênção até que o recebamos como verdadeiro alimento da alma.

A palavra "comer", no evangelho de João, aplica-se também à ruminação do gado, e retrata de modo maravilhoso a meditação calma, contínua e paciente, a única maneira de receber Cristo no coração e nutrir-se de sua vida. Aquele que se alimenta de Cristo se torna semelhante a Ele, assim como o bicho da seda absorve o colorido das folhas que vai comendo. O pão que se come hoje não nos nutrirá amanhã. E experiências passadas da doçura de Cristo não sustentarão a

alma. Ele precisa ser o nosso pão diário.

“Que rito é este?” (Êx 12.26).

A Ceia do Senhor é:

• Comemoração. Traz-nos de modo vívido à mente o fato e o significado da morte de Cristo.

• Representação. O pão e o vinho representam o partir do corpo de Cristo e o derramamento do seu sangue.

• Proclamação. Fala-nos da morte de Cristo, até que Ele venha.

• Aliança. Lembra-nos que somos vinculados a Deus através de Cristo.

• Comunicação. Transmite bênção àqueles que participam com fé e esperança.

• Associação. Simboliza a união dos crentes ao redor da mesa do Senhor.

• Correção. Exige que examinemos a nós mesmos para constatar quaisquer atitudes que impeçam a nossa comunhão com o Senhor.

• Antecipação. Indica a nossa futura união com Cristo no Céu, onde estaremos para sempre com o Senhor.

A Crucificação de Jesus

Texto: Mateus 27.22-56

Introdução

No capítulo anterior, descrevemos a Última Ceia de Jesus com seus discípulos. Depois da festa, foi ao Getsêmane preparar-se espiritualmente para a provação vindoura. Prenderam-no ali, e uma corte foi convocada às pressas para comunicar-lhe uma sentença já resolvida.

I - Jesus Condenado pelos Líderes Judeus (Mt 26.57-68)

Estas foram as acusações contra Jesus: heresia, por ensinar uma doutrina secreta contrária à Lei (Jo 18.19-24); sacrilégio, por ameaçar destruir o Templo (Jo 2.19-21); blasfêmia, porque, interrogado sob juramento, reivindicou ser o Filho de Deus. Foi esta confissão que deu aos membros do concílio a oportunidade que buscavam para condená-lo à morte.

O poder de aplicar a pena de morte já havia sido tirado aos judeus; por isso,

tiveram de levar o Senhor diante do governador romano. Sem dúvida, poderiam tê-lo assassinado secretamente, como tentariam fazer a Paulo, ou linchá-lo, como fariam a Estêvão. Queriam, porém, uma condenação oficial de Jesus e seu movimento, para que pudessem dizer ao povo: “Este ensino é ilegal e foi condenado pelo governo romano”.

Sabendo que Pilatos não levaria em conta questões religiosas, astutamente transformaram a acusação em crime político, alegando ter Jesus se rebelado contra César ao proclamar-se rei, e que tinha levantado o povo contra Roma. Era um crime sério naqueles dias. O imperador Tibério decretara que qualquer pessoa que reivindicasse direito a honras reais e divinas para rivalizar às de César, seria condenado à morte.

II - Jesus Acusado Diante de Pilatos (Mt 27.11-18)

1. A pergunta formal. Pesando contra Jesus a acusação de que alegava ser rei, a primeira pergunta de Pilatos foi: “És tu o rei dos judeus?” Notemos a ênfase à palavra “tu”, como se Pilatos dissesse: “Não pareces perigoso, para ameaçar o reino de ferro imposto por Roma”. Jesus admitiu que era rei, mas explicou que seu reino não ameaçava o governo; era um reino propagado pela verdade e não à força de armas (Jo 18.28-38).

Jesus poderia ter sido declarado inocente em ambos os tribunais, tivesse Ele negado a sua divindade e posição de Messias. No entanto, deu a vida pelo seu testemunho (1 Tm 6.13).

2. O silêncio significativo. Quanto às acusações dos líderes judeus, Jesus nada tinha a declarar. Qualquer coisa que dissesse seria em vão. Não havia mensagem para aqueles que rejeitaram a Palavra de Deus. Era também o silêncio da submissão: “...e, como ovelha, muda perante os seus tosquiadores,

ele não abriu a sua boca”.

3. A conclusão inteligente. Pilatos ficou impressionado com o silêncio do Mestre, porque estava acostumado a ouvir as pessoas acusadas gritando a sua inocência ou implorando misericórdia. Ele ficou mais comovido do que pretendia confessar (Jo 19.7-12). Tinha convicção de que Jesus era inocente e inteligência para perceber “que por inveja o haviam entregado”. Por que a inveja? Temiam os sacerdotes fosse Jesus reconhecido pelo povo como o Messias: isto lhes resultaria em perda de privilégios e prerrogativas (Jo 3.53; 11.47). O diagnóstico que Pilatos fizera do caráter dos líderes confirmava o de Cristo: “Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança” (Mt 21.38).

III - Pilatos Procura Livrar Jesus (Mt 27.19-25)

1. O plano proposto. Pilatos desejava livrar Jesus, mas, ao mesmo tempo, não estava disposto a provocar a inimizade dos líderes judeus. Começara a batalha. Qual seria mais forte, o desejo de Pilatos ou a resolução dos líderes judeus? Homem fraco, o governador quis evitar confrontação aberta, e lançou mão de um artifício mediante o qual poderia impor sua vontade e fazer os outros pensarem que era o seu desejo que prevalecia. Lembrou aos presentes o costume de livrar um prisioneiro no tempo da Páscoa.

“Qual quereis que vos solte, Barrabás ou Jesus, chamado Cristo?” Por que Pilatos reduziu a escolha a Barrabás e não incluiu os demais prisioneiros? Porque Barrabás fora preso numa insurreição contra Roma, e Jesus era também acusado de rebelião. Pedissem os sacerdotes a soltura de Barrabás, e estaria demonstrada sua hipocrisia. Além disso, era Barrabás um assassino. Pilatos acreditava que o povo preferiria o manso Nazareno ao violento revolucionário.

Convocado o povo a escolher, Pilatos sentou-se na cadeira de julgamento. Talvez se sentisse um pouco envergonhado pela forma como procurou resolver uma questão de justiça. O recado da mulher deve ter-lhe fortalecido a convicção da inocência de Jesus. “Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele” (v. 19). Fosse o sonho da mulher inspiração divina ou resultado de meditações acerca de Cristo, Mateus o registra para mostrar que Pilatos não foi deixado sem advertência.

2. O plano rejeitado. Enquanto lutava Pilatos com sua consciência, os sacerdotes e os anciãos preparavam o povo para votar: “Persuadiram à multidão que pedisse Barrabás e matasse Jesus”. E o povo pediu Barrabás. Foi um triunfo da propaganda iníqua dos sacerdotes. Por certo, insistiam que Barrabás era um patriota comparado a Jesus. Mas foi ódio por Cristo, e não amor por Barrabás, que lhes inspirou a ação. Embora a multidão gritasse pedindo a morte de Jesus, foram os líderes os maiores culpados, porque persuadiram o povo.

Pilatos fez uma última e fraca tentativa de salvar o Mestre: “Que farei então de Jesus, chamado Cristo?” Que humilhação para um governador romano! Abdicava da sua posição para deixar o povo decidir! Talvez desejasse, com a pergunta, poupar a própria consciência e ter como se desculpar junto à mulher, lançando a responsabilidade sobre o povo.

“Que farei de Jesus?” é a pergunta que se deve fazer à pessoa que ouve o Evangelho. “O que fará Jesus de você?” é a pergunta com a qual se defronta todo aquele que o rejeita.

A perplexidade de Pilatos pode ter sido provocada pela sua indecisão, porque, tecnicamente, qualquer pessoa que alegasse direitos reais era perseguida. Ver João 19.12. Por outro lado, poderia ter-se firmado no ponto de vista que acreditava correto, a saber, que o reino pregado por Jesus era puramente espiritual. “Que mal fez ele?” perguntou. Mas a própria simpatia de Pilatos por

Jesus excitou a multidão a gritos mais violentos: “Seja crucificado!”.

3. A responsabilidade recusada. “Então Pilatos, vendo que nada aproveitava, antes o tumulto crescia”. Temia ficar em situação delicada diante de seus superiores, caso fosse relatado que ele causara um distúrbio por ter se recusado a punir um pretendente judaico ao trono. E Pilatos era antes de mais nada um político, cujo motivo proeminente era a busca dos próprios interesses. Por que sacrificaria a paz de uma nação para preservar um judeu, por mais extraordinário e inocente que parecesse?

Mesmo assim, sua consciência ainda o perturbava. Num gesto dramático, lavou as mãos em público como sinal de que não aceitava a responsabilidade pela morte de Jesus (v. 24). Era o modo judaico de asseverar inocência (Dt 21.6; Sl 26.6). Assim atestou Pilatos diante do povo sua opinião sobre a inocência de Cristo. Fracamente lançou a culpa sobre o povo, como se este fosse juiz. Um erro cometido em ignorância pode causar dificuldades a quem errou, mas não lhe mancha a alma. O pecado deliberado, no entanto, faz nódoa profunda, somente removida pelo sangue de Jesus.

4. A responsabilidade aceita. “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos!” O desejo do povo cumpriu-se nos sofrimentos dos judeus.

IV - Jesus Escarnecido pelos Soldados (Mt 27.26-30)

Tão logo Pilatos dera a ordem de proceder à crucificação, levaram-no os soldados ao poste dos açoites, prática que geralmente precedia a crucificação. O açoite romano continha pedaços de ferro e osso e, às vezes, era a vítima tão severamente açoitada que morria. Para aqueles que sabiam quão terrível era esse açoite, tem significado vívido as palavras de Pedro: “Por suas feridas fostes sarados” (1 Pe 2.24).

Longe de sentirem compaixão, os brutais soldados levaram Jesus ao pátio para se divertir com Ele. Mais horrível se fez a zombaria porque não tinham motivo para odiá-lo. Para eles, era apenas mais um prisioneiro a ser crucificado, e sua brutalidade não passava de selvagem prazer em torturar. Colocando-lhe um manto militar usado e uma coroa de espinhos, e dando-lhe um caniço como cetro, encenaram sarcasticamente uma audiência real. Curvando-se diante dEle, gritavam com escárnio: “Salve, rei dos judeus!” E depois, cada um por sua vez, batiam nEle com o caniço.

Mesmo assim, suas ações eram profecia inconsciente. AquEle que usou a coroa de espinhos virá como Rei; aquEle a quem foi entregue um caniço dominará sobre o mundo; e, diante daquEle escarnecido curvar-se-á todo joelho, e toda língua o confessará Senhor.

Meditemos nesta verdade: A zombaria e o desprezo pertencem ao pecado, mas suportou-os o Santo - “Foi ferido pelas nossas transgressões”.

Sem dúvida, pensava primariamente nos soldados quando orou: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.

V - Jesus Levado ao Calvário (Mt 27.31-34)

Torturado Jesus, levaram-no para ser crucificado. Estava por demais fraco para carregar a cruz, e os soldados forçaram um judeu africano, chamado Simão, a levá-la. Fizeram-no, não por compaixão. Impacientes, queriam completar o trabalho tão cedo quanto possível.

Jesus foi levado fora da cidade (Hb 13.12) a um lugar chamado Gólgota, que significa “lugar da caveira”, ou por causa do seu formato ou por ser local comum de execuções. Ali, mulheres judaicas ofereceram-lhe uma bebida para aliviar-lhe os sofrimentos. Mas Jesus recusou: queria estar consciente ao enfrentar o que lhe fora determinado pelo Pai. Carecia de mente lúcida, porque desejava orar, e havia um ladrão para ser perdoado.

VI - Ensinamentos Práticos

Tiramos ensinos de três indivíduos que participaram dos acontecimentos relacionados à crucificação:

• Pilatos que, contra a vontade, condenou Jesus.

• Barrabás, que foi salvo da cruz por ação indireta do Mestre.

• Simão, que carregou a cruz.

Pilatos

1. Seu caráter. Três características destacam-se de Pilatos:

• Descrença. Ante a afirmação de Jesus: “Para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade”, deu-lhe Pilatos cínica resposta: “Que é a verdade?” (Jo

18.37,38). Noutras palavras: “Quando era menino, contaram-me antigas lendas acerca dos deuses; quando fiquei homem, estudei as filosofias e religiões místicas populares. Nunca, porém, achei verdade ou satisfação. Seita após seita alegava possuir a verdade, e todas me falhavam. Até que me cansei da busca. Abandonei-a porque infrutífera”.

Mas, a poucos metros dele estava a Verdade encarnada, que poderia ter dissipado as suas dúvidas, como o sol à névoa. Tivesse aceitado a Jesus, e obteria a Luz da vida.

• Mundanismo. Pilatos era um político, e considerava seu dever primeiro agradar a César e conservar sua própria posição. Realmente desejava livrar Jesus, mas forçado a escolher entre Ele e a sua posição, preferiu a última. Trair a Cristo para ficar de bem com o mundo: este o pecado de Pilatos.

• Fraqueza. A julgar por muitos dos seus atos feitos com mão de ferro (por exemplo, Lc 13.1), era de se imaginar Pilatos de caráter forte. No entanto, revela sua fraqueza no modo de tratar a Jesus. Moralmente era um covarde - um homem cujos interesses próprios o impediam fazer o certo.

Há desculpas para a fraqueza? Deus nos ordena: “Sede fortes”. E, ao mandar, dá-nos Ele capacidade. Como desculpar a fraqueza ante a promessa de poder? Numa certa igreja na África, um homem que perdera a paciência três vezes foi excluído da mesa da comunhão por este argumento: “Está sem desculpa: perdeu o poder”.

2. As oportunidades de Pilatos. Pilatos era fraco e via-se numa posição difícil. Não fracassou, porém, sem ter recebido advertência ou influências favoráveis. Na manhã da fatídica escolha, três mãos se estendiam para ajudá-lo.

• Primeiro, seu treinamento romano ensinara-o a considerar a fraqueza um vício, e a ser corajoso diante das dificuldades. Tinham os romanos altos ideais com respeito à justiça (por exemplo, At 25.1-6). Tivesse Pilatos vivido à altura da educação que recebera, seu nome talvez não ganhasse fama mundial como símbolo da indecisão fraca e pecaminosa.

• O recado da mulher era outra mão a querer arrancá-lo do fracasso. Ouvira ela pregação de Jesus? Conhecera-o? Não sabemos. Todavia, estava impressionada com a retidão do seu caráter, e procurou evitar que os pés do marido descessem o caminho da injustiça.

• A terceira mão era a do prisioneiro no tribunal. Lutava Jesus por livrar a própria vida, como a maioria dos acusados? Não. Sua declaração diante de Pilatos demonstra-nos intenção de salvar o governador da ruína moral. As palavras e a atitude do prisioneiro eram suficientes para mostrar a Pilatos o caminho da vida (Jo 19.7-12). Por certo sabia ele estar recusando verdadeira ajuda espiritual, mas sua fraqueza e a ambição prevaleceram. Por fim, foi levado como um pedaço restante de naufrágio, na onda do tumulto popular.

Não caímos ou fracassamos sem que haja mãos de socorro estendidas para salvar-nos - o conhecimento das promessas divinas, as orações de amigos e pais, a lembrança dos atos graciosos de Deus.

Barrabás

A vida de Barrabás sugere três lições:

1. Doutrina. Poupado foi Barrabás, e Jesus, crucificado, fazendo-nos pensar na expiação: o inocente morrendo a fim de que o culpado possa viver (1 Pe 3.18).

Cristo é o substituto do homem. Seitas, hoje, estão invertendo a ordem e procurando achar um substituto para Cristo. Embora procurem deslocá-lo, não podem achar ninguém para colocar no lugar dEle. Não há substituto para Ele.

2. Prática. Jesus aguarda hoje, no tribunal da opinião pública, a escolha entre Ele e Barrabás, a escolha entre o Homem do amor e o homem da violência. E as nações, ambiciosas em seus desígnios e multiplicação de armamentos, estão optando por este último.

3. Espiritual. Mesmo aqueles que tomam nos lábios o nome de Cristo podem vir também a preferir Barrabás. O dinheiro, os prazeres ou a satisfação da própria vontade podem levar-nos a essa escolha, ao preço de renunciar a Cristo.

Simão

1. Sua oportunidade inesperada. No início, carregar a cruz de Cristo parecia um incidente desagradável - uma interrupção, um aborrecimento, uma humilhação. Mas acabou sendo uma bênção. Às vezes, chegam assim as bênçãos: disfarçadas.

Ao nos defrontarmos, pela primeira vez, com o dever de carregar a cruz, pensamos nele como árdua tarefa. Sentimos a dor de abandonar nossas vontades e da liberdade restrita. Porém, trabalhando a graça de Deus em nós, aprendemos a amar o serviço antes odiado.

Simão imaginava estar carregando a cruz de Cristo, mas foi Cristo quem realmente suportou a cruz por ele. Afinal, que significam nossos maiores sacrifícios comparados ao dEle?

2. O que Simão ganhou. É crença baseada nas Escrituras que Simão mais tarde tornou-se discípulo. A menção de Marcos a dois filhos de Simão, Alexandre e Rufo (Mc 15.21) dá-nos a entender que estes eram bem conhecidos na igreja. Confira Romanos 16.13. Em Atos 13.1 lemos que Simão tinha por sobrenome Níger (que quer dizer "preto"); isto condiz com a declaração de que ele era judeu africano, de Cirene, na África do Norte.

Deve ter sido gratificante a Simão, nos anos posteriores, contar sobre seu privilégio de ter carregado a cruz de Cristo. E não devemos nós, hoje, considerar também privilégio carregar a cruz que Ele nos dá?

Cristo Triunfa sobre a Morte

Texto: Mateus 27.62-66; 28.1-15

Introdução

Para a maioria dos escritores, seria grande esforço escrever algo novo acerca da ressurreição de Cristo, tão familiar se tornou este fato. Mas, será que precisamos de novas verdades acerca da ressurreição? Não. O que precisamos é de uma nova compreensão para nossa vida espiritual. Estudemos o texto reverentemente para conhecermos “o poder da ressurreição”, a saber, seus efeitos na experiência espiritual.

I - Os Principais dos Judeus (Mt 27.26-66)

Fosse seguida a prática normal e o corpo de Jesus teria sido enterrado junto com sua cruz em local próximo à execução, ou, talvez, jogado no monturo sempre em chamas, fora da cidade. Deus, porém, interveio, a fim de que seu Servo estivesse “com o rico na sua morte” (Is 53.9). A razão deste honroso enterro era porque “nunca fez injustiça, nem houve engano na sua boca”. A humilhação terminou com a sua morte; e não foram permitidas mais desonras. Cumpriu-se a profecia de Isaías quando José de Arimatéia, membro do Concílio judaico e secretamente

um crente, pediu a Pilatos o direito de levar o corpo, e enterrou-o na própria sepultura.

Os líderes dos judeus não se sentiam à vontade, embora sabendo que Jesus fora crucificado. Vejamos:

1. Seu medo. A bondade dos amigos de Jesus conquistou um túmulo para Ele; a malícia dos inimigos pretendia conservá-lo ali. Ressurgisse Ele, e deles seria o seu sangue cobrado. Lembravam ainda a ressurreição de Lázaro, evento que aumentara tremendamente a popularidade de Jesus e consternara os fariseus (Jo 11.46-48). Ressurreições são terríveis para os maus, especialmente as daqueles que foram assassinados por causa da verdade.

2. Sua pressa. Chegaram a Pilatos tão logo saiu José da presença dele. Haveria por detrás da pressa o temor secreto de terem cometido um grande erro?

3. Sua adulação. "Reuniram-se os príncipes dos sacerdotes e os fariseus em casa de Pilatos, dizendo: Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse..." A Pilatos chamam "senhor", e a Jesus, "enganador". Que inversão da verdade! Aqueles que maliciosamente caluniam homens bons são os mais sórdidos lisonjeadores das pessoas em posições de importância.

4. Sua falta de escrúpulos. Muitas vezes se opunham a Cristo por fazer Ele obras de caridade no sábado, mas agora não hesitam em praticar uma obra de maldade nesse dia.

5. Seu pedido. "Lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: Depois de três dias ressuscitarei. Manda, pois, que o sepulcro seja guardado

com segurança até ao terceiro dia; não se dê o caso que os seus discípulos, vão de noite, e o furtem, e digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e assim o último erro será pior que o primeiro". Parece que os principais dos judeus compreenderam aquilo que os discípulos não haviam entendido. Ver Marcos 9.10. Tinham suficiente inteligência para perceber o que estava em jogo nas palavras de Cristo, mas eram por demais preconceituosos para considerar suas reivindicações de coração aberto.

Pediam a guarda, temendo que os discípulos furtassem o corpo para então mentir acerca de uma ressurreição. O estratagema para transformar a ressurreição de Cristo numa história inventada era fraco demais, mesmo para os incrédulos de hoje, e já há muito foi abandonado, como bem precisava. Quando figos crescerem em abrolhos, então caracteres como os dos cristãos primitivos, mártires, heróis e santos, poderão ser produzidos por um sistema que tenha por alicerce deliberada mentira.

Quando o túmulo foi achado vazio, os principais dos judeus viram-se forçados a inventar uma história para explicar o fato. Espalharam o boato de que os discípulos haviam furtado o corpo. É pouco provável que um grupo de discípulos aterrorizados, cuja fé havia sido abalada pela crucificação, tivesse a coragem de tirar o corpo do meio de soldados romanos. Os críticos modernos têm oferecido teorias igualmente fracas. Houve um túmulo vazio naquela primeira manhã de Páscoa, e a única explicação válida é esta: Cristo ressuscitou!

II - As Mulheres Fiéis (Mt 28.1)

1. Quem eram. Maria Madalena, de quem Jesus expulsara sete demônios (Lc 8.2), e Maria, mulher de Cleopas (Jo 19.25). Talvez houvesse outras mulheres com elas ou tenham dois grupos visitado o túmulo. Nenhum dos escritores dos evangelhos menciona detalhes. Restringem-se aos fatos principais da ressurreição do Senhor.

2. Quando vieram. Comparando Mateus 28.1 com Marcos 16.1,9 e Lucas 24.1, entende-se que as mulheres chegaram no túmulo perto da aurora. O Senhor já ressuscitara antes que chegassem.

3. Por que vieram. Vieram embalsamar o corpo do Mestre, colocar especiarias de cheiro doce entre as roupas do sepultamento. O ato claramente indica que não pensavam na sua ressurreição. Mas, não lhes dera Jesus a certeza de que ressuscitaria? Sim, mas a tristeza apagara a lembrança das suas palavras. O fato de não esperarem a ressurreição mostra sua profunda lealdade. Embora fosse Jesus rejeitado e seu ministério parecesse um fracasso, estavam resolvidas a prestar-lhe os últimos respeitos.

4. O que viram. Foi provavelmente ao aproximar-se que viram a pedra do sepulcro rolada. Estava solucionado o problema que as perturbava enquanto caminhavam: "Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro?" (Mc 16.3). Os guardas caíram por terra com o terremoto e o aparecimento do anjo; e quando conseguiram se levantar, correram à cidade a contar o acontecido (Mt 28.11).

III - O Mensageiro Celestial (Mt 82.2-8)

1. Sua missão. Era tirar a pedra da entrada do sepulcro. Para deixar Jesus sair? Não. Para permitir às mulheres entrar e ver o sepulcro vazio. Seriam testemunhas da ressurreição. O Senhor, agora, em corpo glorificado, podia passar através de muros sólidos e portas trancadas (Jo 20.19; contrastar Jo 11.38,39). Assentava-se o anjo sobre a pedra, como a anunciar que não seria recolocada, pois fora vencida a morte.

2. Sua proclamação (vv. 5,6). Parecia dizer-lhes o anjo: "Vocês não precisam temer estes soldados deitados no chão. São os inimigos do Senhor, mas vocês são suas seguidoras; nada lhes acontecerá. Sei que vieram embalsamá-lo mas é inútil: Ele já ressuscitou. Se tivessem lembrado da promessa da ressurreição, não estariam procurando os vivos entre os mortos".

Em sua tristeza, tinham as mulheres esquecido a promessa que teria transformado aquele sentimento em triunfo.

3. A mensagem (v.7). "Ele vai adiante de vós". Já fora o Bom Pastor ferido, e suas ovelhas espalhadas. Mas agora, havia ressuscitado da morte e estava pronto a reuni-las novamente, e guiá-las a novas pastagens, enviando os membros do rebanho como pastores assistentes. O grupo apostólico, temporariamente dissolvido com a crise do Calvário, seria reorganizado. Foi apropriada a escolha da Galiléia como lugar da primeira "assembléia geral", porque ali o Senhor começara seu ministério e operara milagres poderosos.

IV - O Cristo Ressurreto (Mt 28.9,10)

Enquanto correm as mulheres para levar a mensagem alegre aos discípulos "eis que Jesus lhes sai ao encontro dizendo: Eu vos saúdo" (Lc 24.9-11, 22-24). Assim, a vista do sepulcro vazio e a mensagem do anjo foram confirmadas àquelas mulheres fiéis. É bom saber do túmulo vazio e ouvir o testemunho dos anjos, porém, melhor é conhecer o Cristo vivo por experiência pessoal.

V - Ensinamentos Práticos

1. A verdade suprimida surgirá novamente. "Tendes a guarda; ide, guardai-o

como entendes”. Poderia Pilatos ter-lhes sugerido lacrassem a primavera para que não houvesse flores nem frutas. Ou tentassem impedir ao sol de nascer. Mais tarde, esses mesmos principais dos judeus, confrontados com um milagre feito em nome de Jesus, disseram: “Mas, para que não se divulgue mais entre o povo, ameacemo-los para que não falem mais nesse nome a homem algum” (At 4.17). Mas não conseguiriam aprisionar a Palavra de Deus!

Disse um corajoso ministro alemão, aprisionado por sua posição corajosa em defesa do Evangelho: “Não importa quantos obstáculos sejam empilhados, nem o tamanho das pedras roladas no caminho para impedir à Palavra de Deus penetrar: Não é a minha palavra fogo, diz o Senhor, e martelo que esmiúça a penha?”

2. Fé e vista. As mulheres que foram ao sepulcro tinham ouvido de que Jesus iria ressuscitar ao terceiro dia; mesmo assim, vieram embalsamar-lhe o corpo. Como explicar isto? Tinham-no visto morrer, e a vista abalou-lhes a fé.

Quão freqüentemente as coisas que vemos sacodem de nós as verdades espirituais em que acreditamos! Todavia, as coisas reais da vida são invisíveis. Deus, o Invisível, é mais real que o universo visível. A eletricidade é mais real do que a luz por ela produzida. O lar, composto de influências invisíveis, é mais real que a casa. “Porque as [coisas] que se vêem são temporais, e as que não se vêem são eternas” (2 Co 4.18). Não se trata a vida espiritual de crer no que vemos, mas de ver o que cremos.

“E ele desapareceu-lhes” (Lc 24.31). Ele ainda está ausente da nossa vista, mas não da nossa fé. “Ao qual, não havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais” (1 Pe 1.8). Dia haverá em que a fé será transformada em vista. Então o veremos conforme Ele é.

Use sua memória: “Ressuscitou, como havia dito”. As últimas três palavras contêm suave repreensão às mulheres por não se terem lembrado das palavras do Senhor. É importante cultivar a memória em assuntos espirituais, e permanecer no meio de lembranças religiosas. Se alguém deixar morrer o ontem da sua experiência cristã, o amanhã ser-lhe-á algo para temer. Lembre-se das antigas batalhas e vitórias, e dos antigos temores, dissipados como sombra à presença da luz.

O choque da adversidade muitas vezes afasta da nossa memória as promessas que poderiam sustentar-nos. “E te lembrarás de todo o caminho, pelo qual o Senhor teu Deus te guiou” (Dt 8.2).

3. O perigo da religião sem amor. Pela atitude dos líderes religiosos, descobrimos o que Jesus pretendia ao declarar: “Ninguém vem ao Pai, senão por mim”. Ao rejeitarem o Messias, esses homens, apesar de toda a sua teologia e influência, tornaram-se ímpios. Não oravam na sua perplexidade, nem buscavam orientação nas Escrituras.

Os homens que condenaram Jesus à morte eram religiosos; sem dúvida bondosos na vida particular. No entanto, o mesmo pode ser dito daqueles que compunham a Inquisição. Explica-se: estando a religião em desacordo com os propósitos de Deus, deixa de ser inspirada pelo amor, e pode tornar-se em força destrutiva. O que cai do alto, chega ao chão com muito mais força. A religião representa o mais alto relacionamento do homem; corrompida, porém, torna-se a pior perversão do mundo. Lírios apodrecidos cheiram pior que ervas más. O maior obstáculo ao reavivamento espiritual não é a incredulidade, é a “religião” sem poder e amor.

A melhor forma de preservar a experiência espiritual é o amor, descrito em 1 Coríntios 13.

4. A mensagem que comove. A palavra “anjo” quer dizer literalmente “mensageiro”. E a mensagem trazida pelo anjo é modelo para todos os mensageiros do Senhor. Notemos que era simpática: “Não tenhais medo”; sondava o coração: “Pois eu sei que buscais a Jesus”; dava explicações: “Ele não está aqui, porque já ressuscitou”; consolava: “Vinde, vede o lugar onde o Senhor jazia”; dava inspiração: “Ide, pois, imediatamente”.

Consideremos o efeito da mensagem: “E saindo elas pressurosamente do sepulcro... correram a anunciá-lo aos seus discípulos”. Uma bela ilustração da energia que deve caracterizar a obra evangelística! Necessita a Igreja de mais rapidez e energia. É melhor ser criticado por demasiada energia e veemência, que ser desprezado por indolência. Tem-se dito que o erro viaja muitos quilômetros enquanto a verdade lentamente calça os sapatos. A propaganda de Satanás está inundando o mundo enquanto a Igreja dorme e sonha com as glórias do passado. O melhor modo de vencer o enganador é ser mais rápido e eficiente do que ele.

5. O Cristo ressurreto e a verdade do Evangelho. “Em que base o Cristianismo alega ser único?” muitos perguntam. “Outras religiões têm grandes líderes e ensinamentos nobres”. Certo cristão debatia com um maometano os méritos de suas respectivas crenças. O maometano queria saber em que aspecto o Cristianismo era superior ao Islamismo. O cristão perguntou: “Se você tivesse dúvidas acerca do caminho para um determinado lugar, a quem consultaria, a um cadáver, ou a um homem vivo?” A resposta era óbvia. A religião cujo Fundador ressuscitou da morte, e que vive para guiar seus seguidores, tem de ser a verdadeira. Conclusão declarada nas palavras de um advogado a um pastor que acabara de dar uma série de preleções acerca da ressurreição de Jesus: “Apresentou bem o argumento, mas é necessário um veredito. Se Jesus ressuscitou da morte, então a religião que veio estabelecer é verdadeira. Neste caso, é dever óbvio de cada homem aceitá-la e viver à altura dela”.